



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

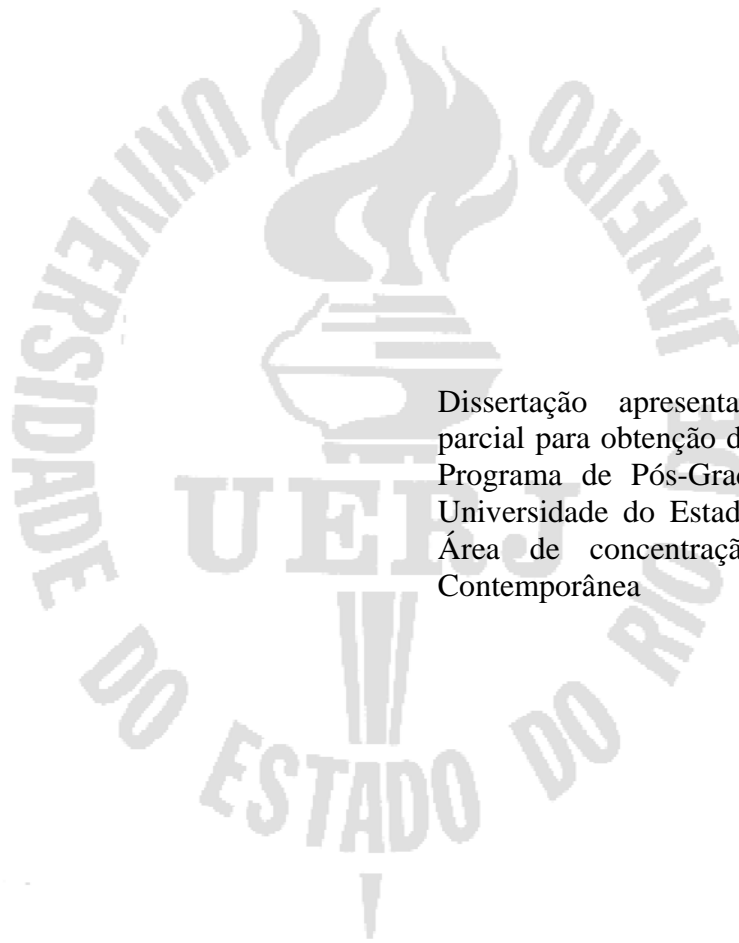
Aline Valadão Vieira Gualda Pereira

**Tramas simbólicas:
a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro
2008

Aline Valadão Vieira Gualda Pereira

**Tramas simbólicas:
a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Ferreira

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

P436 Pereira, Aline Valadão Vieira Gualda.
Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro / Aline Valadão Vieira Gualda Pereira. – 2008.
183 f.: il.

Orientador: Luiz Felipe Ferreira.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Carnaval – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Clóvis (Carnaval) – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Cultura popular – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 4. Estudos interculturais – Rio de Janeiro (RJ) - Teses I. Ferreira, Felipe, 1954-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 394.25(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Aline Valadão Vieira Gualda Pereira

**Tramas simbólicas:
a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:

Aprovada em: 25 de fevereiro de 2008.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Felipe Ferreira (Orientador)

Instituto de Artes - UERJ

Prof. Dr. Rogério Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Ricardo Gomes Lima

Instituto de Artes - UERJ

Rio de Janeiro

2008

DEDICATÓRIA

Ao meu vô Tuil, meu vizinho-sorriso, por ter sido a pessoa mais doce, mais descomplicada e mais feliz que eu já conheci...

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Luiz Felipe Ferreira, por apresentar desafios que me fizeram rever tantos conceitos - aparentemente cristalizados -, sob novas perspectivas.

Aos professores do IART, pela presença amigável e esclarecedora durante toda a etapa desta jornada Acadêmica.

Aos colegas de Mestrado, que me incentivaram a seguir adiante nos momentos mais turbulentos.

Aos colaboradores em geral e, em especial, aos bate-bolas André Luiz (em memória), André Mafra, Carlos Donatillo, André Rangel e Leandro, pela boa vontade e presteza.

À mãe Luci, ao pai Teteu e à Lelitcha, por ajudas materiais e imateriais sem as quais, sem dúvida alguma, eu não teria conseguido...

Ao meu marido, Luiz, pela compreensão, pela companhia e, principalmente, por ter sido tão solidário.

À Ana, por ceder com carinho as suas melhores horas de internet (e tudo mais).

Ao meu filhote Felipe, pelos colinhos que não teve, pelos chamados não atendidos prontamente, pelos lanchinhos rápidos, pela correria e por tudo aquilo que só vive conosco quem está sempre por perto...

árvore
pode ser chamada de
pássaro
pode ser chamado de
máquina
pode ser chamada de
carnaval
carnaval
carnaval
carnaval
carnaval
carnaval

Arnaldo Antunes

RESUMO

PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. *Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro*. 2008. 183 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes – UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

Esta dissertação aborda a manifestação contemporânea das turmas de bate-bolas do carnaval do Rio de Janeiro. As turmas de bate-bolas podem ser compreendidas como grupos de foliões que se fantasiam e se comportam de maneiras peculiares. Em relação à visibilidade que outras manifestações carnavalescas alcançam – como é o caso, por exemplo, do desfile das escolas de samba – pode-se considerar que há poucos estudos voltados para os bate-bolas. Dentre os estudos sobre os bate-bolas, percebe-se uma predominância da compreensão do conceito de cultura popular como o campo da tradição, da pureza e da autonomia cultural, em relação à cultura de massa. Este trabalho propõe uma abordagem diferente da convencional, entendendo a manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas pelas suas transformações e diferenças. Para isto, baseia-se nos pressupostos dos Estudos Culturais, que constituem uma disciplina para a qual a impureza cultural é o critério fundamental de estudo da cultura popular, que é vista como uma arena de disputa de significados simbólicos. De forma a aplicar estes preceitos à situação atual das turmas de bate-bolas, este trabalho analisa as diferentes maneiras pelas quais os fantasiados formulam as suas visões particulares da brincadeira, especialmente através das configurações de elementos materiais e de elementos performáticos associados a diferentes tipos de comportamentos relacionados aos bate-bolas contemporâneos.

Palavras-chave: Turmas de bate-bola. Carnaval. Rio de Janeiro. cultura popular. Estudos Culturais.

ABSTRACT

This research addresses the contemporary manifestation of the groups of “bate-bolas” of the carnival in Rio de Janeiro. The groups of “bate-bolas” can be understood as groups of individuals which disguise themselves and behave in peculiar ways. Regarding the visibility that other events carnival reach - as is the case, for example, of “Escolas de Samba” - it can be considered that there are few studies focused on the “bate-bolas”. Among the studies on the “bate-bolas”, realizes is a predominance of understanding of the concept of popular culture as the field of tradition, the purity and cultural autonomy, in relation to mass culture. This research proposes an approach different from conventional, meaning a manifestation of the groups of “bate-bolas” for their contemporary transformations and differences. For this, based on the assumptions of Cultural Studies, which are a subject which the cultural impurity is the fundamental criterion of study of popular culture, which is seen as an arena of dispute symbolic meanings. In order to implement these precepts to the current situation of the groups of “bate-bolas”, this work examines the various ways in which the revelers formulate their visions of private joke, especially throughing of materials and configurations of elements of elements associated performer a different types of behaviors related to “bate-bolas” contemporaries.

Keywords: Groups of “bate-bolas”. Carnival. Rio de Janeiro. Popular culture. Cultural Studies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Apresentação	10
Justificativa	12
Objetivos	14
Metodologia	14
1 OS BATE-BOLAS, SOB VISÕES DISTINTAS	19
1.1 Introdução	19
1.2 Algumas visões gerais sobre os bate-bolas	19
1.3 Os bate-bolas vistos pelos pesquisadores	24
1.4 Os bate-bolas vistos por eles mesmos	28
1.5 Bate-bolas: outras considerações	35
1.6 Proposta de abordagem dos bate-bolas na contemporaneidade	47
2 DINÂMICA E DISSENSO NO CARNAVAL DOS BATE-BOLAS CONTEMPORÂNEOS	53
2.1 Aspecto coletivo das turmas de bate-bolas atuais	54
2.1.1 <u>O nome</u>	54
2.1.2 <u>O emblema</u>	55
2.1.3 <u>O hino</u>	59
2.1.4 <u>O lema</u>	60
2.1.5 <u>O bandeirão</u>	61
2.1.6 <u>A camiseta</u>	61
2.1.7 <u>Elementos diversos</u>	63
2.2 Aspectos materiais dos bate-bolas contemporâneos	63
2.2.1 <u>O macacão</u>	64
2.2.2 <u>A capa, a casaca e o bolero</u>	70
2.2.3 <u>A máscara</u>	76
2.2.4 <u>O meiões e as luvas</u>	80
2.2.5 <u>Os calçados</u>	82
2.2.6 <u>A bexiga</u>	84
2.2.7 <u>A sombrinha</u>	86
2.2.8 <u>A bandeira</u>	88

2.2.9 <u>O bicho</u>	88
2.2.10 <u>Outros elementos</u>	90
2.3 Aspectos performáticos das turmas de bate-bolas atuais	91
2.3.1 <u>As festas</u>	92
2.3.2 <u>As saídas das turmas</u>	95
2.3.3 <u>Os concursos</u>	97
3 OS ESTILOS DAS TURMAS DE BATE-BOLAS: TRAMAS SIMBÓLICAS	101
3.1 Os estilos como sistemas de classificação	102
3.1.1 <u>Estilo “bola e bandeira”</u>	108
3.1.2 <u>O estilo “sombriinha”</u>	110
3.1.3 <u>O estilo “emília”</u>	112
3.1.4 <u>O estilo Rastafári</u>	116
3.1.5 <u>Estilo “bujão”</u>	118
3.2 Estilos mutantes e mutantes de estilo	119
4 BATE-BOLAS CONTEMPORÂNEOS CARIOCAS E OS ESTUDOS CULTURAIS	122
4.1 Aplicabilidade dos Estudos Culturais na análise das turmas de bate-bolas cariocas contemporâneas	123
4.2 Os bate-bolas, no contexto social mais amplo	129
CONCLUSÃO	135
REFERÊNCIAS	141
ANEXO A – MODELOS DOS QUESTIONÁRIOS UTILIZADOS NAS PESQUISAS DE OPINIÃO	146
ANEXO B – REGISTROS DAS ENTREVISTAS PRESENCIAIS	147
ANEXO C – LEVANTAMENTO DAS TURMAS DE BATE-BOLAS MENCIONADAS EM COMUNIDADES DO ORKUT E EM ENTREVISTAS COM OS FANTASIADOS	181

INTRODUÇÃO

Apresentação

Quando se fala no carnaval do Rio de Janeiro, pensa-se, normalmente, nos desfiles das escolas de samba que concentram agremiações do próprio município e da região do Estado chamada de Grande Rio e atraem turistas locais e internacionais. No discurso definidor do carnaval carioca, a disputa das escolas de samba (principalmente aquelas do chamado Grupo Especial) é o elemento primordial, tanto no que se refere à captação de recursos quanto nas projeções veiculadas pela mídia em geral durante o período carnavalesco.

Se nos referirmos, porém, de forma mais abrangente às manifestações que ocorrem no Rio de Janeiro durante o carnaval, a apresentação das escolas de samba não aparece sozinha. Além do desfile das escolas de samba há outros “carnavais” e neles há diferentes possibilidades de brincadeiras. Dentre elas, destacamos os chamados “carnavais populares”, eventos realizados, quase sempre, em espaços públicos longe dos grandes pólos centrais da folia: as passarelas oficiais dos desfiles.

Muito louvados nos últimos anos, os carnavais populares, também conhecidos como carnavais de rua, costumam ser associados, principalmente, aos blocos e bandas que vêm povoando, em número crescente, os diferentes logradouros públicos da cidade durante o carnaval e nas duas semanas que o antecedem. (PIMENTEL, 2002; FERREIRA, 2007). Entretanto além desses grupos outras formas de divertimento têm ocupado os espaços urbanos cariocas nos dias de folia. Entre elas destacamos os bate-bolas ou clóvis, descritos genericamente como foliões fantasiados que se divertem assustando as pessoas com o barulho produzido por bexigas³⁷ cheias de ar batidas contra o chão.

Nosso contato com os bate-bolas esteve relacionado durante muito tempo aos carnavais da infância passada no bairro de Paciência, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, na década de 1980. Nesta época, os bate-bolas eram vistos como a maior atração do carnaval local e, por conta de sua manifestação, eram feitas algumas brincadeiras. Uma delas consistia em aguardar os grupos de bate-bolas passarem na rua para cantar em coro provocações do tipo “Bate-bola, bate pé, usa roupa de mulher, se for homem vem aqui, se for bicho fica aí”

³⁷ Antigamente, tratava-se da bexiga de animais, como o porco ou o boi, que era secada, inflada e amarrada a um bastão de madeira, sendo então usada para assustar as pessoas com o barulho produzido ao ser batida violentamente contra o chão. Posteriormente, a bexiga animal ganhou um similar industrializado feito de material plástico, mantendo, entretanto a denominação de origem.

ou “Mascarado pé de pato, comedor de carrapato”. Também era costume tentar chegar perto dos bate-bolas o suficiente para tocar nas suas fantasias coloridas e brilhantes e depois correr para fugir das “boladas” que eles poderiam dar, com suas bexigas. Depois que os grupos de bate-bolas passavam, costumávamos recolher do chão os espelinhos e lantejoulas que se soltavam das fantasias.

Nessa época, os bate-bolas eram vistos pelos adultos com uma espécie de desconfiança. Se chegávamos perto deles para cantar nossas provocações, era em desobediência às regras impostas pelos mais velhos. Desta forma, não sabíamos mais sobre os bate-bolas do que aquilo que nossa rápida aproximação nos permitia observar. As informações sobre sua história, sobre as “regras” de sua brincadeira, ou sobre as outras localidades onde eles também se manifestariam eram-nos completamente desconhecidas.

A oportunidade de pesquisar os bate-bolas contemporâneos possibilitou-nos a melhor compreensão de uma manifestação aparentemente familiar, mas também nos confrontou com um universo muito diferente daquele que tínhamos na memória.

Atualmente, os bate-bolas parecem manifestar-se com uma complexidade e uma organização bastante diversas das de duas décadas atrás. Se a figura solitária ou os pequenos grupos eram, então, a organização mais comum, atualmente sua principal forma de expressão se dá por meio de formações identitárias coletivas popularmente conhecidas como “turmas de bate-bolas”.

Parece haver um movimento crescente de turmas de bate-bolas circulando nos carnavais da cidade do Rio de Janeiro, ocupando seus arredores e engendrando especificidades marcantes de comportamento e de visualidade, que se desfazem e se refazem de forma híbrida e dinâmica. Estas especificidades – como, por exemplo, a denominação ou o conjunto de elementos comportamentais e visuais que os caracterizam, incorporando influências diversas – conferem ao universo dos bate-bolas uma gama variada de tipos, que são classificados pelos brincantes em categorias diferenciadas, chamadas por eles de “estilos”.

É este hibridismo dinâmico, que não cessa de tramar novas possibilidades de manifestação dos bate-bolas e que, acreditamos, se dá no entrelaçar de elementos simbólicos, que, de uma forma geral, interessa a este trabalho.

Justificativa

Uma das dificuldades iniciais desta pesquisa resultou da carência de estudos específicos sobre os bate-bolas do Rio de Janeiro. Salvo alguns textos predominantemente descritivos, não encontramos trabalhos que se dispusessem a analisar a fundo a manifestação dos bate-bolas e a procurar entender as suas peculiaridades.

Os estudos dos quais dispusemos abordam os bate-bolas como uma manifestação essencialmente folclórica, ressaltando os seus atributos de tradição e pureza cultural e sua ocorrência em espaços rurais ou periféricos. Embora alguns destes estudos tenham reconhecido uma certa abertura da brincadeira à incorporação de influências do meio (ZALUAR, 1978; FRADE, 1979), foi naquilo que a manifestação pareceu ter de regular e constante que eles centraram seus focos.

Considerando-se a diversidade de formatos que a brincadeira dos bate-bolas assume na atualidade, torna-se pouco elucidativo abordá-los sob os mesmos pontos de vista dos estudos pregressos. Ainda que eles continuem sendo compreendidos como fantasiados tradicionais do carnaval de rua do Rio de Janeiro, é necessário repensar o conceito de tradição, entendendo-o como algo dinâmico, como define Hall:

A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das formas culturais. (...) Os elementos da tradição podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância. (HALL, 2003, p. 243).

Ao compreender a manifestação dos bate-bolas como uma tradição que se reorganiza e que adquire outros significados e relevâncias, problematiza-se também a noção de pureza cultural. Conforme afirmam alguns autores, o clamor pela pureza das práticas culturais é uma espécie de mito que se ancora na noção de cultura popular enquanto campo de resistência contra as investidas da moderna indústria cultural (CHARTIER, 1995; CANCLINI, 1997; STOREY, 2003b). No sentido de rever este conceito, encontram-se estudos relativamente recentes que têm afirmado que “em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha”, pois “todas as formas culturais são mais ou menos híbridas”. (BURKE, 2006, p. 101-2).

Outro problema gerado pela abordagem “folclórica” é que ela circunscreve a produção e a circulação das manifestações culturais populares ao âmbito rural/periférico. Se as turmas de bate-bolas costumam ser vistas com mais freqüência nos carnavais dos bairros periféricos do Rio de Janeiro e adjacências, elas também ocorrem nos bairros mais centrais do município. Percebemos a manifestação em determinados locais, e não em outros, como algo contingente, pois apesar de haver um direcionamento teórico que discursse em favor da identidade rural/periférica dos bate-bolas como correspondência com a condição de ser uma

manifestação popular, não há regras tácitas que restrinjam esses grupos a circular somente em determinados espaços geográficos. Observamos ainda que, contemporaneamente, os bate-bolas costumam identificar-se ou diferenciar-se uns dos outros fazendo referência a determinadas localidades do Rio de Janeiro. É corrente entre eles, por exemplo, a idéia de que o bate-bola de Santa Cruz é o mais tradicional; o bate-bola de Realengo costuma ser visto como o mais inovador e o de Marechal Hermes como agressivo e hostil. O que torna tais relações intrigantes é o fato de que o bate-bola de Realengo, por exemplo, não possui necessariamente um vínculo territorial com o bairro. Há “bate-bolas de Realengo” manifestando-se, por exemplo, no bairro do Recreio dos Bandeirantes. Situações semelhantes podem ocorrer com os demais exemplos citados, demonstrando que as referências de lugar podem servir como categorias de classificação de identidades.

A respeito das relações que podem ser estabelecidas entre o território e as identidades, muito tem sido dito atualmente, principalmente no que concerne a compreensão do lugar enquanto espaço vivido, enquanto referência simbólica, e não necessariamente como localização geográfica. A este exemplo, podemos considerar que:

Uma das bases que pode dar mais consistência e eficácia ao poder simbólico da identidade são os referenciais concretos aos quais ela faz referência para ser construída. (...) o símbolo sempre precisa de um referencial concreto para se realizar. Este referente pode ser, por exemplo, um recorte ou uma característica espacial, geográfica, e neste caso podemos ter a construção de uma identidade pelo/com o território. (HAESBAERT, 1999, p. 178).

E ainda:

Todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Saïd chama de suas “geografias imaginadas”: suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de casa/ lar, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas. (HALL, 2005, p. 76).

A proposta desta pesquisa é considerar aspectos como estes aqui expostos, na análise da manifestação contemporânea dos bate-bolas. Acredito na relevância desta iniciativa por três motivos principais.

O primeiro deles diz respeito à abordagem de um elemento de expressão crescente na cultura popular carioca, que ainda não foi detalhadamente pesquisado e que costuma ser simplificado por visões parciais e depreciativas que costumam ser corroboradas por parte da mídia e da opinião pública ao destacar o suposto caráter violento e desordeiro dos bate-bolas.

O segundo motivo relaciona-se ao fato de que, por não se constituir em um saber tradicional bem delimitado, com regras bem definidas e constantes de manifestação, e por incorporar influências variadas que fazem dela uma prática dinâmica e multifacetada, a brincadeira dos bate-bolas costuma ter um valor diminuído enquanto “cultura popular”. A abordagem que estamos propondo não só aceita as transformações e diferenças inerentes às

manifestações contemporâneas dos bate-bolas, mas as compreende como processos imanentes à própria definição de cultura popular. Esta visão busca superar sua abordagem dicotômica, que a concebe unilateralmente ou enquanto campo de resistência ou enquanto campo de dominação cultural.

O último motivo diz respeito à análise das turmas de bate-bolas como grupos que incorporam identidades culturais coletivas, a exemplo de outros grupamentos jovens atuais, tão visíveis aos estudiosos da contemporaneidade.

Objetivos

O objetivo principal deste estudo é demonstrar a complexidade da manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas.

Com isso, também espera-se contribuir para adensar a discussão sobre o conceito de cultura popular, pois ao compreender as turmas de bate-bolas como práticas culturais, estaremos problematizando alguns dos critérios que usualmente as desqualificariam enquanto tais, como por exemplo as compreensões de tradição, pureza cultural, e do próprio termo “popular”.

Outro dos objetivos é, então, abarcar a manifestação das turmas de bate-bolas da atualidade no rol das práticas culturais populares, através do enfoque nas tensões e dinâmicas incorporadas nos elementos simbólicos que as caracterizam.

Pretende-se exibir as articulações entre certos elementos materiais e determinados elementos performáticos, que constituem os “estilos” por meio dos quais as turmas de bate-bolas buscam se identificar e de diferenciar umas com as outras atualmente.

Além disso, procuram-se identificar alguns dos discursos que engendram sentidos para as práticas dos bate-bolas, no intuito de verificar de que forma seu entrecruzamento pode nos auxiliar a formular uma nova definição da brincadeira, que a contemple da forma como ela acontece nos dias atuais.

Metodologia

Na ocasião das investigações iniciais para este trabalho, o primeiro ímpeto foi o de pesquisar a história dos bate-bolas, para, a partir daí, tentar compreender como e por que estas mudanças se processaram. Havia, então, uma expectativa bastante positiva sobre a disponibilidade de materiais que esclarecessem os questionamentos que começavam a surgir.

Poucos meses antes do início formal da pesquisa havia sido lançado um documentário sobre os bate-bolas³⁸, indicando que o interesse sobre eles não deveria ser tão restrito. Entretanto, a despeito destas expectativas, encontramos uma quantidade bastante limitada de trabalhos dedicados ao tema.

As fontes de informação teórica que reuni incluem o artigo da antropóloga Alba Zaluar (1978) dedicado exclusivamente aos bate-bolas e textos variados que encontramos no corpo de trabalhos sobre carnaval, cultura popular e folclore, escritos por nomes importantes das áreas de antropologia e cultura, como Cáscia Frade (1979), Roberto da Matta (1981), Lélia Gonzales (1989) e Lélia Coelho Frota (2005). Incluímos aqui também o texto de Dinah Guimaraens (1992) produzido para o catálogo de uma exposição centrada nos bate-bolas ocorrida no ano de 1992 na Sala do Artista Popular do Museu Edison Carneiro, na cidade do Rio de Janeiro.

Outras fontes das quais me utilizei foram as pesquisas de opinião com dois grupos distintos de informantes. A ambos foram aplicados questionários mistos, com questões abertas e fechadas. Um dos questionários destinou-se ao público em geral, enquanto que o outro foi aplicado a integrantes de turmas de bate-bolas.

A primeira pesquisa, direcionada ao senso comum, reuniu um total de 100 entrevistas, distribuídas por localidades diferentes do município do Rio de Janeiro e por cinco municípios da região do Grande Rio. Os municípios abrangidos pela pesquisa foram escolhidos por serem localidades de manifestação dos bate-bolas. Aplicamos quatro questionários em cada local, conforme a distribuição mostrada na Tabela 1.

Bairros da Zona Norte do município do Rio de Janeiro	Bairros da Zona Sul do município do Rio de Janeiro	Bairros da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro	Bairros do Centro do município do Rio de Janeiro	Municípios do Grande Rio
Madureira	Botafogo	Bangu	Central	Duque de Caxias
Marechal Hermes	Copacabana	Barra da Tijuca	Cinelândia	Itaguaí
Méier	Flamengo	Guaratiba	Estácio	Niterói
São Cristóvão	Ipanema	Jacarepaguá	Praça XV	Nova Iguaçu
Tijuca	São Conrado	Santa Cruz	Santa Teresa	São Gonçalo

Tabela 1 – A tabela demonstra os bairros nos quais se aplicaram pesquisas de opinião, em diferentes regiões do município do Rio de Janeiro e regiões do Grande Rio

Dentro de cada área as localidades foram escolhidas aleatoriamente. Em cada uma delas, também não houve critérios específicos para a abordagem dos entrevistados.

³⁸ Trata-se do documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha” lançado em março de 2006. Nele, o diretor Marcus Faustini fornece-nos uma idéia das manifestações contemporâneas dos bate-bolas na cidade, classificados no filme em dois grupos distintos que materializam suas diferenças pelo uso de complementos como a bexiga ou a sombrinha. O cineasta acompanha algumas turmas de bate-bolas nos preparativos para o carnaval de 2005 e durante suas brincadeiras. Ele afirmou em entrevista ter sido motivado pelo contato que tivera com os fantasiados enquanto residia em Santa Cruz e que, segundo ele, não havia sido suficiente para decifrar os motivos pelos quais os brincantes se dedicavam a brincadeira.

Os questionários desta pesquisa, cujo modelo encontra-se no Anexo I, solicitavam respostas para as seguintes questões:

- 1- Você já ouviu falar em bate-bola?
- 2- Você já viu um bate-bola pessoalmente?
- 3- O que é um bate-bola, na sua concepção?
- 4- Mencione uma palavra que resume a idéia que você faz do bate-bola.

A pesquisa direcionada aos bate-bolas reuniu um total de 30 entrevistas, aplicadas aleatoriamente, seguindo um único critério de abordagem: tratar-se de alguém que participa de uma turma de bate-bola.

Aos entrevistados, foram solicitadas respostas para as seguintes questões, cujo modelo de questionário também se encontra no Anexo I:

- 1- Em que turma você sai?
- 2- Em que bairro mora?
- 3- Qual é sua idade?
- 4- Trabalha ou estuda? (especificar)
- 5- Como você define um bate-bola?
- 6- Por que você se fantasia de bate-bola?

Realizamos também algumas entrevistas presenciais abertas, transcritas no Anexo II, com Cristiane Braz e Marcus Vinícius Faustini, respectivamente pesquisadora e diretor do documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”; com os comerciantes Hélio, Rita e Regina, donos de bazares que vendem fantasias usadas de bate-bola nos bairros de Realengo, Campo Grande e Marechal Hermes, respectivamente; com o gerente comercial da loja Tico Tecidos de Madureira, Luiz, apontada como uma das grandes fornecedoras de tecidos para os líderes de turmas de bate-bolas; com os informantes André Luís da Turma do Eufrazino, André “kvera” e Carlos Donatillo, da Turma da Tropa, Jeovani, da Turma Vila Eugênia, Everton, da Turma Everton do Bate-bola, Leandro e Break, do Grupo Enigma, Renato e Rogério, da turma Dick Vigarista e Renato Sepúlveda, da Turma Arco-Íris. Além destas, realizei também contatos não-presenciais, através da Internet, com os seguintes informantes: Leonardo Motta, que confecciona casacas para turmas de bate-bolas e também integra a turma Caos de Jacarepaguá; Enéas, do bairro de Irajá, que confecciona sombrinhas e casacas para turmas de bate-bolas em geral; Jairinho, integrante da Turma do Caneco; Dyordi, integrante da Turma Anjos da Loucura; Roberto, integrante da turma Freddy e Jason; Raphael, da Turma Magia; Thiago, da Turma Manto de Cascadura; Bruno, da turma Coyote de Paciência; Kleber,

da Turma Duas Faces de Realengo; Anderson Leonardo, da Turma Velha Guarda de Realengo; Eduardo, da Turma Edclown e Adriano, da Turma Revelação de Bento Ribeiro.

Além disso, utilizamos como fontes de pesquisa o documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”; o *site* Orkut de relacionamento, onde encontramos aproximadamente cento e quarenta comunidades virtuais relacionadas aos bate-bolas; o *site* de vídeos Youtube onde encontramos dezenas de gravações com conteúdos ligados aos bate-bolas; o *site* Flogão, que é uma espécie de fotolog, ou seja, espaço virtual para a exibição de fotografias que podem ser comentadas pelos visitantes, no qual se encontram dezenas de álbuns virtuais de fotografias de turmas de bate-bolas, que costumam ser atualizados constantemente; os *sites* da *Turma Fascinação*, da *Turma do Índio* e da *Turma Anjos da Loucura*, bem como alguns periódicos como a Revista Fon Fon, a Revista Careta, o jornal O Globo, o jornal Extra, o jornal Expresso da Informação, o jornal Meia Hora e o jornal Folha de São Paulo, e também o periódico eletrônico Última Hora News.

Com a finalidade de presenciar os momentos de definição, projeto e prática da brincadeira carnavalesca, dedicamo-nos ao trabalho de campo com alguns grupos de bate-bolas dos bairros de Campo Grande, Recreio, Realengo, Marechal Hermes, Guadalupe e Oswaldo Cruz, no município do Rio de Janeiro, que foram, respectivamente, a Turma do Eufrazino, a Turma da Tropa, a Turma Dick Vigarista, o Grupo Enigma, a Turma Folia e a Turma Magia (as três últimas de Marechal Hermes), a Turma Everton do Bate-bola e a Turma Havita do AP. Estes grupos foram selecionados em função de suas visualidades serem bastante heterogêneas entre si, proporcionando uma amostragem de algumas das formas variadas pelas quais os bate-bolas podem se manifestar.

Outras turmas de bate-bolas foram observadas à distância durante os carnavais de 2007 e 2008 na Cinelândia, em Santa Cruz, em Campo Grande, em Realengo, em Marechal Hermes, em Bento Ribeiro, em Honório Gurgel e em Rocha Miranda. Na Cinelândia pudemos acompanhar o concurso de fantasias de turmas de bate-bolas, realizado às terças-feiras de carnaval. A disputa ocorre na Cinelândia, chamada de “Concurso Folião Original”, e é promovido pela Riotur premiando com valores em dinheiro diferentes modalidades de fantasias. Os bate-bolas são julgados dentro da categoria que a Riotur chama de “turma de clóvis”. Os registros das visitas a cada localidade foram feitos por meio de fotografias, de filmagens e de anotações.

Apesar de fartamente apoiado na visualidade, este estudo não se resumirá a uma descrição tipológica das diferentes variantes de grupos de bate-bola. Ao abordar as características que definem cada turma, ao descrever os diversos elementos que compõem as

indumentárias, procuraremos destacar seu caráter eminentemente dinâmico, reflexo de uma variada gama de interesses.

A fundamentação teórica para esta análise será realizada dentro dos pressupostos dos Estudos Culturais, um campo teórico de compreensão da cultura que atenta para as manifestações culturais em suas práticas cotidianas e conflituosas.

1 OS BATE-BOLAS, SOB VISÕES DISTINTAS

1.1 Introdução

As festas carnavalescas de certas localidades do Rio de Janeiro apresentam manifestações bem diferentes daquelas que o imaginário global associa ao carnaval carioca.

Em alguns lugares do Estado circulam foliões mascarados usando roupas coloridas e fazendo gestos extravagantes, e que são os protagonistas dos carnavais locais.

Quem seriam estes fantasiados tão curiosos, conhecidos popularmente como bate-bolas? De onde eles teriam vindo? Teriam eles alguma relação com os antigos palhaços ou com as manifestações tidas como folclóricas, como se costuma ouvir falar?

Partindo em busca de soluções para estas questões, percebemos a coexistência de respostas diferenciadas, e decidimos considerá-las todas, de forma a tentar compreendê-las umas em relação às outras, e também a evitar descartar informações sobre a manifestação que poderiam vir a se mostrar relevantes no decorrer do estudo.

Assim, neste capítulo, reuni algumas visões sobre a manifestação dos bate-bolas e as histórias que circulam sobre as suas origens. Estas visões foram extraídas de meios diferenciados, a saber: o que chamamos de senso comum, e que corresponde às opiniões da sociedade em geral; da mídia impressa e do Ecomuseu de Santa Cruz; dos estudos acadêmicos e do universo dos bate-bolas (representado por integrantes de turmas, comerciantes e demais profissionais envolvidos na realização da brincadeira).

1.2 Algumas visões gerais sobre os bate-bolas

Difícilmente se encontra no Rio de Janeiro quem nunca tenha ouvido falar em bate-bolas (ou clóvis). Algumas pessoas nunca viram pessoalmente um desses fantasiados, mas têm condições de defini-lo com base nas informações que circulam no próprio senso comum e na mídia.

A fim de extrair uma idéia geral sobre os bate-bolas, realizamos uma pesquisa de opinião reunindo 100 formulários compostos por questões fechadas e abertas³⁹ dirigida a colaboradores selecionados aleatoriamente. As questões foram elaboradas de forma a extrair dois tipos básicos de informação: um de caráter objetivo e outro de caráter subjetivo. Ou seja,

³⁹ Nas páginas 15 e 16 estão disponíveis maiores informações sobre esta pesquisa.

buscamos no primeiro momento saber o que é o bate-bola, e no segundo momento, procuramos extrair do entrevistado que tipo de valor ele associa ao fantasiado.

Dos entrevistados que afirmaram conhecer o bate-bola, todos disseram tratar-se de um fantasiado do carnaval. Grande parte destes (88%) mencionou que ele bate nas pessoas ou que corre atrás delas; 68,4% identificaram-no como mascarado; 61,9% falaram de seu caráter assustador. Ainda entre os conhecedores do bate-bola, 44,5% deles os relacionaram ao subúrbio e 20,6% associaram a ele a palavra “tradição”.

Destes resultados, podemos propor que, de forma geral, os bate-bolas costumam ser definidos das seguintes maneiras:

- em primeiro lugar, eles seriam fantasiados que batem nas pessoas ou correm atrás delas;
- em segundo lugar, usariam máscaras;
- em terceiro lugar, seriam assustadores;
- em quarto, lugar, circulariam no subúrbio;
- em quinto lugar, seriam tradicionais.

Ao serem solicitadas a dizer uma palavra que resumisse a idéia que têm do bate-bola, os entrevistados mencionaram com mais frequência “carnaval”, “perigoso”, “assustador”, “violento”, “medo”, “marginal”, “tradição”, “pobre”, “zoação” e “amizade”⁴⁰.

Considerando-se que estas palavras carregam valorações positivas ou negativas (excetuando a palavra “carnaval”, entendida como uma alusão ao período de tempo em que se dá a festa carnavalesca), agrupei-as de forma a perceber como os bate-bolas são valorados, de uma forma geral (ver Tabela 2).

⁴⁰ Também foram mencionadas pelo menos duas vezes, as palavras “união” (3), “paixão” (3), “favelado” (3), “colorido” (3), “alegria” (3) e “orgulho” (2). Outras palavras foram mencionadas uma só vez cada uma: “arte”, “horrível”, “matador”, “carioca”.

Palavras de conotação positiva, mencionadas num total de 31 vezes	Palavras de conotação negativa, associadas ao bate-bola num total de 48 vezes
<i>tradição</i>	<i>perigoso</i>
<i>zoação</i>	<i>assustador</i>
<i>união</i>	<i>violento</i>
<i>amizade</i>	<i>medo</i>
<i>paixão</i>	<i>marginal</i>
<i>colorido</i>	<i>pobre</i>
<i>alegria</i>	<i>favelado</i>
<i>orgulho</i>	<i>horrível</i>
<i>arte</i>	<i>matador</i>
<i>carioca</i>	-

Tabela 2 - Palavras que demonstram valorações positivas e negativas associadas pelo senso comum à manifestação dos bate-bolas

Dos entrevistados, 31 associaram o bate-bola às palavras tradição, “zoação” (que compreendi como sinônimo de divertimento), amizade ou união. Interpretei este resultado como expressão de uma valoração positiva do fantasiado.

Entretanto, a maioria das respostas revelou existir uma idéia predominantemente negativa sobre os bate-bolas. Do total de entrevistados, 48 afirmaram pensar neles como sendo perigosos, assustadores ou violentos.

A visão negativa que o senso comum associa aos bate-bolas encontra correspondência nas reportagens veiculadas na mídia, como se pode ver a seguir:

Em Marechal Hermes o carnaval de rua morreu definitivamente. As famosas batalhas de confete agora se transformaram em batalhas de gangues, que se escondem atrás das máscaras de bate-bolas para agir como baderneiros. (O Globo, 2000, p. 2).

Briga numa festa popular em Marechal Hermes acaba em tiroteio com um PM morto e dez pessoas feridas: (...) A confusão aconteceu na Praça Boa Esperança, em Marechal Hermes, onde era realizada uma festa de bate-bolas. Nem o apelo à paz estampado em todo o local impediu que o carnaval do bairro terminasse em tiroteio. (O Globo, 2001, p. 14).

Policiais do 13 ° BPM (Praça Tiradentes) apreenderam na madrugada de ontem, no Centro do Rio, cerca de 150 porretes que eram usados por um grupo de bate-bolas de Bento Ribeiro. (...) Minutos antes da apreensão, os bate-bolas, que estavam fantasiados de ursos, provocaram um tumulto quando brigaram com um grupo rival na Rio Branco. (O Globo, 2002, p. 13).

Uma pessoa morreu e cinco ficaram feridas na madrugada de ontem numa briga envolvendo turmas rivais de bate-bolas, em Marechal Hermes. Três pessoas foram presas e duas delas são PMs. Eles são acusados de terem assassinado com um tiro na cabeça Elias de Oliveira Pacheco, de 26 anos, que estava em um dos grupos, e de terem baleado as outras vítimas.

O tumulto começou junto à estação de Marechal Hermes. O grupo de bate-bola Aflição, que desfila há seis anos pelas ruas do bairro, subiu a passarela da estação pela Rua João Vicente. Do lado contrário, os rivais do Vagabond's e Disque-Denúncia subiram pela Rua Carolina Machado. Os dois grupos entraram em conflito em cima da passarela. (...) (O Globo, 2003, p. 10).

Seis adultos e cinco menores foram detidos, na noite desta segunda-feira, quando brincavam o carnaval fantasiados de bate-bola na Rua Sapopemba, no subúrbio de Bento Ribeiro, na Zona Norte. O grupo usava, sobre a fantasia, coletes que traziam na parte da frente o retrato do líder nazista Adolf Hitler segurando um fuzil e, na parte de trás, a cruz suástica, símbolo do nazismo. (...) Durante o patrulhamento na área de Marechal Hermes, onde há um grande número de pessoas fantasiadas de bate-bola, o 9º BPM (Rocha Miranda) apreendeu, também, inúmeros cacetetes que serviriam para os foliões atacarem rivais. (Home page Última Hora News, 2006).

Uma briga entre gangues de bate-bolas resultou numa pessoa baleada, na noite de ontem, na Cinelândia, Centro do Rio. De acordo com a polícia, um menor de 16 anos levou um tiro na nádega após o confronto entre sua gangue e outro grupo, que estava vestido de preto. (O Globo, 2007, p. 10).

Apesar de realçar as características negativas associadas à manifestação dos clóvis, percebe-se na mídia uma outra vertente de reportagens, que tende a abordar os bate-bolas com outros enfoques:

O cartunista Arionauro da Silva Santos, de Realengo, venceu o 10º Salão Carioca de Humor – (...) Engana-se quem pensa que a vida do cartunista é uma tirinha engraçada. Para levar o seu humor ao público e dar conta das encomendas, Arionauro trabalha cerca de 12 horas por dia. Folga, nem no carnaval. Nessa época, o artista está ocupado, criando diferentes desenhos que adornarão os boleros dos bate-bolas de Realengo, um dos mais tradicionais personagens da folia de Momo na cidade. (O Globo, 1998, p. 15).

Nos últimos seis anos, as lentes do fotógrafo Gustavo Stephan rastrearam a Zona Oeste de ponta a ponta - de Realengo a Mangaratiba, de Padre Miguel a Itaguaí - e captaram o que há de mais original e tradicional em termos de carnaval de rua. São foliões anônimos que transbordam alegria durante quatro dias. Às vezes, nem sempre de cara limpa: escondidos atrás de fantasias multicoloridas, os bate-bolas (ou clóvis) fazem a festa e metem medo - mas, claro, um medo salutar, inocente, imaginário. De rua em rua, eles escrevem mais um capítulo de um carnaval teimoso, resistente. (O Globo, 1998, p. 10)

As máscaras e as roupas podem até assustar, mas, quando os clóvis saem às ruas, o clima é de festa e diversão. Tradicionais na Baixada, os grupos de bate-bolas tentam atrair a atenção das pessoas pela beleza das fantasias e pela animação. (O Globo, 2000, p. 11).

Foliões suportam calor debaixo de fantasia mas se dizem recompensados pela reação do público - Carnaval de rua sem eles na Zona Oeste não teria a menor graça. Coloridos e animados, os grupos de clóvis e bate-bolas correm os bairros nos dias de folia perpetuando um costume de muitas décadas. (O Globo, 2003, p. 9).

Aos olhos de muita gente, é no subúrbio que permanece viva a essência do verdadeiro carnaval carioca. Tal afirmação, elogiosa à primeira vista, tem dois lados. A julgar por ela, o carnaval de subúrbio seria pura e simples festa folclórica, aborrecidamente imutável, e seu significado, o mesmo de uma festa de rua qualquer: pura diversão e só para quem dele participa, e rigorosamente nenhum para quem não participa.

Nessa visão, os clóvis, ou bate-bolas, uma das expressões mais populares dos festejos no subúrbio, seriam simplesmente garotos fazendo a sua farra particular nas ruas metidos em fantasias caseiras. (O Globo, 2005, p. 1).

Fantasiado, funk também põe seus blocos na rua – Tradição nos dias de folia do subúrbio carioca, os bate-bolas deram um novo ritmo ao carnaval do Rio - As turmas de mascarados trocaram o samba pelo funk e saem hoje para desfilarem. Coloridos, barulhentos e sempre cobertos da cabeça aos pés, os integrantes dos grupos de bate-bolas gravam, inclusive, “batidões” para animar suas festas, quase sempre realizadas nas ruas de bairros das zonas norte e oeste do Rio. (...) Os bate-bolas tentam melhorar a imagem. No início da década, brigas entre turmas rivais levaram confusão aos bailes populares nos bairros a algumas mortes (*sic*). “Isso já acabou. Todos já se conhecem e mudamos até a roupa para tentar tirar esse estigma”, disse Manga. A maioria das turmas opta por estampas infantis. Os personagens da Disney são os preferidos. (Folha de São Paulo, 2007, p. 2).

Quem pensa que os foliões não capricham no visual para curtir o carnaval nas ruas está muito enganado. Os 52 integrantes do bate-bola Os Gênios, por exemplo, investiram R\$ 750 em cada fantasia. Além do tradicional macacão de cetim e das máscaras, os foliões de Madureira fizeram uma casaca de espuma, plumas e glitter, uma sombrinha decorada, meia-calça, luvas pintadas e um boneco. No grupo sai quase toda a família Andrade, inclusive dez crianças e cinco mulheres (...). (Extra, 2007, p. 6).

Eremildo Silva, 62 anos, mora em Santa Cruz e lidera há 11 anos uma turma que leva seu apelido como nome, Vovô do Clóvis (...). A tradição, segundo ele, ainda é forte na Zona Oeste. Em Bangu, tem a turma da Foice e em Realengo, a da Cuca. “As crianças tinham medo. Hoje, não. Somos muito conhecidos”, diz, “sou uma lenda viva”. (O Globo, 2007, p. 3).

Nestes últimos trechos é notável a relação entre a brincadeira dos bate-bolas e as idéias de arte, tradição, alegria e diversão. Em alguns deles, ressalta-se o quanto esta manifestação

estaria crescendo em admiração e acolhida pela sociedade. Tem destaque também uma idéia de transformação no comportamento agressivo das turmas de bate-bolas, que teriam adotado um perfil pacífico, visível inclusive nas mudanças operadas nas fantasias que teriam substituído a bexiga por complementos menos assustadores.

O documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha” aborda esta aparente mudança comportamental dos fantasiados, revelando que o que ocorre no universo dos bate-bolas corresponderia a uma diferenciação de estilos, e não a um afastamento em massa da forma “tradicional” da brincadeira.

O idealizador do documentário, Marcus Vinícius Faustini, identifica uma diferenciação entre as turmas de bate-bolas, que seriam classificadas pelos próprios brincantes em duas categorias: “bola e bandeira” e “bicho e sombrinha”. Os primeiros seriam os bate-bolas “de guerra”, enquanto que os segundos corresponderiam às turmas “de paz”⁴¹.

O que Faustini mostra em seu documentário é que as rivalidades entre bate-bolas não se dão necessariamente nas duas categorias, mas acontecem também entre as turmas de ambas as classificações, à despeito dos discursos que visam diferenciá-las.

Um ponto interessante levantado pelo documentário é o da atualidade da brincadeira das turmas de bate-bolas, que estariam incorporando elementos cada vez mais modernos à sua prática, identificados tanto pelo ritmo funk que embala algumas saídas de turma⁴², quanto pelas técnicas inovadoras empregadas na produção das fantasias.

De fato, tal como o documentário destaca, observei que a brincadeira de bate-bola é predominantemente aberta às influências e que mesmo as turmas de bate-bolas que se dizem mais tradicionais e conservadoras incorporam, em maior ou em menor escala, elementos do cotidiano. É possível encontrar tecnologia de ponta da indústria de estamperia sendo empregada na execução das fantasias ou ainda a gravação em estúdio de músicas elaboradas pelas turmas para servirem como hino e também a circulação em larga escala de informações sobre os bate-bolas em páginas da internet. Estas apropriações são tantas e tão expressivas que serão tratadas em um capítulo específico desta dissertação (capítulo 2).

Tanto Marcus Faustini como a historiadora Cristiane Braz, responsável pela pesquisa para a realização do filme, são ex-moradores de Santa Cruz, bairro onde, segundo ela, a manifestação dos bate-bolas teria surgido⁴³. Braz acredita na possibilidade de Santa Cruz ter sido o berço dos bate-bolas do Rio de Janeiro, afirmando que o bairro teria tido, no passado,

⁴¹ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁴² Sobre as chamadas “saídas” de turmas de bate-bolas, ver Capítulo 2.

⁴³ Ver relatório do encontro com a pesquisadora na íntegra no Anexo II.

uma importância fundamental para a brincadeira, principalmente por dois motivos: (1) ter sediado o Matadouro de Santa Cruz, fornecedor das bexigas componentes da fantasia e (2) por ter abrigado, na década de 30, o hangar de um zepelim⁴⁴.

No Ecomuseu de Quarteirão Cultural do Matadouro (local onde Braz realizou parte de sua pesquisa) existiriam registros documentais de que alguns militares alemães, vindos para Santa Cruz pela ocasião da construção do hangar do zepelim, teriam contribuído para o surgimento da brincadeira. O nome Clóvis, pelo qual os bate-bolas também são conhecidos, seria uma corruptela do termo “*clown*” (palhaço, em alemão⁴⁵), modo como estes estrangeiros chamariam as fantasias que circulavam no período carnavalesco em Santa Cruz.

Estivemos no Núcleo de Orientação à Pesquisa Histórica (NOPH), que funciona no Ecomuseu Cultural do Matadouro, em busca de tais registros. Lá pudemos perceber nitidamente o objetivo da instituição de valorizar as ações locais de forma a contribuir para a auto-estima da população da região.

O NOPH de Santa Cruz coleta e arquivava informações junto aos próprios moradores do bairro, tais como depoimentos escritos, investigações informais, fotografias e fragmentos de periódicos. Entretanto estas informações raramente apresentam indicações de procedência, autoria ou data. É notável o seu empenho em (re)constituir uma história dos bate-bolas ambientada na região. O grande mérito do lugar é o fato de se estabelecer como única instituição voltada a recolher e arquivar informações específicas sobre os bate-bolas.

1.3 Os bate-bolas vistos pelos pesquisadores

Algumas reflexões mais recentes têm considerado os bate-bolas dentro de uma complexidade maior do que se percebe nos trabalhos anteriores sobre a manifestação:

Sair fantasiado de Clóvis, pertencer a uma turma, representa muito mais do que simples diversão e brincadeira. (...) Trata-se, portanto, de um fenômeno em que estão entrelaçados muitos ângulos e aspectos da realidade cujos sentidos importam apreender. (CARNEIRO, 2007, p. 151).

Entretanto, a maioria dos textos acadêmicos sustentam histórias semelhantes àquela pesquisada por Braz no Ecomuseu. Ressalto, porém que, nestes casos a semelhança pressupõe proximidade, mas admite certas divergências nas informações, expostas a seguir.

⁴⁴ De acordo com o Ecomuseu Quarteirão Cultural do Matadouro, em Santa Cruz, “O Hangar do Zeppelin de Santa Cruz começou a ser construído em 1934 e concluído em 1936. Suas estruturas vieram da Alemanha e a mão-de-obra foi brasileira, supervisionada por técnicos alemães”. (ECOMUSEU).

⁴⁵ Apesar de sua origem inglesa, a palavra é comumente utilizada na língua alemã.

Para Frade, os bate-bolas seriam “os mascarados que surgem em grande número na área do Grande Rio, especialmente Santa Cruz, Campo Grande, Sepetiba e Pedra de Guaratiba” (1979, p. 77). A autora os descreve como fantasiados que:

usam máscaras de tela multicolor, com um chumaço de algodão colorido no alto da cabeça fazendo as vezes de cabelo; suas fantasias de cetim em cores variadas evocam as bufantes calças usadas por palhaços de circo, complementadas por blusões de mangas longas e também bufantes e um colete bordado por lantejoulas e vidrilhos. Alguns trazem uma capa longa, também bordada. Os motivos variam, havendo uma certa constância em figuras de águia e caveira. Calçam tênis comuns, amarras prendem as meias e as calças; às mãos trazem uma bexiga de boi seca e cheia de ar. Com elas dão fortes batidas no chão, tentando afastar os inoportunos e curiosos. (Id., Ibid.).

Quanto ao surgimento dos clóvis, Frade registrou depoimento de um “antigo morador de Santa Cruz”, que afirmara que o nome “clóvis” seria oriundo do termo “*clows*”, da língua alemã⁴⁶. Segundo este depoimento, os primeiros clóvis teriam surgido em Santa Cruz, e teriam sido influenciados pelas fantasias carnavalescas de palhaço improvisadas pelos militares estrangeiros do hangar do zepelim, fantasias essas que estariam “interadas com a real profissão dos seus usuários: tênis e calças bufantes presas às meias soquetes”. (Id., Ibid.).

De forma parecida, Guimaraens (1992) afirma terem sido militares estrangeiros os responsáveis oferecer à Santa Cruz a matriz que daria origem aos bate-bolas da região. Mas ao especificar sua nacionalidade, Guimaraens menciona militares ingleses, e não alemães, como Frade registrara.

O texto de Guimaraens fora produzido especialmente para um catálogo de exposição artística⁴⁷, tendo sido baseada em artigo publicado anteriormente pela antropóloga Alba Zaluar, sobre um estudo com os bate-bolas do bairro de Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro (ZALUAR, 1978). Entretanto, ao verificarmos o artigo de Zaluar, não encontramos referência aos tais militares ingleses dos quais fala Guimaraens.

Zaluar compreende a brincadeira dos clóvis de Pedra de Guaratiba como uma manifestação cultural popular resistente às investidas da cultura de massa, ao contrário do que estaria ocorrendo com as escolas de samba, que, para autora, já teriam sido “encampadas pela ideologia dominante”. (ZALUAR, 1978, p. 59).

A garantia dessa resistência corresponderia à localização da manifestação nos bairros do subúrbio da cidade, o que lhes conferiria uma espécie de “invisibilidade”:

Lado a lado ao carnaval encampado pela indústria de turismo e divulgado nos meios de comunicação de massa, mas oculto a eles, existe um carnaval subterrâneo, duplamente oculto por ser exclusivo das classes dominadas e zonas periféricas da cidade. Ao contrário das escolas de samba que desfilam na avenida recebendo o respaldo do governo estadual, no carnaval realizado nos próprios bairros periféricos manifesta-se também a invisibilidade e o esquecimento devotados à sua população. (Idem, p. 51).

⁴⁶ Não encontramos este termo em dicionários da língua alemã. Para a palavra “palhaço”, encontramos os vocábulos “*Hanswurst*”, “*Narr*” e “*Clown*”.

⁴⁷ Destinou-se ao catálogo da exposição do artista plástico Aloysio Zaluar, ocorrida na Sala do Artista Popular do Museu Edison Carneiro em 1992.

Zaluar identificou nos clóvis um objeto fecundo para se pensar sobre o caráter ambíguo da cultura popular, que seria “autônoma e eternamente dependente ou vinculada à cultura dominante, irreverente e submissa, contestatória e deferente” (Ibid., p. 51), explicando que ao mesmo tempo em que eles seriam irreverentes, provocativos e descontrolados, precisariam se submeter a certas regras consensuais estabelecidas no carnaval local.

O momento da submissão e obediência dos clóvis é identificado pela autora no período em que ocorre o “desfile das bonecas” que ela define como uma espécie de concurso assistido por um júri composto por autoridades locais, onde competiriam não só os “homossexuais locais”, mas “também pais de família e o valentão do lugar” travestidos de mulher. Durante esse evento, ocorreria, segundo a pesquisadora, o único instante em que os clóvis mantêm-se comportados (Ibid., p. 59-60).

Zaluar descreve os clóvis destacando as cores berrantes de suas fantasias acetinadas, a forte plasticidade de seus movimentos, seu comportamento provocador, a condição do anonimato exigida pela brincadeira, expressa pelo uso contínuo da máscara, e o hábito de bater, evidenciado pelo uso da bexiga de boi (Ibid., p. 52).

O largo macacão de cetim, a capa bordada com figuras do zodíaco, botas, luvas e a máscara de tela pintada, demonstram o zelo com que o Clóvis tenta guardar o seu anonimato, nem sempre conseguido, mas sempre tentado. (Ibid., p. 53).

Sobre as origens da brincadeira, Zaluar diz reconhecer nos clóvis influências européias medievais. Segundo a autora, nas “fantasias do período medieval” estariam presentes “as bexigas de boi” e “as máscaras de morte”, semelhantes às utilizadas pelos clóvis abordados em sua pesquisa. (Ibid., p. 56)

De fato, acredita-se que, à maneira da brincadeira associada aos atuais bate-bolas, por volta do século XVI, na Europa, jovens brincassem com bexigas de porco infladas e atadas a um bastão, com as quais percorriam as ruas durante o carnaval, no intuito de atingir quem passasse (D'AYALA e BOITEUX, 1988), como demonstra a Ilustração 1. Tem-se também que, enquanto objeto manejado por tolos e bufões, a bexiga inflada de ar remeteria à uma simbologia própria, na qual os órgãos do “baixo corporal” e os quatro elementos do universo (água, terra, fogo e ar) estariam relacionados aos fundamentos do humor cômico popular da Idade Média e do Renascimento (BAKHTIN, 1996). Entretanto, estas relações aparentes demandariam de investigações mais aprofundadas.



Ilustração 1 – Nesta gravura do século XVI aparecem meninos brincando com bexigas infladas com ar, que remetem ao hábito associado aos bate-bolas, de bater bexigas de boi no chão para fazer barulho e assustar crianças (D'AYALA e BOITEUX, 1988).

Sabe-se, ainda, que no carnaval europeu medieval seriam muito comuns as fantasias mascaradas que procuravam imitar animais selvagens, como se pode ver na Ilustração 2. Apesar de não representarem uma idéia de morte, como afirmou Zaluar, elas constituíam disfarces assustadores, que “eram usados com o objetivo de assustar e afastar os mortos que, acreditava-se, rondavam pelo mundo naquele período do ano” (FERREIRA, 2004, p. 31).



Ilustração 2 - O homem selvagem medieval era um personagem barbudo, com o corpo coberto de folhas e um tacape nas mãos, que esteve ligado ao Carnaval por ser um símbolo da inversão e do descontrole associados ao período anterior ao da Quaresma (La mascarade de Valentin et Ourson, 1566, gravura em madeira baseada em Pieter Bruegel, Bibliothèqe Royale, Bruxelas).

Um outro aspecto identificado por Zaluar na brincadeira dos clóvis e reiterado por alguns outros autores é o da sua caracterização como manifestação típica da periferia e, mais do que isso, de circulação exclusiva no espaço periférico da cidade.

Ao estabelecer algumas reflexões sobre a máscara carnavalesca, Da Matta (1981) considera que as fantasias mascaradas do carnaval (inclusive as dos clóvis) seriam típicas das “camadas dominadas”, e que, assim, seriam comuns nas zonas periféricas da cidade:

As máscaras permitem também o nosso anonimato, daí certamente o uso deste tipo de fantasia em zonas periféricas do nosso mundo urbano, onde todos se conhecem e o controle social é exercido por meio de relações de vizinhança. (...) Nas camadas dominadas, (...), a vida só pode ser enfrentada por meio dos amigos e parentes, vizinhos e compadres (...). No carnaval, então, quem é da camada média se veste de bicha e quem é da camada dominada se veste de morte, caveira, clóvis. (Ibid., p. 79).

Gonzáles e Frota também localizam geograficamente a manifestação dos clóvis. Para Gonzáles (1989) o carnaval carioca apresenta

uma outra face que, nos *subúrbios* e na *zona rural*, revela toda a existência de folguedos que também resultam de toda uma criatividade popular: o carnaval dos clóvis (também chamados de bate-bola), mascarados que trajam amplos pijamas de cetim colorido e percorrem as ruas batendo fortemente no chão com bexigas de ar (Ibid., p. 18, grifo meu).

Frota (2005), define um grupo de bate-bolas como uma “livre associação de foliões”, que se manifestariam “nos subúrbios cariocas” (Ibid., p. 106).

Conforme veremos mais adiante, a manifestação dos bate-bolas no espaço é vista, inclusive pelos brincantes, como uma prática tipicamente suburbana.

Ao definirem a manifestação dos bate-bolas atuais, as pessoas relacionadas diretamente à brincadeira (fantasiados, comerciantes de artigos específicos para bate-bolas e prestadores de serviços para os fantasiados, como artesãos e costureiras) tendem a situá-la entre a diversão e o compromisso, entre a tradição e a modernidade, entre a preservação de antigas práticas e a incorporação de novos elementos.

1.4 Os bate-bolas vistos por eles mesmos

Em pesquisa de opinião destinada a integrantes de turmas de bate-bolas (que reuniu 30 formulários⁴⁸), a maioria das respostas fornecidas para a questão “Como você definiria um bate-bola?” relacionou-o às idéias de alegria, felicidade, orgulho, carnaval, tradição local, “tirar onda” e cultura do subúrbio. Com isso, os entrevistados demonstraram ver na brincadeira uma espécie de diversão, de paixão, de “cultura popular carnavalesca” e também uma forma de ostentação de poder.

“A palavra que resume o espírito do bate-bola”, na opinião de André Luiz, da Turma do Eufrazino, é “união”. Com os membros da turma, André Luiz disse sentir-se “em família”.

⁴⁸ Os formulários foram respondidos por integrantes das seguintes turmas de bate-bolas: turma do Eufrazino (4 entrevistados), turma Vila Eugênia (3), turma da Tropa (3), turma da Kuka (3), turma Nova Geração (2), turma do Cobra (2), turma Arco Íris (2), Vovô do Clóvis (2), turma do Caos (2), turma Fascinação (1), turma da Amizade (1), turma Eduardo Clown (1), turma Velha Guarda (1), turma Vamp (1), turma Rebelião (1), turma Zangado (1). Nas páginas 15 e 16 estão disponíveis maiores informações sobre esta pesquisa.

Há oito anos fantasiando-se de bate-bola com os mesmos companheiros, ele afirmou que o grande trunfo da brincadeira está na possibilidade de se diferenciar dos outros⁴⁹.

Para André “Kvera” e Carlos Donatillo, o bate-bola é uma paixão. Tanto, que quando acaba um carnaval, eles já começam a se preparar para o outro. O sonho dos dois é “juntar mais gente” na Turma da Tropa que, no carnaval de 2006, contou com seis componentes. Para eles, o que motiva a criatividade da brincadeira de bate-bola é o desejo de ser admirado e invejado⁵⁰.

Leandro, do Grupo Enigma, também se diz apaixonado por sair de bate-bola. Ele contou que a dedicação à brincadeira já lhe rendera muitos prejuízos financeiros, noites acordado e até mesmo a perda da namorada. Mas, ainda assim, afirma que o empenho em colocar a turma na rua vale à pena. Leandro acrescenta que estar à frente do grupo é um sonho antigo que ele vive intensamente, pois desde menino desejava participar, mas não tinha condições financeiras para isto.

Recém admitido no Grupo Enigma, Break diz que o bate-bola é “uma coisa, assim, de identificação”. Morador de Santa Cruz, conta já ter saído de bate-bola nas turmas da localidade, mas admite que não “fechava” com o estilo local da brincadeira. Através da Internet, ele afirmou ter conhecido melhor o estilo da nova turma, fez amizade com seus integrantes, e agora estaria num grupo que seria mais a sua “cara”⁵¹.

Renato Sepúlveda, da Turma Arco Íris, define a brincadeira como sendo “a cara do Brasil, uma aglutinação de conceitos culturais, artísticos e estilos”. Ele diz fantasiar-se motivado pelo caráter genial e fantástico da manifestação⁵².

Para os membros da Turma da Praça, a brincadeira do bate-bola envolve beleza e disputa: “é uma guerra de vaidade. Sempre foi assim: disputa o gosto das pessoas”⁵³.

O aspecto da disputas entre os bate-bolas vem sendo exaustivamente abordado pela sociedade em geral como um problema intrínseco à manifestação. Para André Luiz, da Turma do Eufrazino, a questão da violência entre os bate-bolas estaria relacionada à relativa falta de controle na admissão de novos integrantes no grupo:

Ao entrar na turma, o cara passa por um ritual de batismo. Não dá pra controlar muito bem quem entra na turma. Geralmente entra o conhecido do conhecido, mas não dá pra revistar todo mundo. Aí, dá gente de todo o tipo: polícia e bandido. A turma procura selecionar pra não ficar feio pro nome do grupo, mas não dá pra controlar tudo.

⁴⁹ Ver relatório da entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵⁰ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵¹ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵² Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵³ Depoimento no documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”.

Devemos ressaltar que, de acordo com o depoimento do entrevistado, para a Turma do Eufrazino é imprescindível contar com muitos componentes. O tamanho do grupo seria uma espécie de indicador do poder da turma.

Alguns componentes da Turma do Cobra afirmam que a tradição é um valor a ser testado pelas turmas mais novas. Segundo disseram, as turmas mais recentes querem “fazer fama em cima do Cobra”. A turma do Cobra se diz uma das mais tradicionais de Marechal Hermes, por ser uma turma antiga:

As outras turmas vêm aqui fazer nome em cima da gente porque a turma é antiga. Vamos dizer: a turma fulano de tal chegou em Marechal e bateu no Cobra, e ta aí, pegou o Cobra. Turma de primeiro ano, vamos dizer, pra eles, eles acham que isso é bonito, quer dizer, a gente não tem como explicar... só que ninguém apanha e não revida.⁵⁴

André “Kvera” da Turma da Tropa atribui as brigas entre bate-bolas basicamente à questão da beleza da roupa. Ele explicou por que, já no primeiro ano de saída da turma, houve “tumulto” com componentes de outro grupo:

Sempre começa o seguinte: seu bate-bola tá bonito, aí você vem falar que o meu tá feio, só que o meu tá mais bonito que o seu, aí é claro, eu não vou ficar quieto. Aí a gente fica com raiva e começa a discussão, entendeu? Com a gente... ainda mais que foi o primeiro ano, entendeu? O Hebert, desse tamanhão, um gorila, ele já é meio estourado, né... os moleques já são meio alterados.⁵⁵

A Turma da Tropa não é uma turma numerosa nem antiga. O grupo prioriza a elaboração visual da fantasia, que para eles deve ser bonita e também inovadora.

Renato Sepúlveda, líder da Turma Arco-Íris fala sobre o esforço de algumas turmas em superar o estigma da violência:

O preconceito será difícil de ser superado pelo fato da violência estar enraizada no passado desta fantasia, no caso do bate-bola, já que algumas turmas estão com esse costume de sair para impor o pânico e o medo... infelizmente... mas isto está sendo superado... graças a Deus.⁵⁶

Em defesa da manifestação, alguns componentes da Turma da Praça abordam a questão da violência como sendo um mal presente no cotidiano do subúrbio, e que surgiria no meio dos bate-bolas como extensão desta realidade.⁵⁷

Sobre as origens da manifestação, os fantasiados tendem a localizar o surgimento da brincadeira de bate-bola ora na Zona Oeste, ora na Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Mas o fazem sem mencionar detalhes e sem citar evidências para as suas constatações.

Entre os que defendem o surgimento dos bate-bolas na Zona Oeste há uma idéia mais ou menos geral sobre a imagem da fantasia “tradicional”. Ela teria sido mais simples, listrada, comprida e sem estampas. Sobre esta de fantasia, seria usada uma espécie de capa na qual

⁵⁴ Depoimento no documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”.

⁵⁵ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵⁶ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵⁷ Depoimento no documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”.

aplicavam-se ornamentos feitos artesanalmente, como o bordado com paetês e lantejoulas. O fantasiado “antigo” teria sido um personagem mascarado, anônimo, com o corpo completamente coberto e a voz distorcida, e costumaria tratar outros fantasiados usando o termo “parente”. A brincadeira consistiria em dirigir provocações e charadas aos passantes.

Dentre os que defendem o surgimento dos bate-bolas na Zona Norte, costuma-se afirmar que as primeiras fantasias de bate-bolas usariam a sombrinha como complemento.

Se em relação às origens da brincadeira os brincantes pouco se manifestaram, o mesmo não se deu, quando o assunto em pauta abordou os elementos incorporados à indumentária nas últimas décadas. Os supostos responsáveis pelas invenções absorvidas pelas turmas de bate-bolas costumam ser citados com tom de admiração e respeito pelos fantasiados, comerciantes e artesãos envolvidos com a manifestação.

Este é o caso do Cássio, líder da Turma do Cássio, a quem se atribui a incorporação do boá de penas nas casacas, e o uso da sombrinha e doleque, que se tornaram elementos característicos de alguns tipos de fantasias de bate-bolas por volta dos anos 1980. Também é o caso do Sr. Magalhães, a quem se atribui a realização do extinto concurso de fantasias de bate-bolas de Marechal Hermes, que muitos afirmam ter sido o primeiro concurso do gênero, na cidade.

Percebe-se, porém, que a incorporação de elementos novos nas fantasias parece ser tão comum à brincadeira dos bate-bolas atuais, que não confere mais aos criadores nenhum tipo de tratamento diferenciado. Isto pode ser observado nos depoimentos nos quais a brincadeira contemporânea dos bate-bolas é definida como um exercício de busca pela superação. Renato Sepúlveda, da Turma Arco Íris, diz que a fantasia de bate-bola:

sofre mudanças, moderniza, evolui. Na necessidade de fazer algo diferente, entra então a criatividade, e junto a ela mentes brilhantes que trabalham em cada turma, e o grupo de responsáveis trabalhando em nome de todas as turmas – costureiras e artistas na área de pinturas.

Renato acrescenta ainda que vê a fantasia como sendo “a cara do Brasil: uma aglutinação de conceitos culturais, artísticos e estilos”⁵⁸.

Mesmo nas turmas de bate-bolas consideradas mais tradicionais, como é o caso da Turma do Vovô, a incorporação de novidades é vista como uma espécie de condição para se manter no “jogo”. O líder da turma, Sr. Eremildo, explica que “o clóvis hoje em dia, se você não tiver novidade, você passa a ser um clóvis cafona, entendeu? Você não é um clóvis da atualidade, entendeu? (...) Eu sou um clóvis moderno”⁵⁹.

⁵⁸ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵⁹ Depoimento no documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”.

A questão da novidade se faz tão presente que as fantasias costumam ser renovadas a cada carnaval, não sendo um hábito corrente entre os fantasiados utilizá-las por dois anos consecutivos. Após o período carnavalesco, as fantasias costumam ser colocadas à venda ou trocadas por materiais para a confecção da roupa a ser usada no ano seguinte. Há alguns estabelecimentos comerciais que negociam fantasias usadas, como os bazares Peter Pan (ver Ilustração 3), Princesa da Tia Regina (ver Ilustração 4, Ilustração 5 e Ilustração 6) e Edulfo (ver Ilustração 7).

Bazar PETER PAN Ltda.

Artigos de Papeleria, Aviamentos, Armarinho, Brinquedos,
Artigos para Carnaval, Missangas, Paetês p/ Turmas
Consertos de Vídeo Games, Games Novos, Semi-Novos e
Usados, Artigos para o Lar Etc.
RUA CARUMBÉ, 713 - L.J. A - REALENGO - RJ
TELS.: 3 3 3 8 - 9 3 8 8

Ilustração 3 – O Bazar Peter Pan, localizado em Realengo, possui um enorme acervo próprio de fantasias usadas de turmas de bate-bolas. O proprietário do bazar, Sr. Hélio, afirmou ser o maior comerciante de fantasias de turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro, e disse também já ter vendido fantasias para turistas estrangeiros, que as utilizariam em festas de Halloween⁶⁰ (Acervo da autora).



BAZAR PRINCESA DA TIA REGINA

Tudo para seu bate-bola
GLITER • BUÁ • CASACA
LUVAS • MEIA-CALÇA
ESSÊNCIA • MÁSCARAS

O MELHOR PREÇO DO MERCADO.
3359-9088 / 2489-7965

Ilustração 4 – O Bazar Princesa da Tia Regina, localizado em Marechal Hermes, pertence à Sra. Regina, que participou do documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”, e que é mãe de um dos integrantes da Turma do Cobra. Em seu estabelecimento, Sra. Regina afirma manter um acervo de aproximadamente 300 fantasias usadas de turmas de bate-bolas⁶¹. As fantasias disponíveis no bazar da Sra. Regina não são do mesmo tipo das fantasias comercializadas no Bazar Peter Pan de Realengo, pois nos dois bairros onde os bazares se situam, costumam circular bate-bolas de estilo diferentes, conforme veremos mais adiante (Acervo da autora).

⁶⁰ Ver entrevista no Anexo II.

⁶¹ Ver entrevista no Anexo II.



Ilustração 5 – É comum notar que, no período próximo ao carnaval, as fantasias à venda tomam todo o espaço dos arredores dos bazares, como o Princesa da Tia Regina, a exemplo do que se vê na fotografia (Acervo da autora).



Ilustração 6 – Em Marechal Hermes há outros pontos de comercialização das fantasias usadas de turmas de bate-bolas. É possível ver fantasias expostas por todas as partes do bairro, e o comentário geral que se ouve nas ruas, nos dias que antecedem o carnaval, comumente se refere à manifestação das turmas (Acervo da autora).

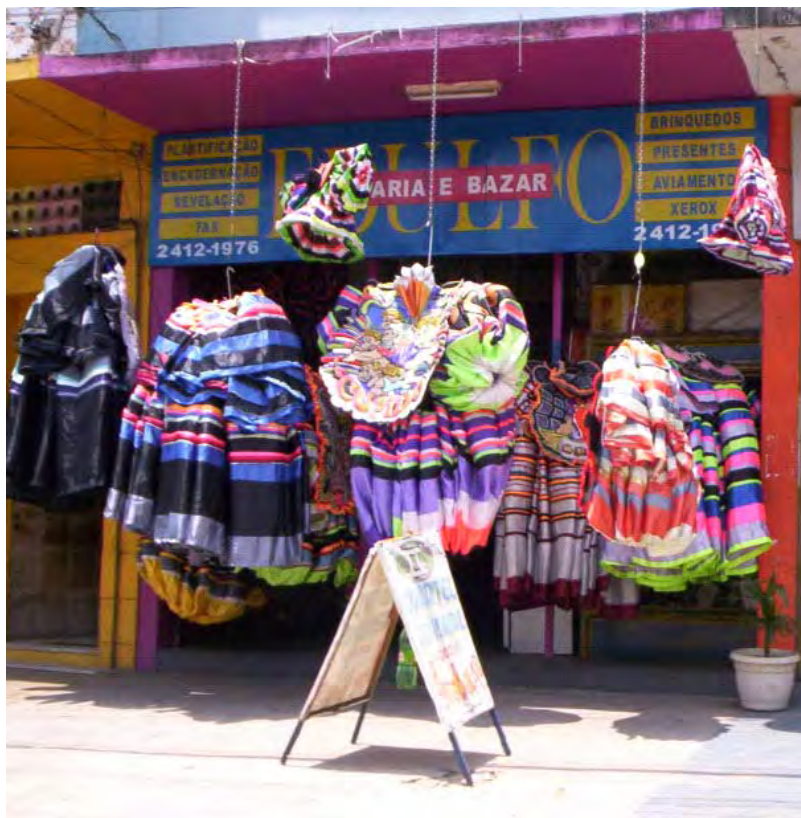


Ilustração 7 – Em Campo Grande há o Bazar Edulfo, dos proprietários Eduardo e Rita, que comercializa fantasias usadas de turmas de bate-bolas no período próximo ao carnaval, mas que não possui acervo próprio. As fantasias que ficam em exposição são deixadas para venda em consignação e também é possível, no Edulfo, comprar por pedido: os proprietários anotam o pedido do cliente, recebem um sinal, contactam os proprietários da fantasia a ser negociada e efetuam a venda (ver entrevista com a proprietária Rita no Anexo II) (Acervo da autora).

Os bazares costumam adquirir fantasias pelo preço médio de R\$50,00, e podem revendê-las por um valor de até 8 vezes o preço de compra. A elaboração dos preços costuma depender do estado de conservação da roupa, da beleza da peça ou da fama da turma a qual a fantasia pertencera.

A clientela dos bazares de revenda de fantasias costuma ser formada predominantemente por grupos que não têm condições de produzir fantasias novas, que podem custar até R\$1.500,00, aproximadamente, por figurinistas de tv e por turistas locais e estrangeiros. Os grupos que reutilizam as fantasias compradas nos bazares costumam ser posicionados numa escala inferior da hierarquia dos bate-bolas. Eles podem ser pejorativamente chamados de “molambos”.

Nos bazares também podem ser encontrados matérias-primas para a confecção de fantasias novas, fotografias, matérias de jornal e vídeos caseiros sobre os bate-bolas, disponíveis para a compra.

O mercado movimentado pela manifestação dos bate-bolas não é constituído só por estes bazares. Incluem-se nele as lojas de tecido⁶², as costureiras, os serigrafistas e os produtores de casacas, máscaras⁶³, sombrinhas e outros complementos para os fantasiados. Para este mercado, a manifestação tende a ser vista como uma importante fonte de geração de renda.

1.5 Bate-bolas: outras considerações

É notável o mérito dos estudos acadêmicos sobre os bate-bolas, por seu pioneirismo na abordagem da manifestação. Entretanto, acredito que a forma de abordagem usada destes estudos não mais se aplica à realidade atual destes fantasiados.

Pudemos perceber a coexistência de uma série de discursos mais ou menos dissonantes sobre a manifestação dos bate-bolas do Rio de Janeiro:

- no senso comum, nota-se uma predominância da idéia de perigo e agressividade;
- na mídia, ora se percebe a supremacia da idéia de violência, ora o predomínio da noção de brincadeira carnavalesca carioca ingênua, criativa e divertida;
- no universo dos bate-bolas, circulam os conceitos de paixão, realização, diversão, arte, cultura, beleza, tradição, poder, disputa, inovação, tecnologia e possibilidade de renda;
- nos estudos acadêmicos, privilegia-se a abordagem folclórica, de cunho descritivo.

Estas observações nos fazem considerar que a manifestação dos bate-bolas articula uma série de atores engendrando toda uma rede de visões diferenciadas que deve ser tomada como “um processo dinâmico recriado na ação concreta dos homens [cujo] significado não é intrínseco aos objetos, atos, processos, mas lhes é atribuído” (CARNEIRO, 1986, p. 17).

Os estudos anteriores sobre os bate-bolas, desenvolvidos sob uma perspectiva romântica, ao tomarem a manifestação como um evento folclórico, ligado a categorias como

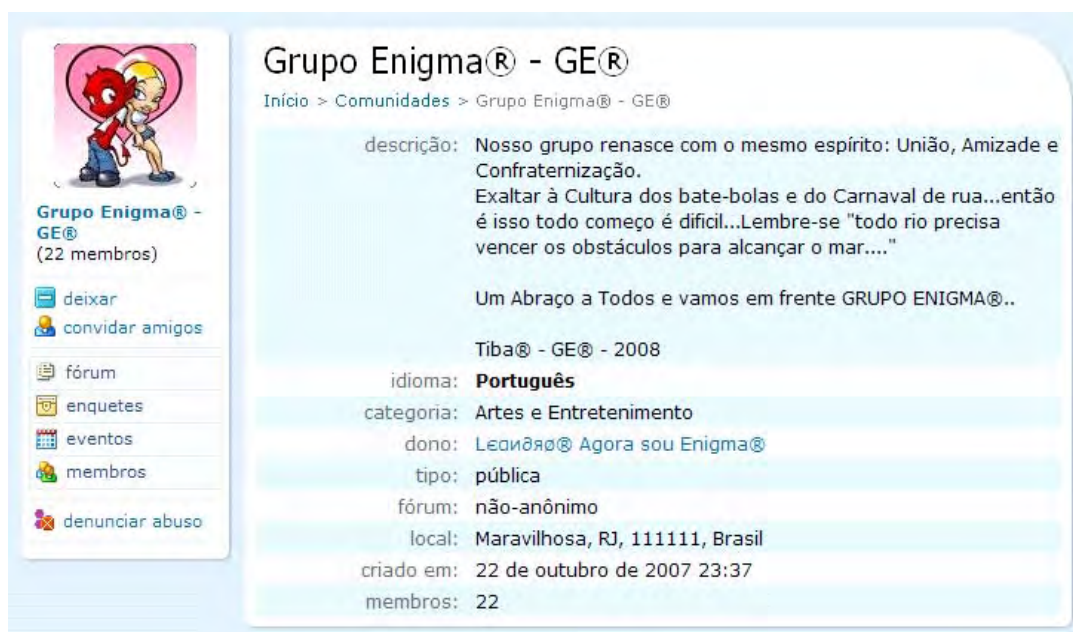
⁶² A loja Tico Tecidos de Madureira é citada como uma das mais importantes fornecedoras de tecidos para fantasias de bate-bolas. As turmas de bate-bolas são consideradas pela loja como sua principal clientela. Conforme nos informou o gerente da loja, Sr. Luiz, a loja pode atender uma média de 70 a 80 turmas a cada ano. Como a negociação com as turmas envolve uma grande quantidade de tecido, a loja pratica uma estratégia especial de atendimento: há vendedores específicos para receber as turmas de bate-bolas; ao atendê-las, anota-se o nome da turma, a quantidade de componentes, as descrições, cores, quantidades e valores dos tecidos escolhidos; em seguida, separa-se a quantidade necessária ou encomenda-se mais, quando o material em estoque não é suficiente; finalmente, os compradores vão à loja e retiram a sua porção de tecido, do total que fora reservado.

⁶³ Falaremos melhor sobre as máscaras no Capítulo 2.

“ruralidade”, pureza e constância, certamente invalidariam a brincadeira como ela se manifesta hoje: multifacetada, híbrida, fragmentada e controversa.

Não descartamos a importância dos textos descritivos das manifestações culturais populares, mas entendemos que, em seus teores, “o povo é resgatado”, ou seja, é posto a salvo do esquecimento por meio do registro de suas práticas, “mas não conhecido” (CANCLINI, 1997, p. 210). Além da tendência a gerar tipificações do popular, este tipo de abordagem costuma desprezar as relações subjacentes à manifestação que descreve.

Na brincadeira dos bate-bolas atuais, estas relações podem se exprimir por toda a espécie de contato a qual os fantasiados estão sujeitos. Os bate-bolas atuais circulam em profusão nos bairros do subúrbio, mas podem ser encontrados em outros espaços geográficos, como no Centro da cidade e em áreas consideradas nobres, como o Recreio dos Bandeirantes e Copacabana. Além disto, eles também estão presentes no ciberespaço, nas comunidades do *Orkut*⁶⁴, como se vê na Ilustração 8, nos vídeos do *YouTube*, a exemplo da Ilustração 9, no *Flogão*, conforme demonstra a Ilustração 10 ou em *homepages* exclusivas, criadas pelos componentes de algumas turmas de bate-bolas, que se pode ver na Ilustração 11.



Grupo Enigma® - GE®
 Início > Comunidades > Grupo Enigma® - GE®

descrição: Nosso grupo renasce com o mesmo espírito: União, Amizade e Confraternização. Exaltar à Cultura dos bate-bolas e do Carnaval de rua...então é isso todo começo é difícil...Lembre-se "todo rio precisa vencer os obstáculos para alcançar o mar..."

Um Abraço a Todos e vamos em frente GRUPO ENIGMA®..

Tiba® - GE® - 2008

idioma: **Português**

categoria: Artes e Entretenimento

dono: Леонидя® Agora sou Enigma®

tipo: pública

fórum: não-anônimo

local: Maravilhosa, RJ, 111111, Brasil

criado em: 22 de outubro de 2007 23:37

membros: 22

Grupo Enigma® - GE®
 (22 membros)

deixar
 convidar amigos

fórum
 enquetes
 eventos
 membros
 denunciar abuso

Ilustração 8 – Muitas turmas de bate-bolas têm comunidades virtuais dedicadas a elas, no Orkut. Nesse espaço virtual, que pode ser visitado por todos os usuários cadastrados na rede de relacionamentos da página, as trocas e contatos entre componentes de uma turma, de turmas diferentes e de pessoas estranhas à manifestação se adensam. A comunidade do Grupo Enigma foi criada tão logo a turma foi constituída e, antes mesmo de ter saído às ruas para estreitar no carnaval. Ter uma comunidade virtual que a represente faz com que a turma seja percebida como atuante, pois é possível, através dos canais de interação propiciados pelo Orkut, obter-se informações atualizadas através de fóruns e enquetes virtuais (www.orkut.com/Community.aspx?cmm=40753952).

⁶⁴ O Orkut é uma espécie de rede de relacionamentos, onde é possível criar comunidades virtuais ou filiar-se às comunidades já existentes. Há aproximadamente uma centena de comunidades virtuais no Orkut associadas a turmas específicas de bate-bolas. Contabilizamos aproximadamente outras trinta comunidades destinadas à discussão de assuntos genéricos sobre estes fantasiados. Uma lista com os endereços virtuais das comunidades que catalogamos encontra-se no Anexo II ao final desta dissertação.



Ilustração 9 – É cada vez mais comum encontrar-se vídeos de turmas de bate-bolas no site de uploads YouTube. Os tipos mais comuns são os vídeos que registram saídas de turmas, que costumam ser momentos especiais para os grupos, por ser sua primeira aparição pública no carnaval corrente (abordaremos este momento mais adiante). Também há muitas vídeo-montagens elaboradas com fotografias das turmas, nas quais uma música própria serve de fundo sonoro. Nesta ilustração vê-se uma das primeiras imagens do vídeo que tem, como fundo sonoro, o Rap da Turma da Praça (cuja letra veremos mais a frente) (<http://www.youtube.com/watch?v=10Vbn5WIMIE>).

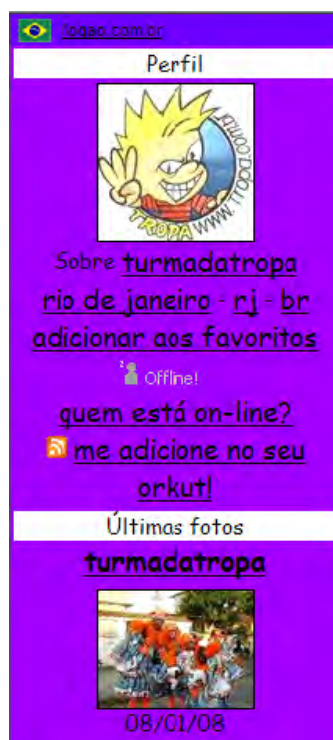


Ilustração 10 – A Turma da Tropa é uma das turmas de bate-bolas que possui um álbum de fotografias virtual, que pode ser constantemente atualizado e que é aberto à visitação, ou seja, um fotolog ou flog. Neste tipo de espaço virtual pode-se inserir qualquer fotografia, por isso, nos flogs com nomes relacionados às turmas de bate-bolas não necessariamente existirão fotografias das turmas referidas (www.flogao.com.br/turmadatropa).



Ilustração 11 – A Turma Anjos da Loucura é uma das turmas de bate-bolas que possui home-page própria, com conteúdo informativo. Na ilustração vê-se a página inicial do seu site. Além do perfil da turma, costumam ser inseridas informações sobre a história da turma, sua trajetória no carnaval, suas características particulares e dados de contato (www.anjosdaloucura.hpg.ig.com.br).

A presença simbólica da manifestação atual em espaços diferenciados e dinâmicos problematiza a noção de tradição, como definida em alguns estudos folclóricos clássicos, pois submete a prática dos bate-bolas à assimilação de influências.

Neste sentido, o ciberespaço é um lugar potencializador de contatos e trocas de influências simbólicas. Conforme observa Sá (2005), a comunicação cotidiana estabelecida por intermédio do computador também deve ser um fenômeno merecedor de atenção. Para a autora, a adesão de sambistas e carnavalescos às novas tecnologias problematiza a noção de tradição, comumente associada ao Carnaval:

Falar em Carnaval carioca significa abordar uma das mais emblemáticas expressões da identidade nacional ainda hoje. Expressão que mobiliza em torno do seu desfile diferentes segmentos sociais mais ou menos comprometidos com a noção de tradição (...). Significa, ao mesmo tempo, reconhecer a tensão entre a noção de pertencimento existente dentro destas agremiações, identificadas com suas comunidades situadas nos morros e subúrbios da cidade do Rio de Janeiro; e a forma peculiar com que elas articulam relações com a sociedade mais ampla, lidando com a espetacularização midiática, com a comercialização dos desfiles e com a invasão de turistas nacionais e internacionais à festa”. (SÁ, 2005, p. 12).

De fato, não há como desvencilhar as manifestações populares do seu contexto cotidiano de contatos culturais. Até porque, conforme se pode perceber, é justamente nas relações sociais cotidianas que as manifestações populares se constituem e se estabelecem.

Os bate-bolas têm se mostrado um excelente exemplo de manifestação contemporânea que se dá nas relações sociais: eles se (re)formulam através articulação de discursos que se

enredam sobre o seu conceito. A história desta manifestação também se mostra fragmentada, controversa e repleta de outros pontos, ainda não explorados, a se considerar.

Não é objetivo desta pesquisa o de desvendar as trajetórias históricas da manifestação. Ao contrário, ao buscar identificar os elementos que podem ter contribuído para a constituição da manifestação dos bate-bolas cariocas atuais (além dos mencionados nas hipóteses históricas defendidas nos textos acadêmicos que analisamos), estaremos questionando a história enquanto correspondência com a verdade.

Os estudos de Frade e Guimarães situam a possível origem dos clóvis num período posterior à década 1930, mas há evidências de existência dos clóvis em momentos anteriores a esta data. Uma delas encontra-se na crônica “O clovis” escrita em 1928 e assinada por Jacintho. O “clóvis” da crônica é um fantasiado que se traja de “panos de cores vivas” costurados uns aos outros pelo próprio folião, e que, unidos, constituem uma peça “sem forma definida”. Na história, o folião, de nome “João das Môças”, prepara-se para sair na “estopa”⁶⁵, quando chega uma certa Méloca, com quem João cultivava amizade. A moça repreende a atitude de João, dizendo-lhe ser ridículo, um homem “que trabalha e parece direito, phantasiar-se de ‘clóvis’, na estopa”.



Ilustração 12 – Rancho dos Caprichosos da Estopa (Revista Careta de 16/02/1929).

Finalizando a crônica, Jacintho usa o termo “clown” como sinônimo de “clóvis”:

João ficou a pensar entre a Méloca e o “clovis”. E o “clovis” venceu. Venceu porque João é brasileiro e nasceu no Rio de Janeiro. E resolutamente, como um crente, sentou-se de novo a costurar os farrapos de sua phantasia. Nesta vida, boa ou má, todos nós temos uma Méloca e uma phantasia de clown”.⁶⁶

O trecho a seguir, escrito por Lima Barreto (1956) para a revista Careta em 1920, também cita uma fantasia carnavalesca de *clown*:

⁶⁵.Na revista Careta, de 16 de fevereiro de 1929 há uma fotografia de um rancho carnavalesco chamado de “Caprichosos da Estopa”. Acreditamos que aqui, o termo “estopa” trata deste rancho. (ver Ilustração 12).

⁶⁶ Jacintho. “O clovis”. Rio de Janeiro: Revista Fon Fon: 11 de fevereiro de 1928, p. 58.

Como o DOUTOR Peixoto Fortuna, o tal da Liga contra a Moralidade, eu me interesso muito pelas modas femininas. Não deixo nunca de ler os seus preceitos nas secções especiais dos jornais; e, embora não sejam propriamente femininas, eu gozei a declaração providencial de que, na sua recepção última, as mulheres deviam aparecer lá de fraque e calça de fantasia. Quero crer que esse negócio de calça de fantasia, seja assim um negócio de “diabinho” ou de bebê chorão, a não ser que seja de clown. Em todo caso, os costumes republicanos estão admitindo tanta coisa nova que tudo é possível acontecer. (BARRETO, 1956, p. 235).

A fantasia carioca de *clown*, como a ilustrada por Raul Pederneiras em 1924, cujos elementos visuais remeteriam à fantasia do *clown* europeu, pode ter sido uma das influências carnavalescas européias assimiladas pelo carnaval carioca em meados do século XIX, com a importação dos bailes à fantasia à moda de Paris para a diversão da elite da cidade, que tinha como objetivo inibir as brincadeiras consideradas grosseiras que compunham o Entrudo (ver Ilustração 13).

O “antigo” Entrudo – uma diversão sem um formato fixo, não consistindo em nenhuma espécie de dança, música ou vestuário específicos – deveria então ser substituído por uma brincadeira elegante, formalizada, com regras e etiquetas definidas. (FERREIRA, 2004, p. 106).

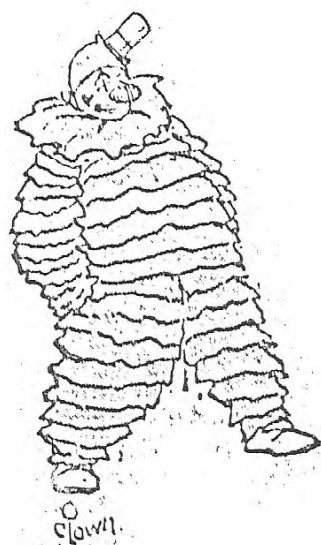


Ilustração 13 –A fantasia de Clown (Cenas da Vida Carioca. Raul Pederneiras, 1924).

A fantasia européia do *clown*, por sua vez, possivelmente foi influenciada por dois personagens principais. Um deles seria o clown inglês, que teve origem no teatro de moralidades no século XVI. A origem do termo *clown* derivaria de *clayne*, *cloine*, *clowne*. Sua matriz etimológica reportaria a *colonus* e *clod*, cujo sentido aproximado seria homem rústico, do campo. *Clod*, ou *clown*, teria também o sentido de *lout*, homem desajeitado, grosseiro, e de *boor*, camponês, rústico”. Do teatro, o *clown* inglês teria migrado para as feiras inglesas (BOLOGNESI, 2003, p. 62).

A outra influência teria saído dos personagens cômicos da *Commedia Dell’Arte* italiana, também século XVI, que por sua vez teriam sido influenciados por figuras carnavalescas medievais, como o bufão:

Os atores dell'arte eram, no sentido original da palavra, artesãos de sua arte, a do teatro. (...) Tiveram por ancestrais os mimos ambulantes, os prestidigitadores e os improvisadores. Seu impulso imediato veio do Carnaval, com os cortejos mascarados, a sátira social dos figurinos de seus bufões, as apresentações de números acrobáticos e pantomimas. (BERTHOLD, 2001, p. 353).

A Commedia Dell'Arte italiana se expandiu por vários países da Europa, como a Alemanha e a França, e sofrendo adaptações por conta das leituras próprias de cada localidade.

Paris afrancesou a Commedia dell'Arte, que se tornou a comédie italienne, adotou a língua do país anfitrião e adaptou-se à sua exigência de 'maior plausibilidade, regularidade e dignidade'. (J. B. DU BOS apud BERTHOLD, 2001, p. 357).

Destas leituras próprias dos personagens da Commedia Dell'Arte teriam se originado os personagens franceses Pierrô, Arlequim e Colombina, que não só teriam sido incorporadas aos bailes de máscaras de Paris e, mais tarde, aos bailes no nosso país (FERREIRA, 2004, p. 48), como também teriam contribuído em alguns aspectos para a construção do palhaço circense, cuja imagem é representada na Ilustração 14, atribuída ao ator inglês de descendência italiana Joseph Grimaldi, no início do século XIX, e caracterizada inicialmente pela fusão dos traços visuais e performáticos dos personagens Arlequim e Pierrô (BOLOGNESI, 2003, p. 63).



Ilustração 14 – O palhaço circense de Grimaldi (BOLOGNESI, 2003, p. 63).

No Brasil, ao que parece, não teriam existido fantasias carnavalescas antes do século XIX, pois até este período, a idéia local de carnaval estaria mais associada às tradições portuguesas do entrudo, constituídas por grosserias, bebedeiras e licenciosidades (FERREIRA, 2005).

As fantasias teriam sido introduzidas no carnaval carioca por conta da importação de novas formas de brincar, copiadas de Paris, e representadas pelos bailes de máscaras que, em princípio, seriam restritos à elite burguesa da cidade⁶⁷.

Mesmo eventualmente criticados por sua licenciosidade, os bailes mascarados pareciam, inicialmente, ser a solução para o fim do antigo entrudo e sua substituição por um novo Carnaval ao gosto da burguesia vitoriana, ou seja, aos moldes de Paris. (FERREIRA, 2005, p. 48).

Entretanto, à burguesia brasileira, não bastava simplesmente realizar suas festas dentro dos salões. Era necessário ocupar as ruas com seu novo e civilizado carnaval. Os passeios de carruagens enfeitadas levando grupos fantasiados pelas ruas da capital tornavam-se cada vez mais comuns fazendo com que os grupos populares passassem a se inspirar nas fantasias exibidas pela elite para elaborar suas próprias criações adaptadas.

As sociedades carnavalescas da elite desfilavam no domingo e na terça de carnaval, pois a segunda-feira era um dia destinado ao descanso dos seus participantes. Inicialmente tida como um dia menor, a segunda-feira foi sendo consagrada aos foliões dos arredores e subúrbios, e acabou se firmando como o dia dos desfiles dos grupos carnavalescos populares, como os ranchos e cordões.

Em sua obra sobre o carnaval carioca, Eneida de Moraes (1987) destaca que, ao lado dos *velhos* – que eram fantasias usadas por jovens compostas por grandes cabeças de papelão, que faziam movimentos lentos e ritmados –, os *palhaços* eram os elementos fantasiados mais importantes dos cordões do carnaval carioca da virada do século XIX para o século XX.

Ferreira (2005) destaca que as fantasias usadas nos grupos carnavalescos populares foram influenciadas pelos modelos de fantasia importados da França. É possível também que tenham sofrido influência dos trajes mascarados dos cortejos religiosos comuns aos costumes do país, bem como influências de outras espécies de manifestações.

No caso dos bate-bolas, caberia analisar melhor suas possíveis relações com a figura do palhaço da Folia de Reis. A Folia de Reis teria sido trazida para o Brasil já no século XVI, pelos portugueses. Aqui chegando, teria se misturado à cultura negra, originando, entre outras coisas, a figura do palhaço, uma representação dos soldados de Herodes, sendo por isso “sempre associado ao mal, ao negativo, ao diabo ou demônio dentro da fé popular (SILVEIRA, 2005).

Para Silveira, a figura do palhaço da Folia de Reis “provavelmente remonta à tradição medieval dos bufões que parodiavam as cerimônias oficiais, dos bobos que faziam rir a corte e do Arlequim, que divertia o público nas praças e pátios aristocráticos” (Ibid., p. 28) além

⁶⁷ O primeiro baile mascarado carnavalesco público carioca teria ocorrido em 22 de janeiro de 1840, no Hotel de Itália (Ferreira, 2005).

dos personagens da Commedia D'ell Arte e de elementos das culturas ameríndia e africana. A contribuição da cultura ameríndia se faria presente no aspecto performático, representada pela introdução da catira ou cateretê (espécie de dança cadenciada por batidas de palmas e pés) na manifestação. A cultura africana, por sua vez, teria influenciado a performance e a visualidade do palhaço da Folia:

É possível perceber uma proximidade entre a performance do palhaço e aquela dos mascarados africanos, tanto no que se refere aos movimentos como também à indumentária, adereços e máscara. Máscara essa que assim como nos festejos medievais confere ao indivíduo uma identidade outra, que no caso das culturas africanas se dá através da incorporação, do transe. (Ibid., p. 40).

Além do palhaço da Folia de Reis, identificamos outras manifestações populares com aspectos bastante semelhantes à manifestação do bate-bola.

A semelhanças em questão expressam-se pelo uso de máscaras e de macacões coloridos e pela identificação do componente cômico em todos os personagens destacados. Entre eles citamos o “papangu” do Ceará (ver Ilustração 15), os “fofões” do Maranhão (ver Ilustração 16), os “mascarados-fobós” do Pará (ver Ilustração 17) e os “mascaradinhos” de Paraty, RJ (ver Ilustração 18).



Ilustração 15 – Papangu (www.maiovinteeseis.blogspot.com).



Ilustração 16 – Fofões (www.pioneer.com.br).



Ilustração 17 – Mascarados-fobós (www.obidos.com.br).



Ilustração 18 – Mascaradinhos (www.artelazer.tur.br).

Também percebemos semelhanças dos bate-bolas com alguns personagens estrangeiros, como é o caso do “matachin”, personagem do carnaval colombiano, do qual encontramos referências em San Juan de Pasto e em Tolima Grande.

O “matachin”, “mono” ou “cusillo” da cidade de San Juan de Pasto, que pode ser visto na Ilustração 19, é um personagem típico da cultura popular campesina de origem indígena com influências hispânicas, representando fertilidade e alegria (GUERRERO, 2007).



Ilustração 19 – Matachín de Pasto (Acervo da autora).

O matachin de Tolima Grande, na Ilustração 20, por sua vez, representaria a luta entre os espíritos protetores pré-colombianos, convertidos em maléficos pela colonização espanhola, quando foram associados pelos religiosos católicos à figura do Diabo (Viaja por Colombia).



Ilustração 20 – Matachín de Tolima (fundambika2000cfsites.org).

De acordo com a página eletrônica Viaja Por Colômbia, o vocábulo “matachin” derivaria do italiano “mattaceino”, que teria duas aplicações distintas. A palavra seria sinônima de “bufón” (bufão), e também serviria para designar uma espécie de dança que faria paródia às danças guerreiras transformando-as em danças grotescas. Nela, os dançarinos dispostos em pares usariam trajes ridículos, armas de madeira e bexigas de vaca cheias de ar.

Os pares representariam oponentes de luta. A bexiga seria batida por um contra o escudo do outro, em cada par, marcando o ritmo da dança.

Na cidade de Xinzo, Galicia, Espanha, também há uma manifestação semelhante à dos bate-bolas: são os mascarados chamados de “pantallas”. Estes mascarados, que pode ser vistos na Ilustração 21, também usam bexigas de vaca secas, cheias de ar, que batem umas nas outras para produzir ruídos.



Ilustração 21 – Pantalla do carnaval de Xinzo, na Espanha (www.xinzodelimia-ayto.com).

Na Filadélfia há uma manifestação que ocorre no primeiro dia do ano, denominada Mummers Parade, constituída pelo desfile público de grupos de homens fantasiados, com uma visualidade bastante semelhante à dos bate-bolas, como se pode notar na Ilustração 22, na Ilustração 23 e na Ilustração 24.



Ilustração 22 – Participante da Mummers Parade com roupas, complementos (tênis e bandeira) e postura semelhantes aos dos bate-bolas (artistmummer.homestead.com).



Ilustração 23 – Grupo de participantes da Mummer's Parade, em organização que remete à configuração das turmas de bate-bolas (grupo com visualidade homogênea e com aparente predominância masculina) (artistmummer.homestead.com).



Ilustração 24 – Uso da sombrinha e participação de criança na Mummer's Parade (artistmummer.homestead.com).

1.6 Proposta de abordagem dos bate-bolas na contemporaneidade

Embora não se possa afirmar haver um parentesco inequívoco entre o bate-bola e os personagens culturais (nacionais e estrangeiros) com os quais ele se assemelha, parece haver um ponto a partir do qual tanto as semelhanças quanto as diferenças entre ele e os outros se constituem.

Neste sentido, identificamos a existência de um arquétipo global de comicidade que, em cada localidade, se manifesta com feições próprias. Estas resultariam da articulação, em diferentes escalas, dos elementos locais com o global.

Conforme destacamos anteriormente, o bate-bola é um personagem sobre o qual incidem diversos discursos, cada qual fruto de uma “leitura” diferenciada. Há uma idéia mais ou menos geral do que este personagem viria a ser, porém cada ator o define de acordo com a sua própria interpretação.

Notam-se duas representações distintas do bate-bola nos tipos de produção e comercialização das fantasias que circulam durante o carnaval: há as fantasias industrializadas, cuja visualidade é mais ou menos padronizada e simplificada, e há as

fantasias das turmas de bate-bolas, que costumam ser produzidas em menor escala e tendem a ser personalizadas conforme o desejo dos usuários.

As versões industrializadas costumam ser compostas por macacões de cetim listrados, máscaras de tela plástica colorida com ou sem franjas, capas ou casacas também de cetim ou de outro tecido brilhante com bordados e apliques simples e por “bexigas” plásticas. Estas fantasias costumam ser encontradas à venda nos circuitos populares de comércio da cidade.

No Centro do Rio de Janeiro, elas são oferecidas à venda principalmente na área conhecida como Saara⁶⁸, região que se destaca como a principal provedora de artigos carnavalescos da cidade. Como descreve sua home page,

o Carnaval (...) é o festejo que tem no Saara o seu mais exclusivo provedor. Sobrados especializados e lojas tradicionais são a fonte das escolas de samba para todos os ornamentos e aviamentos necessários aos festejos. Desde o mais simples "clóvis" até penas de avestruz importadas da Austrália, é no Saara que se compram os tecidos e adereços para fantasias. O que não se encontra lá não se acha em outro lugar do Rio. (SAARA RIO, 2006).

As fantasias carnavalescas são os produtos mais expressivos no total de vendas relacionadas ao carnaval, na região do Saara, como se vê na Tabela 3. A grande aposta dos lojistas locais para as vendas de fantasias masculinas costuma ser a indumentária do bate-bola, como se pode depreender de uma pesquisa sobre o impacto do carnaval para o comércio do Saara realizada em 2007 pelo Instituto Fecomércio-Rio de Janeiro (IFEC, 2007) junto aos comerciantes da área.⁶⁹

Para os que vendem fantasias, neste ano, qual será a fantasia masculina mais vendida?	
<i>Bate Bola</i>	29,2%
<i>Pirata</i>	12,5%
<i>Homem Aranha</i>	8,3%
<i>Presidiário</i>	8,3%
<i>Roupa do Pânico</i>	4,2%
<i>Super Man</i>	4,2%
<i>Power Rangers</i>	4,2%
<i>Batman</i>	4,2%
<i>Blusa com estampa</i>	4,2%
<i>Não vende fantasia masculina</i>	4,2%
<i>Não sabe ou não quis informar</i>	16,7%

Tabela 3 – Percentuais das estimativas de vendas de fantasias carnavalescas no Saara, conforme pesquisa do IFEC.

⁶⁸ A palavra Saara é uma sigla proveniente da abreviatura de Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega, e compreende o trecho do limitado pelas ruas dos Andradas, Buenos Aires, Senhor dos Passos e da Alfândega, no centro do Rio de Janeiro.

⁶⁹ O objetivo da pesquisa era compreender a importância do carnaval para o comércio da região. Os pesquisadores ouviram 66 lojistas de artigos carnavalescos. Estes lojistas revelaram que os produtos que mais vendem no período carnavalesco são aqueles para o consumo direto do folião. Os lojistas revelaram também que fantasias representavam suas maiores expectativas de vendas para o carnaval de 2007, nas categorias “masculina” e “feminina”. A fantasia mais mencionada pelos lojistas na categoria “masculina” foi a de bate-bola, com aproximadamente 30% das respostas (ver Tabela 2).

Destas informações pode-se concluir que os bate-bolas representam uma manifestação relativamente numerosa e abrangente dentro do carnaval carioca como um todo. Entretanto, mesmo tendo grande representatividade nos resultados do comércio, as fantasias industrializadas não chegam a constituir a maior expressão do bate-bola na cidade.

Ultimamente tem-se atentado para o número aparentemente crescente de turmas de bate-bolas circulando pelos carnavais de rua do Estado do Rio de Janeiro. Cada uma delas constitui um grupo de indivíduos que se associam e partilham de compreensões mais ou menos comuns sobre a brincadeira. Esse tipo de grupamento pode ser conceituado como uma “comunidade de sentido”.

Comunidades de sentido são determinadas agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, por meio de processos midiáticos que utilizam referências globais da cultura atual. (JANOTTI JÚNIOR, 2005, p. 11).

Anualmente muitas turmas novas surgem, e outras deixam de existir. Além disso, as turmas de bate-bolas podem se dividir ou se fundir com outras turmas. Isto dificulta muito o trabalho de catalogação e levantamento da quantidade de turmas de bate-bolas na cidade. Pudemos contar aproximadamente uma centena de turmas ativas no momento da pesquisa, contactadas pela internet ou informadas por meio da rede de conhecimentos pessoais dos entrevistados, cuja listagem encontra-se no Anexo III.

Não há regras gerais para a formação de uma turma de bate-bolas. Elas podem ser constituídas por pessoas que habitam um mesmo bairro, que partilham do mesmo time de futebol, que integram uma turma de amigos, que não têm qualquer outro vínculo, a não ser o de se fantasiarem juntos durante o carnaval, ou qualquer combinação dessas características.

Alguns elementos coletivos estáveis (ou fixos) podem sinalizar a existência de uma turma de bate-bola. São eles: o nome da turma, um emblema, um slogan, ou uma filosofia. Há também outros elementos coletivos que podem variar a cada ano, como o hino da turma, a homogeneidade das fantasias e as camisetas do grupo.

Os nomes das turmas, seus emblemas e temas costumam aludir a personagens da cultura de massa, como filmes, desenhos infantis, super-heróis de histórias em quadrinhos, entre outros. Leandro, líder do Grupo Enigma, afirmou em entrevista⁷⁰ que o Almanaque Disney é uma espécie de bíblia dos líderes de turmas de bate-bolas. Além destes, também servem como fontes de inspiração para as turmas, programas de televisão, logomarcas de grandes empresas, marcas de cigarro, nomes de filmes, artistas e personalidades, grifes de

⁷⁰ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

moda entre outras informações em destaque na mídia. A eles dedicaremos maiores observações no capítulo seguinte.

Na Turma do Eufrazino, há um grupo de amigos que organizam festas em nome do grupo fora do período carnavalesco, se reúnem para assistir os jogos do Flamengo na torcida organizada e compõem um grupo de pagode. Mas a Turma do Eufrazino não se restringe a eles. Há outros componentes “transitórios”, que nela entram num determinado ano, brincam o carnaval corrente e não voltam no ano seguinte.

É difícil tentar delimitar o perfil do integrante de uma turma de bate-bola, pois esta atividade vem congregando diferentes tipos de pessoas. De forma genérica, pode-se dizer que há uma notável predominância masculina na constituição dos grupos, mas há também as turmas que admitem mulheres e crianças.

Quanto à faixa etária, observa-se que as turmas costumam reunir uma maioria de indivíduos na faixa de 30 a 40 anos de idade, podendo também haver os mascotes, que costumam ter entre 2 e 12 anos de idade, e que constituem um segmento bem numeroso na manifestação.

Percebemos também uma quantidade relativamente grande de componentes com nível superior completo ou em curso. A maioria dos colaboradores com quem estabelecemos contato trabalhava, no momento.

Na época da pesquisa, não se observaram adolescentes em quantidade relevante, na manifestação, porém esta constatação pode corresponder a uma contingência. Quando perguntado sobre os possíveis motivos pelos quais não se vêem muitos adolescentes nas turmas de bate-bolas, André Luiz, da Turma do Eufrazino, explicou que credita o fato ao custo elevado da roupa⁷¹. Ele disse que os adolescentes “não têm bala na agulha pra bancar a fantasia”.

Os integrantes de uma turma de bate-bolas podem manter um contato bem anterior ao período do carnaval. Algumas turmas começam a elaborar a fantasia para o ano seguinte já na quarta-feira de cinzas. Entretanto, novos componentes podem entrar na turma em qualquer período do ano – até mesmo quando as fantasias já estão prontas -, desde estejam dispostos a pagar por elas.

O líder de uma turma de bate-bola costuma ser chamado de “cabeça” de turma. Ele é o responsável por convocar os membros do grupo que irão decidir em conjunto os parâmetros

⁷¹ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

da brincadeira para o carnaval seguinte. Estas decisões podem ser tomadas reuniões realizadas em encontros sociais, como feijoadas ou churrascos⁷².

Nas primeiras reuniões, o grupo decide como será a fantasia do ano seguinte. Há turmas que começam escolhendo a seqüência de cores do macacão (no caso de serem turmas que usam fantasias listradas). Seqüência de cores é o nome que se costuma dar à disposição de cores das listras da fantasia. Há outras turmas que escolhem, em primeiro lugar, um tema para ilustrar a fantasia. Há ainda as turmas de bate-bolas nas quais não se decide por cores ou temas em comum, pois cada fantasia será diferente da outra.

Decididos os parâmetros iniciais, há turmas que fazem orçamentos e outras que estipulam valores aproximados, e repassam aos demais componentes o custo definido.

A Turma do Eufrazino costuma indicar a loja de tecidos, as costureiras e os artesãos responsáveis pela confecção dos acessórios. Cabe a cada componente a responsabilidade sobre a composição da sua fantasia.

O líder do Grupo Enigma, Leandro, por sua vez, estipula um valor fixo, recolhe um sinal de cada fantasiado e se responsabiliza pela produção de todas as etapas da confecção da fantasia. Leandro, que é engenheiro de produção, mostra-se bastante apto a organizar a logística da produção das fantasias de sua turma. Grande parte das etapas de confecção é realizada pelo próprio Leandro (ver Ilustração 25), a quem cabe a costura, as estampas e os acabamentos aplicados nas máscaras e casacas.



Ilustração 25 – Leandro é o responsável pela logística e pela produção das fantasias do Grupo Enigma. Na fotografia, Leandro confecciona um macacão da Turma Bolo Doido, que era o nome anterior do Grupo Enigma, sobre o qual daremos mais informações no Capítulo 2 (Acervo da autora).

⁷² Na ocasião de uma das últimas reuniões entre os membros do Grupo Enigma antes do carnaval 2008, estive com eles numa feijoada realizada num clube, no bairro de Marechal Hermes. A reunião se destinava ao acerto dos pagamentos restantes das fantasias da turma.

Paralelamente à confecção das fantasias, definem-se as brincadeiras das turmas. Há turmas que alugam ônibus, kombis ou vans para circular por diferentes lugares durante o carnaval. Há outras que alugam casas com opções de lazer nas quais se reúnem com os familiares até a hora da saída da turma. Há aquelas que alugam galpões ou espaços similares, gravam hinos, confeccionam bandeiras e promovem queima de fogos, fazendo do momento da primeira aparição do grupo para o público um verdadeiro evento comunitário. Há também os grupos que simplesmente se reúnem para percorrer a pé as ruas do bairro.

A possibilidade de configurações de fantasias e de brincadeiras é bastante variada e dinâmica. Nos capítulos 2 e 3 ofereceremos uma visão geral da manifestação, conforme pudemos percebê-la no momento da pesquisa.

2 DINÂMICA E DISSENSO NO CARNAVAL DOS BATE-BOLAS CONTEMPORÂNEOS

A cultura é pública porque o significado o é.
Clifford Geertz

Atualmente as turmas de bate-bolas poderiam ser genericamente descritas como grupos homogêneos de foliões vestidos com fantasia característica que poderia ser descrita como aquela formada por um macacão, uma máscara e alguns complementos. A brincadeira, ou performance dos bate-bolas, por sua vez, poderia ser resumida pela circulação dos foliões nos carnavais de coreto da cidade e pela competição em concursos de fantasias.

Os carnavais dos bate-bolas contemporâneos, no entanto, têm se mostrado tão complexos, mutantes e variados que afirmar tais generalidades deixaria muitas questões à espera de consideração.

Este estudo não pretende esgotar o tema dos bate-bolas. Entendemos que a abordagem proposta é apenas mais uma, dentre as formas possíveis de se enxergar a questão, e que se assemelha à proposta de Geertz para a compreensão da cultura:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 15).

Notamos que os elementos que constituem a brincadeira, tal como ela é praticada por cada turma observada, não são necessariamente os mesmos. E mesmo no caso de coincidirem na aparência, podem apresentar significados diferenciados. Também percebemos que, em cada turma, tanto a compreensão da brincadeira quanto a atribuição de significado aos elementos que a definem podem ser bastante efêmeros, e parecem se animar ao sabor dos contatos e disputas próprios à manifestação.

Neste capítulo, serão analisados alguns dos elementos constituintes da brincadeira das turmas de bate-bolas e os significados a eles atualmente atribuídos.

O que se pretende com esta análise é demonstrar uma predominância das características de dissenso e dinâmica sobre as idéias de consenso e constância, na prática das turmas contemporâneas de bate-bolas.

Para efeito didático, distinguiremos três aspectos componentes da idéia de turma de bate-bola: o aspecto coletivo, o aspecto material e o aspecto performático. Distinguimos estes aspectos como forma de identificar as diferentes dimensões a partir das quais se pode analisar cada elemento constituinte do universo das turmas de bate-bolas contemporâneas.

Destacamos, entretanto, que nada impede que um mesmo elemento seja analisado sob dois ou mais aspectos diferentes. Cada aspecto será decomposto em elementos diferenciados, e cada elemento será analisado pela maneira como se apresentou para diferentes turmas, no momento da pesquisa.

2.1 Aspecto coletivo das turmas de bate-bolas atuais

2.1.1 O nome

As turmas de bate-bolas são grupos de indivíduos que partilham, em maior ou menor escala, de identidades coletivas⁷³.

Nelas, o processo de formulação de uma identidade coletiva se apóia na escolha de referenciais simbólicos⁷⁴, como por exemplo o *nome da turma*, um *emblema*, os *hinos*, os *lemas* e o *bandeirão*, entre outros elementos.

O *nome da turma* de bate-bolas parece ser o elemento mais comum e menos instável de referência à identidade do grupo. Não há regras para a formulação de nomes de turmas, porém se percebe que alguns critérios são bastante usuais.

Há nomes que aludem a elementos da cultura de massa, como por exemplo, aqueles retirados de nomes de filmes (Turma *Freddy x Jason*, Turma do *Pânico*), de programas de televisão (Turma *Zorra Total*, Turma do *Chapolim*, Turma *Vamp*), de personagens de desenhos animados (Turma do *Eufrazino*, Turma *Ursinhos Carinhosos*, Turma *Dick Vigarista*), de assuntos em projeção na mídia (Turma *Tsunami*, Turma *Talibã*) entre outros. Também há nomes relacionados ao antropônimo do fundador do grupo (Turma do *Cássio*, Turma do *Hiago*, Turma do *Vovô dos clóvis*, Turma *EdClown* – de Eduardo + clown). Existem ainda nomes de turmas que se referem ao local de origem (Turma da *Praça*, Turma da *Amaral Costa*, Turma da *Vila Eugênia*). E há os nomes mais genéricos, que encerram idéias às quais a turma quer ser associada, como Turma da *Amizade*, Turma do *Bolo Doido*⁷⁵, Turma da *Tropa*⁷⁶, Turma do *Caos*, Turma *Fascinação* etc. Também é bastante comum

⁷³ Falo em “escalas” porque, como Velho, acredito que, mesmo numa mesma rede de significados, pode haver uma certa variação individual de entendimento (VELHO, 2003).

⁷⁴ Sobre o “processo de identificação”, ler T. Galissot (Apud CONTADOR, 2004, p. 151).

⁷⁵ “Bolo Doido” refere-se a aglomeração de pessoas na turma, como se fosse um “bolo” de gente, no sentido de “embolação”, “bagunça”.

⁷⁶ Os líderes da Turma da Tropa idealizaram um grupo com as feições de um verdadeiro exército de fantasiados. Daí a atribuição do nome “Tropa” ao grupo.

mencionar-se o nome da turma acompanhado da localidade de origem (Turma Havita *do A.P.*⁷⁷, Turma Rebeldes *de Cavalcante*).

Mesmo parecendo ser um elemento geral e obrigatório, existe ao menos uma turma de bate-bolas que, por alguns anos, não teve nome. Trata-se da turma Multicor⁷⁸. De acordo com o depoimento de Everton⁷⁹, líder da Turma Everton do Bate-Bola e primo de um dos componentes da Turma Multicor, o nome teria surgido de improviso, a partir da necessidade de cadastro no ato da compra de cetim para as fantasias, na loja Tico Tecidos, de Madureira.

O nome de uma turma de bate-bola não costuma mudar. Entretanto, também presenciemos entre os carnavais de 2007 e 2008, a mudança de nome da Turma do Bolo Doido para Grupo Enigma.⁸⁰ De acordo com o depoimento de Leandro, atual líder da turma, a estrutura de produção das fantasias e a formação do grupo permanecem inalteradas. A mudança de nome teria ocorrido em função de divergências entre Leandro e um outro líder que, abandonando o grupo, requisitou o direito de uso do nome Bolo Doido, registrado por ele em cartório. Segundo Leandro, o antigo líder não teria formado uma nova turma de bate-bolas para o carnaval 2008 e, assim, os componentes da Turma Bolo Doido teriam, praticamente, migrado em massa para o Grupo Enigma.

Como se pode notar, o nome de uma turma de bate-bolas não constitui uma obrigatoriedade. Ele é mais ou menos fluído (no sentido de poder mudar) e costuma ser produzido por meio do uso atualizado de determinados objetos simbólicos apropriados do cotidiano dos brincantes⁸¹.

2.1.2 O emblema

Um processo bastante semelhante ocorre na definição dos emblemas das turmas de bate-bolas. Ele é um símbolo visual especialmente usado para representar o grupo. O desenho

⁷⁷ A.P. refere-se a um conjunto habitacional composto por prédios na localidade de Oswaldo Cruz.

⁷⁸ Até o carnaval 2008, a Turma Multicor tem se mostrado relativamente heterogênea, se comparada à maioria das turmas de bate-bolas, quanto à padronização das fantasias. Na Multicor, ainda que as fantasias se pareçam, elas não têm uma temática comum nem as mesmas cores. Esta turma também não tem emblema, nem lema, nem hino ou outro elemento que simbolize o grupo. Hoje, pode-se dizer que a turma é uma reunião de amigos do bairro de Cosmos que fazem juntos suas fantasias e que saem em grupo para desfilar nas ruas do bairro durante o carnaval.

⁷⁹ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁸⁰ A exemplo do Grupo Enigma, existem turmas se auto-denominam “grupo” ou “bonde”, como o *Bonde* do “que se foda” e do *Bonde Guri Ruim*.

⁸¹ Embora o caso da Turma Multicor sirva de base para esta conclusão, convém mencionar que, na região de Marechal Hermes, o nome da turma é obrigatório por questão de segurança pública: as turmas de bate-bolas costumam ser cadastradas pelo 9º BPM, às vésperas do período do carnaval. No ato do cadastro, é obrigatório que o líder mencione o nome da turma, descreva detalhadamente a fantasia e forneça os dados de sua documentação pessoal. Esta medida estaria sendo adotada desde 2003, quando brigas entre grupos de bate-bolas teriam causado a morte de várias pessoas na localidade. Na ocasião, a polícia teria encontrado dificuldades para identificar os fantasiados envolvidos nos crimes.

do emblema pode ser criado exclusivamente para este fim (como é o caso da cobra que simboliza a Turma do Cobra), ou ainda, como ocorre com os nomes de turma, pode ser apropriado da cultura de massa (como o caso dos personagens Wolverine, que representa a Turma Fascinação; Calvin, que representa a Turma da Tropa e Cuca (do Sítio do Pica-pau Amarelo), que representa a Turma da Kuka, entre outros).

Ao serem questionados do motivo pelo qual adotaram o personagem Calvin como emblema da Turma da Tropa, os líderes, Carlos Donatillo e André “Kvera”, explicaram que, assim que decidiram criar a turma, a grife Calvin Klein estava em evidência entre os jovens. Nesta época, andando pelo Barrashopping, eles viram muitas pessoas usando camisetas com a logomarca da Calvin Klein. Saindo do shopping, na volta para casa, eles teriam visto um adesivo do personagem Calvin numa banca de revistas.⁸² Associaram as idéias da moda com a figura do menino das tirinhas de quadrinhos e assim, estaria resolvido o problema do emblema da turma⁸³.



Ilustração 26 – O emblema da Turma da Tropa representa o personagem Calvin, das tirinhas de quadrinhos, porém atribui ao personagem olhar e sorriso maliciosos (Acervo da autora).

⁸² Criada em 1985 por Bill Watterson, a tirinha do Calvin foi publicada diariamente, durante dez anos, em mais de 2.400 jornais ao redor do mundo. A tirinha conta a história de Calvin, garoto de seis anos que tem como melhor amigo o tigre de pelúcia Haroldo - que ganha vida quando não existe nenhum adulto por perto. Ao lado das fantasias e brincadeiras da dupla, surgem questões sobre política, cultura, sociedade e a relação de Calvin com seus pais, colegas e professores, com a sabedoria que os tolos adultos só conseguem traduzir como ingenuidade (http://universohq.com.br/quadrinhos/2007/n07082007_06.cfm).

⁸³ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

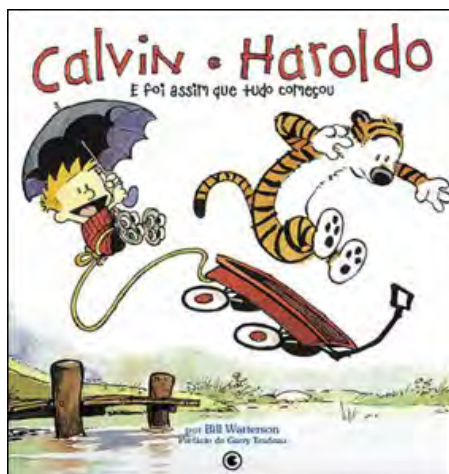


Ilustração 27 – Nesta figura vê-se o personagem Calvin, em um desenho original, com traços diferenciados da releitura providenciada pela Turma da Tropa. Aqui, o menino apresenta um ar mais ingênuo e infantil (blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br).

Como se pode perceber, ao se comparar o emblema da Turma da Tropa na Ilustração 26 e o desenho original do Calvin na Ilustração 27, percebe-se que o Calvin que simboliza a Turma da Tropa é um desenho estilizado. A imagem do Calvin no emblema da turma apresenta olhar, sorriso e gestos transformados, em relação ao original que é ingênuo e infantil. Observar as transformações evidentes na visualidade do emblema pode ajudar a compreender o que, no caso dos nomes, não é tão perceptível: que a apropriação de elementos do cotidiano pelas turmas de bate-bolas implica em empreender usos próprios, ou seja, em resignificá-los.

A Turma do Eufrazino apropriou-se do personagem Eufrazino Puxa-Brigas, da Turma do Pernalonga, para a criação do nome e do emblema do grupo. A imagem do Eufrazino do emblema se transforma a cada ano, pela incorporação de elementos de outros personagens ao “Eufrazino” original, como se pode observar nas figuras da Ilustração 28, da Ilustração 29, da Ilustração 30 e da Ilustração 31. A turma já exibiu como emblema o “Eufrazino Índio”, o “Eufrazino Vampiro”, o “Eufrazino Nostradamus” e “Eufrazino Samurai”, entre outros.



Ilustração 28 – “Eufrazino Índio”: note que o personagem usa um cocar de penas e que segura uma machadinha de pedra e um arco, em uma referência provável à representação do índio norte-americano (Acervo da autora).



Ilustração 29 – O “Eufrazino Nostradamus” aparece segurando um pergaminho representando uma profecia, e uma espécie de bordão que apresenta efeito luminoso. Às costas do personagem, a paisagem do avião se chocando com as torres gêmeas, representando a tragédia norte-americana de 11 de setembro de 2001 (Acervo da autora).



Ilustração 30 – Nesta figura vê-se o “Eufrazino Vampiro”, com dentes pontiagudos e asas de morcego (Acervo da autora).



Ilustração 31 – O “Eufrazino Samurai” é representado por um duelo de espadas entre dois Eufrazinos com quimonos e penteados de inspiração oriental (Acervo da autora).

Há turmas de bate-bolas que não têm emblema. A Turma do Vovô dos Clóvis adotou um há poucos anos, o personagem Branca de Neve, como forma de se mostrar uma turma “atual”. Conforme explicou o líder do grupo, Sr. Eremildo, em conversa com amigos de outras turmas de bate-bolas, ele teria ouvido dizer que a adoção de emblemas seria um traço característico das turmas modernas⁸⁴.

2.1.3 O hino

Além do nome e do emblema, a turma de bate-bolas pode produzir hinos. Os hinos são músicas compostas com exclusividade para as turmas de bate-bolas. Alguns são gravados de forma rudimentar, outros são gravados em estúdio, com recursos profissionais. Certas turmas fazem CDs com suas músicas e pode haver uma grande quantidade de hinos produzidos para embalar um mesmo carnaval.

Não há um ritmo específico para os hinos. Os mais comuns são o samba, o *rap* e o *funk*, possivelmente por constituírem referências musicais cotidianas no universo social das turmas. Os líderes da Turma do Eufrazino, por exemplo, possuem vivência no mundo do samba. Eles afirmam freqüentar ativamente a quadra das escolas Sereno de Campo Grande e Delírio de Campo Grande e dizem possuir relações de amizade com compositores, músicos e carnavalescos destas agremiações.

O texto a seguir corresponde à letra do “Samba do Eufrazino” de 2007, que foi escrita, musicada e gravada em conjunto por sambistas da Escola de Samba Sereno de Campo Grande e por integrantes da Turma do Eufrazino:

Parabéns, parabéns, uma salva de palmas, para a turma do Eufrazino, que completa dez anos de histórias (Repete) / De bate-bola na folia / sinto alegria, felicidade / com orgulho da fantasia / eu vou brincando pelas ruas da cidade / (Eu sou!) Sou da turma do Eufrazino / na zona oeste sou tradição / no carnaval me fascino / transmitindo empolgação / Girando pra lá, girando pra cá, se toca samba, marcha ou funk eu vou dançar (2 x) / (Bárbaro!) “Bárbaro” foi a iniciação / “Matador”, a explosão / teve “Vampiro”, “Faraó”, “Netuno, o rei do mar”, “Samurai”, “Cigano”, “Índio”, “Nostradamus” / E nesse ano, pra me consagrar / o “Rei do Universo” vou homenagear.

Há hinos de turmas que se utilizam de bases sonoras já existentes e, sobre estas bases, ganham novas letras. Este princípio de formulação de novas músicas a partir das idéias de colagem e hibridização seria característico dos mundos do *rap* e do *funk*, com suas “estéticas da versão” (SHUSTERMAN, 1998; CONTADOR, 2004; HERSCHMANN, 2005).

⁸⁴ Depoimento no documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”.

A turma da Praça possui alguns *raps* em seu repertório, construídos sobre bases sonoras previamente existentes. Um deles possui a seguinte letra:

Tu tá ligado que a Praça arrebenta / os “alemão” com a nossa beleza não agüenta / tu tá ligado, quem não pode se sacode / é a Turma da Praça / quem fundou foi o Bigode / e pra galera que espera o ano inteiro / o show começa na “escola Carneiro” / tu tá ligado aqui só tem “colombiano” / vou mandar um forte abraço pro meu mano Adriano / meu mano “São”, ele é um cara brilhante / pega um galho de arruda pra espantar o olho grande / tu tá ligado, eu quero mandar de novo / a alegria do palhaço é ver o circo pegar fogo / tu tá ligado que o bonde ao proceder / pra turma da Praça tu vai ter que se render / tu tá ligado, o bonde zoa o tempo inteiro / evitamos confusões mas também não “pedimo” arrego / o bate-bola aqui da Praça está demais / somos soldados guerreiros que lutamos pela paz / tu tá ligado, eu não fecho errado / em 2005 lançamos os “7 pecados” / jamais esquecerei, a Praça é esperança / foi lá que realizei o meu sonho de criança / tu tá ligado na justiça do Divino / liberdade pro Tiago, liberdade pros “menino”.⁸⁵

As letras de alguns hinos podem remeter àqueles que são considerados os grandes feitos da turma. Podemos perceber isto nos dois hinos acima citados. Nestes casos, elas se referem a um passado idealizado de conquistas e glórias, e assumem um papel significativo na construção da identidade do grupo. Como destaca Haesbaert,

a (re) construção imaginária da identidade envolve portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade. Nesta perspectiva, ‘a memória é solicitada e reestruturada sem cessar. Não existe aí nem perversidade nem mentira sistemática, mas necessidade de edificar uma coerência operatória e suportável’ ”. (HAESBAERT apud MEMMI, 1999, p. 180).

2.1.4 O lema

Outra dimensão merecedora de destaque na definição da identidade de uma turma de bate-bola, além da do passado idealizado, do qual acabei de falar, é a do que eu chamarei de *presente idealizado*. Notei que algumas turmas de bate-bolas elaboram enunciações para exprimir como elas desejam ser identificadas. Estas enunciações são denominadas lemas. Os lemas podem variar anualmente, e há turmas que possuem mais de um lema.

São exemplos de lemas: “Turma do Cobra: odiada por muitos, amada por poucos, respeitada por todos” (Turma do Cobra); “Não importa o que vestimos e sim o que somos. Não somos competidores, somos amigos. Por isso somos a Vila Eugênia” (Turma da Vila Eugênia); “Não basta derrotar o inimigo. Nós queremos humilhá-los” (Turma da Tropa); “Que Deus cuide dos meus amigos pois dos meus inimigos cuido eu” (Turma do Brilho).

Não há suportes específicos para a exibição dos lemas das turmas de bate-bolas. Eles podem ser estampados no tecido da fantasia e nos seus complementos ou podem ser inseridos nas aparições da turma no espaço cibernético.

⁸⁵ Rap da Praça (<http://www.youtube.com/watch?v=l0Vbn5WIMIE>).

2.1.5 O bandeirão

Algumas turmas de bate-bolas combinam lema e emblema num elemento que se assemelha às grandes bandeiras das torcidas organizadas de futebol, e que entre as turmas, também são chamados de bandeirões. Na Ilustração 32, pode-se ver um exemplo de bandeirão.



Ilustração 32 – Bandeirão da Turma Fascinação, com o emblema (Wolverine) no centro, o nome da turma, na parte superior do emblema e o lema, na parte inferior. Note que as siglas O.C. e R.J. fazem referência à localidade à qual a turma pertence (O.C. refere-se ao bairro de Oswaldo Cruz, situado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro) (Acervo da autora).

O *bandeirão* é um tipo de estandarte de grandes dimensões geralmente exibido nas festas e eventos realizados pela turma antes ou durante o período do carnaval. Ele normalmente é amarrado em carros de som ou esticado sobre muros. As turmas que fazem bandeirões costumam apresentá-los na primeira aparição pública da turma no carnaval.

2.1.6 A camiseta

A *camiseta* da turma é uma espécie de “uniforme”. Diferentemente da fantasia, que é usada exclusivamente no período carnavalesco, a camiseta pode ser usada em qualquer eventualidade. Numa camiseta de turma podem vir impressos o nome, o emblema e o lema do grupo, como se pode ver na camiseta da Turma da Praça, na Ilustração 33 e na Ilustração 34.



Ilustração 33 – Frente da camiseta comemorativa dos 15 anos da Turma da Praça (Acervo da autora).

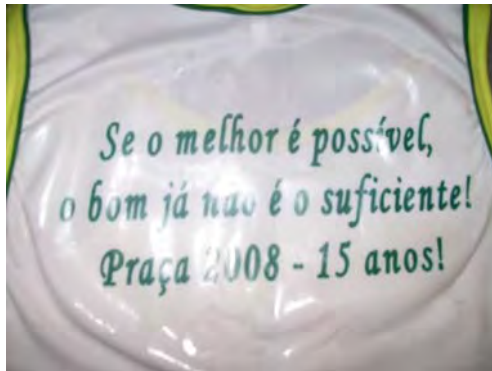


Ilustração 34 – Costas da camiseta da Turma da Praça, com o lema da turma (Acervo da autora).

2.1.7 Elementos diversos

Há outros elementos, menos usuais, que também podem simbolizar a identidade coletiva das turmas. A Turma Fascinação, por exemplo, possui carteirinhas para identificar seus membros. Além disto, tanto a Turma Fascinação quanto outras turmas, mantêm comunidades virtuais no Orkut e organizam eventos fora do período de carnaval.

2.2 Aspectos materiais dos bate-bolas contemporâneos

As fantasias que uma turma de bate-bolas usa também costumam indicar, em escalas diferenciadas, uma relação de identidade entre os fantasiados. Há turmas que preparam fantasias idênticas para todos os componentes do grupo; há outras que produzem fantasias muito semelhantes, porém com detalhes distintos; há também aquelas turmas nas quais somente alguns elementos são os mesmos para todos os componentes (como, por exemplo, o modelo da fantasia), mas que admite o emprego de detalhes completamente diferentes. Com isso, se percebe que homogeneidade visual não é uma característica geral às turmas de bate-bolas, como se costuma pensar. Em suma, os aspectos materiais dos bate-bolas contemporâneos correspondem a uma espécie de repertório de elementos concretos, que vêm sendo utilizados nas fantasias das turmas atuais.

É importante reforçar que, ao falar em repertório, refiro-me ao conjunto de elementos materiais percebidos e registrados no período estudado, pois embora seja possível estabelecer uma idéia geral da fantasia de bate-bola, não se pode afirmar a existência de um padrão rigoroso que defina esta indumentária.

Comprendemos a fantasia de bate-bola como uma indumentária carnavalesca que expressa visualmente a articulação dos diversos elementos associados ao personagem bate-bola. A dinâmica dessa visualidade se estabelece nos usos cotidianos.

Como Da Matta já destacara, o dinamismo e a variabilidade parecem ser características inerentes às fantasias de carnaval em geral. Para o autor, uma fantasia carnavalesca

não se trata de uma reprodução nos termos de uma homologia, mas de uma representação de alguns traços que a cultura brasileira define como sendo essenciais a uma criação de fantasia (ou brincadeira) do tipo. Uma reprodução autêntica (que guardasse uma relação de um-para-um com o original) seria provavelmente impossível, ou então, cairia na categoria da “fantasia autêntica”, cujo ambiente apropriado é muito mais o ambiente não-carnavalesco. (DA MATTA, 1973, p. 39).

Da Matta acrescenta ainda que:

É justamente porque as fantasias não estão preocupadas com uma correspondência centrada na homologia que é possível a duas pessoas fantasiadas de palhaço, por exemplo, viverem suas fantasias de modo fundamentalmente diverso, embora os sinais exteriores do tipo que tentam criar sejam semelhantes e de acordo com um mesmo modelo cultural. Há, na fantasia, a possibilidade de variar interpretações dentro de um mesmo tipo, o qual possui referências ideais (ou estereotipadas) no código cultural. É essa possibilidade de variação que ajuda a interpretar o termo *fantasia*, como algo relacionado também ao imaginário e aos seus subuniversos de significação correspondentes. (Ibid., p. 40).

Acredito que as fantasias de bate-bolas sejam exemplos bastante elucidativos para se compreender as fantasias de carnaval, da forma como Da Matta as define. Isto porque elas continuam se atualizando, ou seja, seu formato não é estabelecido definitivamente.

2.2.1 O macacão

Todas as fantasias de bate-bolas que observamos possuem uma roupa-base chamada de *macacão*. Entretanto, o que se entende por macacão não corresponde a um único padrão indumentário. Há diferentes macacões no que se refere às modelagens, aos volumes, aos tecidos, às padronagens e aos acabamentos. Para expressar estas diferenças, há determinadas especificações como, por exemplo, macacão de duas bandas, macacão de perna, macacão de saia (ou roda baiana), macacão lingüiça, macacão listrado, macacão de duas mangas, macacão bujão ou peito de rolinha, entre outras.

Há quem afirme que os primeiros macacões de bate-bola eram macacões de perna. A parte inferior deste tipo de macacão tem formato de calça comprida. Os macacões de perna podem apresentar-se mais ajustados ao corpo, com pouco volume e, neste caso, podem ser chamados de macacões lingüiça. Os macacões lingüiça podem apresentar duas cores de tecido, uma na direita da fantasia e outra na parte esquerda, separadas por um recorte vertical central. Quando isto ocorre, tem-se um macacão de duas bandas. Há também os macacões de perna mais volumosos. Em certos casos, eles possuem tanto volume, que podem ser confundidos com os macacões de saia. Percebemos que os macacões de perna costumam ser associados à idéia de tradição. A Turma Velha Guarda, por exemplo, cujo líder, Anderson, afirma estar tentando “recuperar os tempos áureos da brincadeira”, vem resgatando o que seria o visual tradicional do bate-bola⁵⁰. A fantasia da Turma Velha Guarda é uma das poucas a usar macacão de perna na atualidade.

Os macacões de saia parecem mais comuns. Há macacões de saia chamados de macacão roda baiana. Um macacão roda baiana seria aquele cuja parte inferior, em formato de

⁵⁰ Ver entrevista no Anexo II.

saia, ficaria bem aberta quando o fantasiado girasse o corpo. Há outros tipos de macacões de saia com volumes e com comprimentos bastante variados, como se pode perceber nas figuras da Ilustração 35, da Ilustração 36, e da Ilustração 37.



Ilustração 35 – Componente da Turma Tempestade durante a apresentação do grupo no Concurso Folião Original, em 2007. Na ocasião, a Turma Tempestade apresentou-se usando macacões médios feitos de lamê com faixas estampadas formando barras na saia e nas mangas da fantasia, representando o tema “Homenagem à imigração japonesa no Brasil” (Acervo da autora).



Ilustração 36 – A Turma do Vovô costuma utilizar macacões compridos e listrados, com listras de espessuras regulares, com três cores alternadas. Este tipo de macacão costuma ser bem longo e ter sua bainha arrastando no chão. Diz-se que uma roupa destas chega a utilizar em média de 40 a 60 metros de tecido, e que pode pesar por volta de 30 quilos (Acervo da autora).



Ilustração 37 – Componente mirim da Turma da Morte posando para foto com seu macacão listrado e volumoso. Este é um exemplo de macacão de comprimento intermediário formado por listras de espessuras irregulares (Acervo da autora).

Existem macacões em que não se distingue uma parte superior e outra inferior, pois eles são constituídos por uma peça única de tecido, franzida sob uma espécie de pala que circunda o pescoço do fantasiado, acrescida das mangas. Estes macacões correspondem aos conhecidos como “bujão” ou peito de rolinha, e pode-se ver um exemplo deles na Ilustração 38.



Ilustração 38 – A Turma Criatividade é uma das poucas turmas que utiliza macacões volumosos, cujo modelo de assemelha a um grande babado preso a uma pequena pala, como o da fotografia. Trata-se do tipo de macacão mais volumoso do universo dos bate-bolas. Este tipo de macacão não possui os recortes das mangas. A roupa apresenta uma espécie de cava, por onde passam os braços do fantasiado e, no mais, aparenta ser uma enorme gola de palhaço que pende do pescoço sobre todo o corpo, e que costuma de estender um pouco abaixo das panturrilhas do fantasiado. Para que este tipo de macacão obtenha volume, são usados tipos de cetim mais finos e leves, e pode ser aplicado um forro de espuma por dentro da roupa (Acervo da autora).

Quanto ao desenho das mangas dos macacões, há aquelas que se prendem ao punho do fantasiado por meio de um elástico costurado no interior de sua bainha, como é o caso dos macacão da Ilustração 36 e Ilustração 37. Mas há também os macacões de duas mangas,

vistos na Ilustração 35. Nestes, não há elástico na parte inferior das mangas, que são forradas e que apresentam um efeito semelhante ao da saia dos macacões de saia.

Algumas turmas costumam adotar o uso de uma espécie de forro de espuma nos macacões para, com isso, conferir-lhes mais volume. Este é o caso dos macacões da Ilustração 37 e da Ilustração 38.

Em relação aos tecidos, nota-se uma predominância dos macacões feitos de cetim e similares, mas outros materiais também podem ser empregados. Percebe-se, em geral, uma tendência a escolha de tecidos com superfícies brilhantes. A turma Tempestade é uma das que já confeccionaram macacões de lamê, por exemplo, como se vê na Ilustração 35. Entretanto, o uso de tecidos brilhantes não caracteriza uma regra: a turma de Arco-íris já produziu macacões de tule para seus fantasiados, mostrados na Ilustração 39.



Ilustração 39 – Integrantes da Turma Arco-Íris usando macacões de tule roxo, no ano de 1995. Trata-se de um material transparente, leve e opaco, com a textura perfurada, normalmente utilizado para a confecção de mosquiteiros (Acervo da autora).

Quanto ao beneficiamento (ou trabalho adicional), que pode ser realizado na superfície dos macacões, pode-se identificar mais comumente os macacões listrados e os estampados. Os macacões lisos, como os da Ilustração 40, por sua vez, são aqueles que não recebem nenhuma espécie de beneficiamento. Menos comumente, vêem-se outros tipos de beneficiamentos (como o trabalho de patchwork, da Ilustração 41).



Ilustração 40 – As turmas podem optar por não beneficiar o tecido com o qual confeccionam o macacão, mas parece que isto tem sido cada vez mais raro de acontecer nos dias de hoje. Na fotografia, trata-se da fantasia da Turma Tempestade para o ano de 2005 (Acervo da autora).



Ilustração 41 – A Turma do Descontrole exhibe macacões constituídos por recortes geométricos, em um trabalho de montagem de motivos similar ao patchwork (Acervo da autora).

Chama-se de macacão listrado aquele que é composto pelo recorte e pela costura de tiras de tecido que, reagrupadas, formam listras, normalmente de cores contrastantes. Este tipo de macacão pode apresentar-se com listras de espessuras regulares ou irregulares. Na Ilustração 36 há um exemplo de macacão de listras regulares, e na Ilustração 37, um exemplo de macacão de listras irregulares.

O macacão estampado pode ser beneficiado por meio de técnicas de serigrafia e também por estampa quadro-a-quadro ou estampa corrida (ver Ilustração 42). Percebe-se que os macacões estampados também costumam apresentar suas estampas dispostas em faixas que, em última instância, também são espécies de listras⁵¹ (ver Ilustração 43). Algumas

⁵¹ As listras dos bate-bolas podem ter relação com o “caráter diabólico das listras vestimentárias”, percebidas como subversivas na Idade Média. De acordo com Pastoureau (1993), as listras, que teriam tido significados distintos ao longo do

estampas são obtidas com o emprego de materiais inovadores, como é o caso da aplicação do foil (ver Ilustração 44).



Ilustração 42 – Algumas turmas de bate-bolas costumam estampar toda a superfície do tecido usado na confecção dos seus macacões. Normalmente as estampas se apresentam em disposição radial, formando faixas circulares de desenhos, como na fantasia de 2006 da Turma do Índio, mostrada na fotografia, cujo tema foi “Princesas Disney” (Acervo da autora).



Ilustração 43 – Algumas turmas, como a Turma da Animação, na foto, preferem macacões mais curtos e mais leves, que permitam ao fantasiado obter maior mobilidade. O comprimento destes macacões costuma ir até a altura das panturrilhas dos fantasiados, aproximadamente. Na fotografia também se pode observar a disposição da estampa na barra do macacão (Acervo da autora).

tempo, na Idade Média estariam associadas à perturbação da ordem, à dualidade e à transgressão e seriam reservadas aos trajes dos bastardos, dos servos e dos condenados. Nas leis suntuárias, as listras teriam sido impostas às vestes das prostitutas, dos saltimbancos, dos carrascos e dos bufões (Ibid., p25).



Ilustração 44 – O requinte na estamparia também pode ser expresso pelo tipo de material empregado. Há alguns anos as turmas descobriram ser possível estampar seus macacões com o *foil*, que é uma espécie de material reluzente, comumente utilizado nos uniformes de profissionais como garis e guardas de trânsito, como uma forma de proteção, fazendo que, ao atuarem à noite, estas pessoas ganhem destaque e fiquem mais visíveis do que o normal, ao serem iluminadas pelos faróis dos carros. O *foil* é conhecido popularmente como “olho de gato” (Acervo da autora).

Muitos fantasiados aplicam *essências* perfumadas em seus macacões. Trata-se das essências usadas para a fabricação de sachês e velas perfumadas, que normalmente são vendidas nas lojas de artesanato. Algumas turmas justificam o uso da essência como forma de disfarçar o odor do corpo do fantasiado, submetido ao calor do verão sob uma roupa que o cobre por inteiro. Outras já explicam seu uso pela questão da vaidade.

2.2.2 A capa, a casaca e o bolero

Sobre os macacões costumam-se utilizar capas, casacas ou boleros. Não foi vista nenhuma fantasia de bate-bola que não utilizasse alguma destas peças. As capas, casacas e boleros são itens elaborados e caros, custando, em média, 50% do valor da fantasia.⁵² É nestas peças que se exibem as ilustrações que representam as turmas de bate-bolas a cada ano, e que são chamadas por alguns de tema. Nem todas as turmas de bate-bolas utilizam temas, embora isto seja pouco comum. Há turmas, como a Multicor, nas quais não há uma relação aparente entre os motivos empregados na ilustração da casaca de cada fantasiado. Outras turmas, apesar de utilizarem um tema, admitem variação nos desenhos das casacas de seus componentes. O mais comum, porém, é a padronização do desenho e da forma de decoração das casacas de todos os membros de uma mesma turma.

O tema das turmas de bate-bolas pode ser compreendido como o assunto que norteará a definição estética da fantasia. A partir da escolha do tema, algumas turmas optam pelas

⁵² A Turma do Eufrazino contratou um profissional do carnaval para desenvolver suas casacas no ano de 2007. De acordo com André, componente da turma, este teria sido um investimento em beleza e qualidade, pois, segundo ele, a casaca seria uma espécie de “termômetro” da “competência e do capricho” da turma.

cores de tecidos e escolha das ilustrações utilizadas na roupa. Leandro, do Grupo Enigma, afirmou que os almanaques Disney (publicações contendo histórias em quadrinhos com personagens criados por Walt Disney) são uma espécie de “bíblia” dos cabeças de turma, pois fornecem ilustrações a partir das quais muitas turmas compõem seus temas. Por serem fontes de informação comum a muitos líderes de turmas, Leandro considera necessário personalizar as ilustrações do Almanaque, para evitar que ocorra coincidência no desenho das casacas de turmas diferentes⁵³. Além dos personagens da cultura de massa, temas de outras naturezas podem servir de inspiração, como os pecados capitais (tema de 2005 da Turma da Praça), os policiais do BOPE (tema de 2003 da Turma do Cobra), a grife de moda Cavalaria, cuja logomarca é vista na Ilustração 46, (tema de 2006 da Turma Freddy x Jason, que se pode ver na Ilustração 45), o nazismo (tema de 2006 da Turma Zorra Total) e a imigração japonesa no Brasil (tema de 2007 da Turma Tempestade), entre outros. Alguns temas, como o samurai, o vampiro, o roqueiro e o gladiador costumam ser reincidentes nas turmas de bate-bolas. Entretanto, por serem baseados em estereótipos, e não em personagens definidos, cada grupo os representa de formas bastante diferenciadas.



Ilustração 45 – Um adereço de mão da Turma Freddy x Jason exhibe a logomarca da grife de moda Cavalaria, que foi associada ao tema “gladiador”, escolhido pela turma para o carnaval do ano de 2006 (Acervo da autora).



Ilustração 46 – Logomarca original da grife de moda Cavalaria (www.estudantejp.com.br).

A decoração das casacas, boleros ou capas pode ser obtida por técnicas muito variadas, não havendo padrões ou formas de fazer pré-estabelecidas. Entretanto, há algumas classificações utilizadas para diferenciar os trabalhos empregados nas casacas de determinadas turmas.

⁵³ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

Costuma-se ouvir falar que os bate-bolas da região de Realengo usam casacas decoradas por meio de bordado manual, num trabalho que envolveria o uso de agulha e linha para aplicar miçangas e paetês à superfície do tecido. Porém, há turmas nesta mesma localidade que utilizariam casacas decoradas pela técnica que os fantasiados e artesãos chamam de aplique (ver na Ilustração 47). De acordo com a explicação fornecida por Rogério e Renato, ambos líderes da Turma Dick Vigarista, o aplique consistiria na formação do desenho desejado por meio da aplicação sucessiva de camadas adesivas coloridas recortadas. Todo o processo de separação de cores, bem como de recorte e de colagem das camadas adesivas seria feito manualmente⁵⁴.



Ilustração 47 – Os líderes da Turma Dick Vigarista, Rogério e Renato, exibem a casaca da turma para o ano de 2008, cujo tema é “deuses do Egito”. No centro da casaca, o personagem do desenho animado “Corrida maluca”, Dick Vigarista, representa um faraó, enquanto que os demais personagens do desenho representam outras figuras de inspiração egípcia. A casaca mostrada foi obtida por meio da técnica conhecida como aplique, na qual a ilustração é formada por meio de aplicações sucessivas de camadas adesivas recortadas (Acervo da autora).

De acordo com as informações fornecidas pelos líderes da Turma Dick Vigarista, há outras turmas de Realengo que utilizam a técnica do aplique na produção das suas casacas⁵⁵.

Também convém mencionar que turmas de outras localidades utilizam a técnica do aplique do bordado manual de miçangas e paetês (que se pode ver na Ilustração 48 e na Ilustração 49), associados às turmas de Realengo.

⁵⁴ Observando o trabalho feito na casaca da Turma Dick Vigarista, tem-se a impressão de tratar-se de adesivos obtidos por meio de recorte eletrônico, aplicados uns sobre os outros para formar motivos.

⁵⁵ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.



Ilustração 48 – Na fotografia, o integrante da Turma do Vovô, de Santa Cruz, exibe seu bolero bordado e ornado com boa de plumas, com ilustração de uma cena da história da Branca de Neve, de Walt Disney (Acervo da autora).



Ilustração 49 – A Turma Elite dos Clóvis, de Cosmos, não padroniza suas fantasias. Sobre os macacões, cada fantasiado usa uma capa com ilustrações obtidas por bordado manual de paetês e miçangas, com motivos variados (Acervo da autora).

Além destas formas de decoração das casacas, é comum encontrar trabalhos realizados por meio da serigrafia (ver Ilustração 50, Ilustração 51 e Ilustração 52), que os grupos costumam chamar de casaca gliterada. A casaca gliterada costuma ser associada às turmas de bate-bolas da Zona Norte da cidade, mas percebemos que não se restringem a esta região, pois vimos turmas de municípios da Baixada Fluminense e da Zona Oeste utilizando este tipo de casaca.

Para se produzir uma casaca gliterada, pode-se optar por misturar gliter às tintas que serão aplicadas ao tecido por meio de telas de *silk screen*, ou então aplicar o gliter

manualmente, utilizando palitos e pincéis, de forma a preencher os contornos previamente serigrafados. Como base deste trabalho, o tecido utilizado costuma ser o brim.

Ao definir como costuma proceder na decoração das casacas das fantasias do Grupo Enigma, o líder, Leandro, disse que a utilização do glitter misturado à tinta, no momento da estamparia, costuma ser o método mais rápido e mais barato⁵⁶. Entretanto, ele afirmou preferir o segundo método (o manual) porque, do contrário, a fantasia ficaria “sem emoção”⁵⁷.



Ilustração 50 – O componente Alan, do Grupo Enigma, serigrafava casacas, forros de sombrinha e tecidos de macacões num ateliê improvisado no quintal de casa, em Marechal Hermes. Na fotografia, Alan imprime no tecido das costas de uma casaca de sua turma o contorno do desenho final, utilizando tinta rosa (Acervo da autora).



Ilustração 51 – Estas são as costas de algumas casacas do Grupo Enigma, esticadas no chão para a secagem da pintura. Note que as cores dos contornos dos personagens estampados são feitas em tinta fosforescente de cores variadas (rosa, laranja e verde) (Acervo da autora).

⁵⁶ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁵⁷ As turmas de bate-bolas que não utilizam as *casacas glitteradas* costumam dizer que nestas turmas o trabalho é mecânico, e que não há envolvimento e paixão dos componentes na feita da fantasia. Entre as primeiras, o trabalho manual teria um valor superior ao trabalho mecanizado e seriado de produção.



Ilustração 52 – Na fotografia, Alan, do Grupo Enigma, exibe uma peça das costas da casaca da turma, depois de seca. Daí, a peça segue para a costura, onde serão unidas as partes da frente e a das costas, que levarão uma camada de forro de espuma e receberão acabamento de boá (Acervo da autora).

Algumas técnicas utilizadas não possuem denominações específicas. Entre estas, percebemos misturas de trabalhos (bordados manuais, bordados feitos à máquina, colagens, modelagens, esculturas, pinturas feitas à mão, *air-brush* e serigrafia), emprego de materiais inusitados (plásticos, isopor, espuma, emborrachado, aviamentos variados, luzes alimentadas por pequenas baterias, tecidos, espelhos, arames e papéis), e uma certa dose de improviso para a obtenção do resultado estético desejado. Pode-se ver um exemplo destas casacas na Ilustração 53.



Ilustração 53 – O fantasiado da Turma do Eufrazino mostra a casaca comemorativa dos 10 anos da turma, cujo tema foi “Eufrazino, o rei do universo”. A casaca da Turma do Eufrazino costuma ser elaborada com uma mistura de técnicas de modelagem, aplique, colagem, escultura e pintura, entre outras (Acervo da autora).

Devo destacar que as casacas, boleros ou capas são decorados antes da peça ser montada, ou seja, antes de se unir frente e costas por meio de costura, porém algumas turmas costumam fazer pequenos acabamentos e retoques depois das peças montadas. A aplicação de

boás de penas e similares é realizada depois da casaca ser costurada. Neste caso, costura-se a peça de plumas à mão, em torno das cavas, do decote e da barra da casaca. Este tipo de acabamento, entretanto, não é muito comum nas casacas decoradas com aplique e técnicas mistas.

Para que os boleros proporcionem uma boa visibilidade dos desenhos que trazem é comum forrá-los com espuma fina (de aproximadamente 4 ou 5mm), para que a roupa não enrugue ou fique murcha.

2.2.3 A máscara

Além dos macacões e das casacas, boleros ou capas, a máscara também se mostrou uma peça regularmente presente na fantasia das turmas de bate-bolas. O uso da máscara, que oculta o rosto do folião, normalmente acaba incentivando no sentimento de desconfiança que rodeia a manifestação. Entretanto, este não é um fato novo no carnaval, nem é restrito aos bate-bolas.

Desde os princípios do carnaval moderno no Brasil, a máscara carnavalesca tem se mostrado um acessório polêmico. Já em 1885 seu uso na cidade do Rio de Janeiro seria regulado e supervisionado pela polícia, que publicava algumas “instruções” a ser seguidas pelos mascarados:

Art. 1º É permitido o ingresso nos teatros e salões que derem bailes mascarados públicos a todos os cidadãos nacionais ou estrangeiros que quiserem a eles concorrer cobertos com máscaras ou sem elas, contanto que tenham o respectivo bilhete.

Art. 2º Nenhum máscara terá entrada nos teatros e salões sem primeiro mostra-se à autoridade competente; e quando recair algumas suspeitas sobre ele será mandado se retirar.

Art. 3º É proibido a qualquer entrar com bengalas, paus ou outras armas nas formas dos regulamentos em vigor.

Art. 4º Os máscaras, embora trajados à fantasia, não poderão tomar vestidos, roupas ou máscaras, que representem caricaturas injuriosas ao governo, à religião, e a qualquer cidadão nacional ou estrangeiro, ou ofensivas à moral e aos bons costumes.

(...)

Art. 8º Não é permitido a nenhum indivíduo, desde o toque de recolher, nas noites dos bailes, até as 4 horas da madrugada do dia seguinte, apresentar-se nas ruas da cidade, mascarado, sob pena de ser preso por suspeito. (FERREIRA, 2005, p. 53-4).

Atualmente, entretanto, muitos bate-bolas não usam suas máscaras o tempo todo durante a aparição em público, como se pode ver na Ilustração 54, ao contrário do que alguns pesquisadores haviam observado. Para Zaluar (1978) e Frade (1979) o anonimato promovido pelas máscaras dos bate-bolas cariocas seria um fator imprescindível à brincadeira. Zaluar afirma que “brincar de clóvis significa justamente esconder dos outros quem está ali. Revelar-se significa acabar a brincadeira. Deixar-se descobrir, quando não se quer, significa fracassar enquanto clóvis” (ZALUAR, 1978, p. 53).



Ilustração 54 – O fantasiado da fotografia circulava sem cobrir o rosto com a máscara, pelas ruas do bairro de Copacabana, no carnaval de 2008 (Acervo da autora).

Apesar de também existirem, nos dias de hoje, medidas policiais preventivas quanto ao anonimato dos componentes mascarados das turmas de bate-bolas, como o cadastramento de turmas promovido pelo 9º BPM – RJ, não existe nenhuma proibição explícita que restrinja horários ou locais para o uso da máscara.

Ao serem questionados sobre os motivos pelos quais não se mantêm necessariamente mascarados durante a aparição pública, alguns fantasiados disseram sentir orgulho em mostrar o rosto ao trajarem a fantasia. De acordo com André Luiz, da Turma do Eufrazino, não é qualquer um que pode “gastar onda” saindo de bate-bola. Para ele, não faria sentido seria pagar caro pela fantasia e “tapar a cara”⁵⁸.

Mesmo não sendo utilizada o tempo todo, a máscara é um elemento sempre presente. Não se percebeu nenhuma turma que tenha descartado a máscara enquanto elemento componente da fantasia. Ao contrário, o que se percebeu foi uma profusão de diferentes tipos de máscaras.

A máscara de bate-bola considerada como típica da fantasia seria, como apontam alguns, a máscara de tela, que pode ser vista na Ilustração 55. Esta já era usada em carnavais franceses do século XIX como proteção nas batalhas de confete (MARS, 1898). No Rio de Janeiro, acredita-se que as máscaras de tela com motivos cômico-terrorizantes, associadas com exclusividade aos bate-bolas, teriam sido criadas e comercializadas de forma pioneira

⁵⁸ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

pelo escultor espanhol Armando Valles, que chegara ao Brasil em 1954.⁵⁹ Na Zona Norte do Rio de Janeiro há, atualmente, um artesão popularmente conhecido como Carlos, que é apontado como o responsável por elaborar e produzir a maioria das máscaras das turmas de bate-bolas locais.



Ilustração 55 - “Um meio seguro de lhes proteger os olhos” – A ilustração exhibe dois foliões brincando de batalha de confetes, no carnaval niçoise do final do século XIX. A máscara de tela usada por ambos teria a finalidade de proteger os olhos, durante a brincadeira (MARS. Nice em Carnaval. Paris: Société Française d’Éditions d’Art, 1898).



Ilustração 56 – Máscara de tela produzida na Condal, e criada por Armando Valles. O modelo da fotografia é um modelo visto como tradicional, que teria sido comercializado ainda na década de 1980. Pode-se perceber uma clara influência do cotidiano nesta criação de Valles, baseada na maquiagem de Gene Simmons - um dos integrantes da banda norte americana Kiss -, surgida no início dos anos 1970 (www.condal.com.br).

⁵⁹ Armando Valles fixou-se no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, e lá fundou a indústria de máscaras carnavalescas Condal. De acordo com vários depoimentos recolhidos durante a pesquisa, a Condal teria sido, por muitos anos, a única provedora de máscaras dos bate-bolas no mercado, até que, há aproximadamente uma década, teriam surgido outros artesãos empenhados no ofício de confeccionar máscaras de tela em escalas menores de produção. A Condal continua sendo a fornecedora exclusiva de máscaras de bate-bola padronizadas, para o comércio em geral, e também atende a pedidos personalizados feitos por turmas de bate-bolas (www.condal.com.br).

As máscaras de tela, como as da Condal, exemplificada na Ilustração 56, e as do artesão Carlos, são feitas de tela de arame ou de material plástico moldável e pintadas à mão; depois de prontas, são costuradas a uma espécie de capuz feito de malha, para serem “vestidas” na cabeça dos fantasiados. Algumas delas possuem cabelos sintéticos, marabus de pena, babados de tecido ou outras espécies de ornamentos costurados ou colados no topo da cabeça (ver Ilustração 57 e Ilustração 58).



Ilustração 57 – O fantasiado da Turma Bolo Doido usa máscara de tela feita sob encomenda para a turma, com desenho personalizado, capuz colorido - também feito especialmente para o grupo -, e decoração de boá rosa e amarelo, aplicado à máscara com a utilização de cola quente em pistola (Acervo da autora).



Ilustração 58 – A máscara comemorativa dos 10 anos da Turma Cristal é personalizada, e recebe o aplique de decoração em tecido serigrafado, unido entre a tela e o capuz, no momento da montagem do conjunto (Acervo da autora).

Embora as máscaras de tela comercializadas atualmente sejam apontadas como exclusivas da fantasia de bate-bola, nem todas as turmas as adotam. Há turmas que optam por utilizar outros tipos de máscaras, como as de látex, na Ilustração 59, e de tecido, na Ilustração 60, com temáticas variadas, e que podem ou não cobrir toda a cabeça dos fantasiados.



Ilustração 59 – Algumas turmas de bate-bolas substituem as máscaras de tela por outras, de tecido, plástico ou látex, como a da fotografia, desde que elas se adequem satisfatoriamente ao tema das fantasias (Acervo da autora).



Ilustração 60 – Podemos ver, em detalhes, a frente da máscara de malha serigrafada elaborada pela Turma da Kuka, com a temática “samurai”, no ano de 2007. Nesta máscara não há a parte de tela. Na parte superior da cabeça, aplicou-se um pedaço de boa para dar acabamento (Acervo da autora).

2.2.4 O meiões e as luvas

Complementando a cobertura do corpo, além das máscaras, usam-se *meiões* (que são meias compridas, semelhantes às de futebol, ou então, parecidas com as meias-calça femininas) e *luvas*, personalizados ou não.

Os meiões e luvas costumam ser feitos de malha elástica (como, por exemplo, a lycra, a helanca ou similares) e, juntamente com os capuzes das máscaras, podem constituir o que algumas turmas chamam de kit, e que pode ser visto na Ilustração 61.



Ilustração 61– Na fotografia vê-se um kit, composto por meião, máscara com capuz e luvas personalizados. A personalização deste kit foi obtida através de recortes na lycra, em pedaços coloridos costurados uns aos outros (Acervo da autora).

As peças componentes dos kits são personalizadas, feitas por encomenda, e podem ser formadas por motivos geométricos coloridos, recortados e costurados uns aos outros, ou podem ser estampadas com figuras relacionados ao tema da turma, como se vê na Ilustração 62.

Algumas turmas não fazem kits personalizados. Entre estas é comum usar máscaras, meiões e luvas adquiridos no comércio. Notamos que as turmas que usam macacões mais compridos e volumosos (que não conferem muita visibilidade às pernas e aos braços) e também as que utilizam as botas e perucas (sobre as quais falaremos mais adiante), são as que costumam se preocupar menos com a personalização de meiões, luvas e capuzes de máscara.



Ilustração 62 – O meião da Turma do Caos, mostrado na fotografia, foi feito em helanca fina que recebeu estampas personalizadas, combinando com o tema da fantasia – “duendes” (Acervo da autora).

2.2.5 Os calçados

Nos pés, identificamos três tipos de calçados geralmente usados nas fantasias de bate-bola: sapatilhas, botas e tênis de marca.

A sapatilha, mostrada na Ilustração 63, é um calçado específico dos bate-bolas feito normalmente de lona, couro sintético ou materiais similares. As sapatilhas de bate-bola podem ser personalizadas por meio de trabalhos variados, como o bordado manual e a aplicação de recortes de tecido, e podem, também, ser feitas sob encomenda, de forma a seguir as cores e padrões empregados na fantasia.

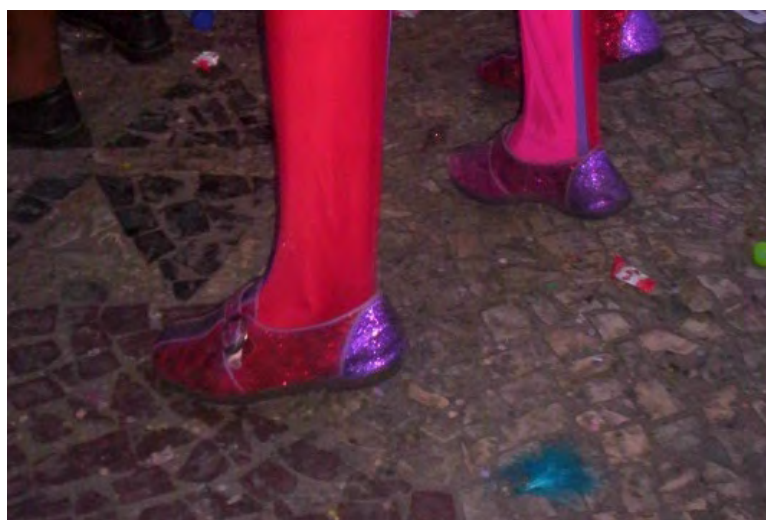


Ilustração 63 – A fotografia mostra um exemplo de sapatilha personalizada, forrada com lamê colorido, nas cores do tema da fantasia (Acervo da autora).

A bota, que se vê nas Ilustrações 64 e 65, na verdade, não se refere ao calçado em si, mas a um acessório que corresponde a um cano longo (similar ao das botas tradicionais), normalmente feito de espuma ou de material emborrachado, decorado seguindo o padrão da fantasia, e usado sobre a parte inferior da perna de forma a envolvê-la e a cobrir o calçado usado pelo fantasiado. Neste caso, usa-se qualquer tipo de sapatilha ou de tênis que praticamente não ficam visíveis.



Ilustração 64 – Algumas turmas de bate-bolas cobrem parte das pernas, das panturrilhas às canelas, com um acessório conhecido como bota, a exemplo do que mostra a fotografia. As botas costumam ser decoradas com elementos temáticos e podem ser obtidas com o emprego de técnicas variadas de confecção. Na bota da fotografia, a base da peça foi feita utilizando-se material emborrachado forrado com veludo sintético, que recebeu pintura de *air brush* e detalhes, em emborrachado decorado, aplicados à base com cola quente em pistola. Nota-se que na parte inferior desta bota há um elástico, que será passado sob o pé do fantasiado para evitar que a peça saia do lugar. Feito isso, é calçada a sapatilha, também decorada de maneira personalizada (Acervo da autora).

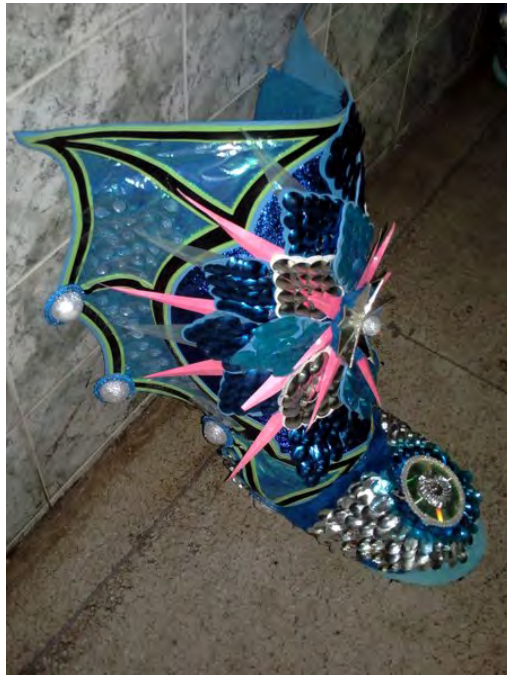


Ilustração 65 – Bota da turma Freddy x Jason produzida em acetato prensado, com acabamentos em lantejoulas (unhas) e isopor, representando o tema “fundo do mar”. Esta foi a primeira bota da turma confeccionada com este tipo de material, que costuma ser trabalhado nas oficinas das escolas de samba (Acervo da autora).

Os tênis de marca usados pelos bate-bolas são tênis de grifes esportivas em evidência no momento (Mizuno, Nike, Adidas, Reebok e Puma, por exemplo), adquiridos no comércio mediante a reserva de um modelo único em quantidade suficiente para atender a todos os componentes de uma turma (ver Ilustração 66).



Ilustração 66– Na fotografia vê-se o barracão da Turma Fascinação com os macacões, casacas e caixas de tênis preparados para serem entregues aos fantasiados, no ano de 2005. Nesta ocasião, os tênis escolhidos foram da marca Nike, em modelos próprios para a prática da corrida esportiva (Acervo da autora).

As turmas que utilizam os tênis de marca costumam combiná-los com macacões mais curtos, de forma que os pés fiquem bem visíveis. Além disto, mantêm as etiquetas de papel provenientes do fabricante ou das lojas de origem afixadas nos tênis, de forma a não deixar dúvidas sobre a legitimidade do produto.

A incorporação dos tênis de marca à fantasia de alguns bate-bolas ilustra de forma explícita a questão dos usos particulares que os fantasiados empreendem sobre determinados elementos do cotidiano.

Os ditos tênis de marca são idealizados para públicos e formas de consumo diferentes dos caracterizados pelas turmas de bate-bolas. Se para os desportistas, por exemplo, estes tênis representam desempenho, conforto e estilo esportivo, entre os bate-bolas, eles costumam denotar poder, ostentação e visibilidade social pelo dispêndio (um par de tênis como os utilizados por algumas turmas de bate-bolas custa entre R\$ 400 e R\$ 500).

2.2.6 A bexiga

A bexiga, que, assim como a máscara, já chegou a ser descrita como um elemento fundamental da brincadeira do bate-bola, ao qual a performance característica do fantasiado estaria associada, também não se mostrou nem obrigatória, nem invariável, nas fantasias atuais.

Os bate-bolas que utilizam bexigas atualmente podem adotar a versão plástica, industrializada, como opção às antigas bexigas animais, secas e infladas. Também podem ser

usadas diferentes espécies de bola (como as feitas para a prática de jogos de frescobol e de futebol, por exemplo).

As “bexigas” industrializadas e objetos similares costumam ser atados a bastões (geralmente de madeira), através de redes feitas de fios trançados (ver Ilustração 67), e podem, ainda, ser texturizadas com cola e areia (ou outros materiais ásperos) aplicadas sobre sua superfície. A texturização teria a finalidade de proporcionar boladas mais doloridas, segundo afirmam alguns fantasiados.



Ilustração 67 – A bexiga plástica costuma ser atada a um bastão de madeira por uma espécie de rede, como mostra a fotografia (Acervo da autora).

Ressaltamos que a bexiga dos bate-bolas costuma ser vista como um símbolo de agressividade. Há bate-bolas que entendem esse elemento como um objeto que tem a finalidade de impor o medo e de demonstrar poder. Entretanto, alguns afirmam que a bexiga seria um elemento indispensável da suposta configuração “correta” da fantasia. Para estes, descartar a bexiga implicaria em descaracterizar o bate-bola enquanto personagem. Em defesa do uso da bexiga, o líder da Turma do Pânico argumenta que, para os foliões mal-intencionados, qualquer objeto poderia vir a funcionar como uma arma⁶⁰: “Vocês já repararam que na sombrinha, aquela pontiaguda, pode se tornar uma arma? O *MacGiver*⁶¹ era desarmado e perigoso!”, disse o folião.

Para algumas pessoas, a bexiga e a sombrinha constituiriam elementos opostos. Há quem associe o uso da sombrinha à idéia de paz, e o uso da bexiga à idéia de guerra.

⁶⁰ Depoimento no documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”.

⁶¹ Mac Giver, a quem o informante se refere, era o protagonista da série “Profissão: perigo”, exibida pela rede Globo na década de 1980. Na série, Mac Giver era um agente capaz de livrar-se de situações perigosas e de salvar pessoas utilizando objetos e métodos sempre inusitados.

2.2.7 A sombrinha

Diz-se que as sombrinhas teriam sido incorporadas aos bate-bolas como uma tentativa de destituí-los do estigma da violência. Não há precisão sobre o ano em que tais adereços teriam começado a ser utilizados. Jeovani, líder da Turma Vila Eugênia, desenhista e ilustrador para várias turmas da Zona Norte, afirmou ter visto as sombrinhas nas turmas de bate-bolas, pela primeira vez, na década de 1980, aproximadamente:

Existia uma turma chamada de Washington Vila que saiu com uma fantasia preta e branca, com o tema do Popeye, e usava uma sombrinha igual o chapéu (sic) da Kibon, com um gomo de cada cor. Era assim, só que um gomo branco e um gomo preto, entendeu? Só que era igual a um guarda-chuva mesmo, com aquele cabo curto, aí o Cássio chegou e modernizou a sombrinha.⁶²

Conforme o depoimento de Jeovani, que fora parceiro de Cássio na liderança de turmas de bate-bolas, este teria aprimorado a sombrinha, dando origem ao estilo dama antiga, que seria caracterizado pela sombrinha forrada de renda, com cabo longo (na época feita por encomenda na Rua da Conceição, no Centro do Rio) e pelo leque (ver Ilustração 68), também de renda. O bate-bola dama antiga teria circulado pela primeira vez na década de 1990 e, a partir daí, influenciado todas as turmas de bate-bolas da região de Marechal Hermes.



Ilustração 68 – Componentes da Turma Fascinação ecibem, entre outros elementos da fantasia, o leque decorado com plumas (Acervo da autora).

Atualmente vêm-se sombrinhas feitas de materiais variados e com formatos estilizados, que procuram obedecer rigorosamente aos temas das fantasias, como as da Ilustração 69. O artesão Enéas é apontado por muitos como um dos principais produtores de sombrinhas para as turmas de bate-bolas da atualidade. Em seu processo produtivo, Enéas recebe dos líderes de turma as peças de tecido já estampadas, com as quais reveste as

⁶² Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

armações das sombrinhas para, finalmente, providenciar os acabamentos das peças (ver Ilustração 70 e Ilustração 71).



Ilustração 69 – As sombrinhas usadas pelas turmas de bate-bolas integram-se à temática da fantasia podendo, inclusive, ser feitas em formatos inusitados, como as da fotografia (Acervo da autora).



Ilustração 70 – Pilha de tecidos serigrafados, que serão encamihados para a etapa da montagem das sombrinhas (Acervo da autora).



Ilustração 71 – Sombrinhas do Grupo Enigma, depois de prontas (Acervo da autora).

Apesar de sugerirem idéias opostas, bexiga e sombrinha (entre outros elementos supostamente antagônicos na simbologia dos bate-bolas) podem ser vistas sendo usadas numa mesma fantasia. Porém, os pares de elementos tidos como mais típicos e significativos são bola e bandeira, e bicho e sombrinha.

2.2.8 A bandeira

A bandeira das turmas de bate-bola se diferencia do bandeirão (anteriormente citado) porque é um adereço de mão, como se pode ver na Ilustração 72. Quanto à sua decoração, elas podem ostentar o emblema das turmas ou ilustrações relacionadas ao tema escolhido. Podem, também, trazer escritos os lemas das turmas.



Ilustração 72 – Bandeira da turma Gênios do Barulho (Acervo da autora).

A bandeira é um elemento normalmente associado ao uso da bexiga, ou seja, não é considerado estranho que os fantasiados que usam bexigas também usem as bandeiras. Assim como ocorre com a bexiga, a bandeira é um objeto frequentemente relacionado à agressividade. Há quem afirme que o real objetivo do emprego da bandeira na fantasia seria o do uso do seu pequeno mastro como cassetete, ou seja, também como arma.

2.2.9 O bicho

O *bicho* (ou *boneco*) também é um adereço de mão. Trata-se da reprodução tridimensional de um personagem relacionado ao tema da fantasia. O bicho pode ser comprado pronto (bichos de pelúcia, comprados nas lojas de brinquedos, como os da Turma

Vila Eugênia mostrados na Ilustração 73), ou pode ser produzido por meio da modelagem e da escultura de materiais emborrachados, espuma e isopor, como o exemplo da Ilustração 74.



Ilustração 73 – Fantasiados da turma Vila Eugênia com seus “bichos” de pelúcia (Acervo da autora).



Ilustração 74 – O “reizinho” do Grupo Enigma é uma espécie de “boneco” confeccionado por encomenda para a turma. Foi empregada a espuma, como base para a sua confecção (Acervo da autora).

Alguns dos fantasiados justificam a opção pelo bicho como uma expressão de comportamento pacífico. O uso dos bichos é comumente relacionado ao uso das sombrinhas. Há quem afirme que os bichos teriam surgido para substituir os leques e também para conquistar a simpatia do público infantil. Jeovani, da Turma Vila Eugênia, afirmou ter participado na invenção do bicho, como adereço das fantasias de bate-bolas. Ele contou que o primeiro bicho da história dos bate-bolas teria sido um duende, usado por sua turma no ano de 1992 (nesta época, Jeovani integraria a Turma Bolo Doido). A confecção do duende pioneiro

teria sido responsabilidade de um artista plástico residente no bairro de Itaipu, no município de Niterói⁶³.

2.2.10 Outros elementos

Além dos elementos já citados, pode-se mencionar ainda uma gama extensa e variada de outros elementos, que podem ser agregados livremente à visualidade de certas turmas, e que costumam ser idealizados para reforçar o tema escolhido para as fantasias. Entre estes, destacamos perucas, chapéus (e outros adereços de cabeça) e adereços de mão.

Podem-se ver perucas feitas de cabelo sintético, lã, tecido, fitas ou materiais similares, com penteados, tais como tranças e coques (ver Ilustração 75).



Ilustração 75 – Peruca de tecido acolchoado (Acervo da autora).

Há fantasias nas quais se utilizam chapéus, cartolas, coroas, gorros, boinas, entre outros adereços variados de cabeça.

Percebeu-se também existirem adereços variados de mão, como bengalas, bisnagas, foices, tridentes, espadas etc., adequados ao contexto temático da fantasia, como se vê na Ilustração 76.

⁶³ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.



Ilustração 76 – O acessório de mão da Turma Freddy x Jason, para a fantasia com o tema “fundo do mar” (Acervo da autora).

2.3 Aspectos performáticos das turmas de bate-bolas atuais

De modo parecido com o que ocorre com as fantasias, as performances também marcam a identidade coletiva das turmas.

O conceito de performance eleito para nortear esta análise baseia-se na definição de Schechner. Para o autor, a performance corresponde às formas de interação de dado objeto, obra ou produto com o mundo, com outros seres (SCHECHNER, 2003). A performance seria, então, toda a ação que engendra comunicação e que estabelece contato.

As performances simplificadas, costumeiramente associadas às brincadeiras mais antigas dos bate-bolas – como o ato de girar o corpo, exibindo o panejamento da fantasia, as perseguições para assustar as crianças, a voz disfarçada em falsete para evitar a identificação e o modo de andar gingado e coreografado – não são mais suficientes para abranger a multiplicidade de ações características destes fantasiados, na atualidade.

Os aspectos performáticos da manifestação dos bate-bolas contemporâneos correspondem a um repertório dinâmico e variado de ações associadas às turmas de bate-bolas e submetidas ao contexto do carnaval.

Antes de tratar desse aspecto consideramos fundamental esclarecer nossa compreensão sobre o conceito de carnaval.

De forma resumida, o carnaval seria a totalidade das festas realizadas dentro do período carnavalesco (FERREIRA, 2005). Muitos autores caracterizam as festas em geral como espécies de rituais coletivos centrados nos sentimentos de júbilo, de prazer e de

integração, que teriam uma forte dimensão transgressiva e que subverteriam a ordem social cotidiana.

Para Duvignaud, por exemplo, a festa poderia ser compreendida como um espaço de subversão e do predomínio da anomia:

A anomia é aplicável a estes contextos onde reinam apelos voláteis e contraditórios que solapam a hegemonia das culturas e aspiram o desejo do infinito. Neles coexistem, simultaneamente, as forças desintegradoras que presidem a dissolução dos antigos sistemas, a explosão de uma “libido” sem limites, as aspirações criativas direcionadas para a utopia social, os conflitos entre a subversão imbricada na demolição dos regimes superados e as tendências coercitivas incorporadas a novas codificações regendo ou pretendendo gerir o quotidiano em nome de valores em gestação. (DUVIGNAUD, 1983, p. 9).

Da Matta, por sua vez, entenderia a festa carnavalesca como um espaço de inversão simbólica e de integração social:

O carnaval parece ser a instituição paradigmática desta visão do Brasil como uma grande *communitas*, onde raças, credos, classes e ideologias comungam pacificamente ao som do samba e da miscigenação racial (...). O carnaval seria o sumário perfeito desta visão anti-cotidiana da vida brasileira. Um ritual que, ao romper com o continuum da vida diária, aponta gritantemente para alguns pontos básicos da nossa ordem social. (DA MATTA, 1973, p. 21-2).

Diferentemente do modo como se costuma compreender a festa e, em especial, a festa carnavalesca, entendemos a festa como uma representação do cotidiano, e não como um momento predominantemente anômico, ou aberto à subversão das regras sociais, pois “quando se considera o carnaval somente como uma festa de inversão, estamos reduzindo a folia a uma única forma de expressão” (FERREIRA, 2004, p. 69).

Para efeitos deste estudo, compreende-se a festa carnavalesca como “um momento e um espaço de tensão” definido pela atuação de várias forças. Com isso, espera-se contemplar “as muitas festas que compõem a grande festa” (Ibid., p. 71).

Isenta da obrigação de ter um sentido preestabelecido, a festa carnavalesca ocupa livremente as ruas e salões daqueles centros urbanos que podem exibir a felicidade de se entregar à folia uma vez por ano. (Ibid.).

Espera-se, também, observar de forma ampla a diversidade e o antagonismo das performances que compõem o repertório das ações associadas aos bate-bolas atuais, pois elas também se mostram isentas da obrigação de ter um sentido prévio e único, como veremos a seguir.

2.3.1 As festas

Fora do período do carnaval, os componentes das turmas de bate-bolas podem relacionar-se em circunstâncias diversas. Há turmas nas quais alguns integrantes formam grupos musicais, turmas de baloeiros, comissões organizadoras de festas, times locais e torcidas de futebol, entre outros tipos de associação.

No universo dos bate-bolas é comum acontecerem reuniões realizadas em torno do preparo de churrascos, feijoadas e outras festas com objetivos variados. Entre eles, destacamos os eventos com objetivo de angariar fundos para a aquisição de matérias-primas que servirão à produção de elementos do carnaval. A arrecadação gerada por este tipo de evento pode, por exemplo, custear os elementos de identidade coletiva das turmas, como a gravação e a difusão dos hinos, a confecção dos bandeirões e a organização dos festejos da saída da turma. Além disso, nestas reuniões, costuma-se estipular a divisão das tarefas necessárias à produção da brincadeira.

A Turma Fascinação, por exemplo, costuma promover festas pagas abertas ao público. Com isto, além dos objetivos mencionados anteriormente, o grupo também se promove na comunidade local (ver Ilustração 77, Ilustração 78 e Ilustração 79).



Ilustração 77 – Filipeta de uma das festas promovidas pelos componentes da Turma Fascinação (Acervo da autora).



Ilustração 78 – Ingressos de uma das festas promovidas pelos componentes da Turma Fascinação. Como se pode intuir, do nível de elaboração dos eventos promovidos pela turma, trata-se de um grupo altamente organizado (Acervo da autora).



Ilustração 79 – Vinícius e Anderson, componentes da Turma Fascinação, posando para a fotografia, em uma de suas festas (Acervo da autora).

Além desses encontros, realizam-se eventos fechados, dos quais somente os componentes das turmas podem participar. Entre estes há os encontros particulares das turmas (que reúnem componentes de um mesmo grupo para socialização ou para a produção das fantasias), os eventos de socialização entre turmas (que colocam em contato os líderes de turmas diferentes, e que normalmente consolidam relações de afinidade entre certos grupos) e, ainda, aqueles voltados para a divulgação dos serviços para as turmas de bate-bolas (promovidos por prestadores de serviço do universo dos bate-bolas). Como exemplo mencionamos os tradicionais almoços promovidos pelo artesão Enéas, produtor de adereços para turmas de bate-bolas. Os eventos promovidos por Enéas normalmente são fechados ao público externo e costumam realizar-se no bairro de Guadalupe, no Rio de Janeiro⁶⁴.

Durante o carnaval, podem ser promovidos almoços com churrascos e feijoadas, que costumam estender-se aos amigos e familiares dos componentes de turmas de bate-bolas.

A Turma do Eufrazino, por exemplo, costuma organizar-se financeiramente para investir no aluguel de casas com área de lazer para os integrantes da turma e seus familiares durante o período de carnaval, inclusive com a cobertura das despesas com alimentação e bebidas para todos. Outras turmas podem promover eventos similares, de portes variados. Algumas delas alugam galpões ou salões de festa para comportar confortavelmente todo o grupo, enquanto que outras reúnem-se na casa de algum dos membros ou nos barracões das turmas⁶⁵, como o barracão mostrado na Ilustração 80, nos momentos que antecedem as aparições públicas.

⁶⁴ O último almoço do Enéas de que tivemos notícia ocorreu em 16 de fevereiro de 2008 e teve a particularidade de reunir num mesmo ambiente os líderes de turmas de bate-bolas consideradas rivais, contando com representantes de turmas de “bicho e sombrinha” e também de turmas de “bola e bandeira”.

⁶⁵ Algumas turmas possuem espaços próprios para confeccionar e guardar fantasias, e também para abrigar os componentes no dia da saída. Estes espaços são chamados de barracões.



Ilustração 80 – Fachada do barracão da Turma do Caneco (Acervo da autora).

2.3.2 As saídas das turmas

A primeira aparição pública das turmas de bate-bolas no carnaval corrente costuma constituir um evento ritual conhecido como saída de turma. As saídas de turma, que podem requerer diferentes níveis de preparação (como a organização prévia das fantasias, vista na Ilustração 81) e que costumam mostrar diferentes graus complexidade, geralmente ocorrem no domingo de carnaval. Esta não é, entretanto, uma regra, pois também há turmas que realizam suas saídas no sábado de carnaval.⁶⁶



Ilustração 81 – Macacões do Grupo Enigma arrumados no local da saída da turma (Acervo da autora).

⁶⁶ Alguns componentes afirmaram que, para as turmas que participam de concursos de fantasias, não é bom expor-se antes do domingo, que é quando os concursos costumam começar.

Para algumas turmas, o momento da saída constitui o auge da brincadeira. As informações do local, do dia e do horário da saída da maioria das turmas são transmitidas informalmente para a comunidade, geralmente por comunicação oral, momentos antes de acontecer. De acordo com a explicação de alguns fantasiados, o sigilo é mantido para evitar a sabotagem de turmas rivais.

Conforme pudemos presenciar nos bairros de Marechal Hermes, Bento Ribeiro, Rocha Miranda e Honório Gurgel – onde as saídas costumam ser aguardadas como verdadeiros espetáculos –, a expectativa do público é muito grande. Há pessoas que afirmam circular pelas ruas durante o domingo de carnaval com a intenção de serem surpreendidas pelo aviso da saída de uma ou outra turma de bate-bolas. Notamos ser constante nestes locais, no mesmo período, a presença de viaturas policiais.

Ao receberem o aviso de alguma saída, os espectadores reúnem-se nos arredores do local indicado. De acordo com o volume de pessoas – que tem relação com o poder e a fama de determinadas turmas –, pode haver, inclusive, uma estrutura rudimentar de comerciantes ambulantes no local.

Para anunciar que é chegada a hora de abrir os portões e liberar a passagem dos fantasiados, algumas turmas promovem queima de fogos (ver Ilustração 82). É comum também haver uma sonorização do evento, através de equipamentos de som montados no local ou do uso de carros de som. No momento da saída, o hino da turma (ou outra música, no caso das turmas que não têm hino) costuma ser acionado para embalar a coreografia dos fantasiados. Em seguida os portões são abertos e os fantasiados tomam o espaço correndo, gritando e posando com ou sem máscaras para fotos e filmagens⁶⁷.



Ilustração 82 – Foguetes preparados para anunciar a saída do Grupo Enigma (Acervo da autora).

⁶⁷ Um fato curioso nos chamou atenção na saída da Turma Magia, em 2008: a presença de um bate-bola com deficiência física, na cadeira de rodas. Parecia tratar-se de uma criança. A cadeira do bate-bolas deficiente era dirigida por um homem comum, sem fantasia, que manejava a cadeira tentando reproduzir como podia os movimentos vigorosos feitos pelos outros fantasiados.

Toda esta apresentação costuma durar em torno de 15 a 20 minutos. Passado este tempo, os bate-bolas tendem a se dispersar em grupos menores pelas redondezas, costumando voltar a se encontrar para circularem juntos nos carnavais de coreto de outras localidades da cidade e também para participarem de concursos de fantasias.

Há turmas que não priorizam o momento da saída. Para elas, a circulação pelas ruas, que chamamos de passeio, costuma ser mais a forma mais expressiva da brincadeira. Percebemos que os passeios curtos, realizados a pé, são mais valorizados entre as turmas que usam fantasias mais volumosas e pesadas. Existem turmas que preferem deslocar-se para localidades mais afastadas em vez de circularem somente pelas ruas do próprio bairro. Nestes casos, utiliza-se transporte fretado (ônibus, kombis ou vans) ou o trem para deslocar-se entre bairros. Normalmente os roteiros de passeio seguidos pelas turmas durante o carnaval são definidos com antecedência e as paradas escolhidas costumam privilegiar pontos estratégicos do carnaval, evitando-se, na maioria dos casos, passar pelos lugares freqüentados por turmas de bate-bolas rivais.

2.3.3 Os concursos

Além das saídas e passeios, citamos os concursos de fantasias como eventos de relativa importância no universo dos bate-bolas atuais. Conforme contam alguns bate-bolas, os concursos atuais de fantasias seriam influenciados pela iniciativa do Sr. Magalhães – antigo comerciante do bairro de Marechal Hermes e maior provedor de artigos para a confecção de fantasias da região – que teria promovido as primeiras competições do gênero na década de 1980. Além do material para fantasias, ele comercializaria fitas de VHS com imagens dos concursos passados e fantasias usadas de bate-bolas. Diz-se também que Sr. Magalhães trocava fantasias de anos passados por descontos na aquisição de aviamentos e matérias-primas novos. As turmas vencedoras dos concursos promovidos por ele receberiam como prêmios troféus e novos materiais para a confecção das fantasias do ano seguinte. Há quem afirme que esses concursos contribuíram para acirrar as rivalidades entre as turmas de Marechal Hermes e adjacências e que teriam também grande responsabilidade sobre a sofisticação exagerada da fantasia dos dias de hoje, supostamente estimulada pelo desejo de superação despertado pela competição. Apesar destas afirmações, a maioria dos fantasiados costuma falar do Sr. Magalhães, já falecido, com saudosismo e admiração, destacando sua importância enquanto divulgador da cultura popular da região.

Atualmente são realizados concursos de fantasias de bate-bolas em alguns bairros da cidade, como o da rua Capitão Teixeira, no bairro de Realengo, no qual as turmas vencedoras são premidas com troféus, como os que se vê na Ilustração 83. O Concurso Folião Original também vem sendo realizado anualmente, promovido pela RioTur, não se sabendo exatamente em que ano teria iniciado. Este concurso contempla tipos diferentes de fantasias e, por isso, é segmentado em categorias, entre as quais consta a categoria Turma de Clóvis.



Ilustração 83 – Na fotografia, a camiseta da Turma Freddy x Jason e os dois prêmios conquistados pelo grupo em concursos de fantasia em 2008, em Santa Cruz e na rua Capitão Teixeira (Acervo da autora).

O Concurso Folião Original é realizado na Cinelândia, às terças-feiras de carnaval, como se pode ver na Ilustração 84. As inscrições para o concurso começam às 13 horas e terminam às 16 horas. Para inscrever-se, a turma de bate-bolas deve ter, no mínimo, 15 componentes maiores de 18 anos, e deve ser representada por um responsável devidamente documentado. Os prêmios oferecidos atualmente às turmas campeãs são pagos em dinheiro, nos seguintes valores: 1º lugar, R\$ 2.300; 2º lugar: R\$ 1.800; 3º lugar: R\$ 1.600.

Na terça-feira de carnaval muitas turmas se encaminham para Cinelândia, mesmo que não tenham o objetivo de participar da disputa. Nesse caso elas se justificam dizendo terem se sentido injustiçadas na apuração de votos em anos anteriores. Outras turmas alegam não se sentirem enquadradas nos padrões visuais dos grupos que normalmente se inscrevem no concurso e, por isso, dizem preferir só observar.

Entre as turmas que habitualmente se inscrevem, costumam haver protestos em favor da clareza dos critérios de julgamento seguidos pelos jurados⁶⁸.

⁶⁸ Procurei informações na RioTur sobre a origem do concurso, sobre a seleção dos jurados e sobre a elaboração dos critérios de julgamento das fantasias das turmas de bate-bolas participantes. Segundo soube, não há registros sobre as primeiras



Ilustração 84 – Cartaz do Concurso Folião Original de 2007 (Acervo da autora).

Os grupos inscritos no concurso são chamados ao palco, onde se exibem para o público ao som de marchinhas de carnaval, alternadamente (ver figura 85). Algum tempo depois, são divulgadas as três turmas vencedoras.



Ilustração 85 – Momento de apresentação de uma turma no concurso de fantasias da Cinelândia (Acervo da autora).

Além do que é visto nas competições oficiais, percebe-se a existência de um sentido de disputa inerente à brincadeira das turmas de bate-bolas, de uma maneira geral.

Nas disputas extra-oficiais, os critérios são livres: compete-se pelo posto de turma mais numerosa, de grupo com fantasia mais bonita, de uso do tênis mais caro, de maior uso de inovações, de turma mais tradicional, de grupo mais popular, entre outros. Estas disputas, que se dão de maneira informal, costumam também ser informalmente resolvidas, seja pela síntese

edições do concurso no local. Quanto à seleção dos jurados, costuma-se contar com a ajuda de uma funcionária da Contabilidade, conhecida como Arinete. Sobre os critérios, não se soube responder.

dos comentários correntes acerca do desempenho ou do sucesso de cada uma delas, ou pela tentativa de resgate do prestígio perdido por meio do embate corporal entre componentes de turmas.

Dito isto, esperamos destacar que a disputa é uma característica marcante da manifestação dos bate-bolas. Ressaltamos também outra característica importante, que se pode depreender do hábito das saídas e dos passeios de algumas turmas de bate-bolas: a da exibição. Apesar de parecerem sintetizar toda a idéia da performance dos bate-bolas, tais características não são exclusivas dessas turmas. Huizinga (1938) às atribuíra ao domínio do jogo, enquanto conceito. Para o autor, todo jogo teria em si dois aspectos fundamentais: um deles seria a luta em torno de alguma coisa, o outro seria o gozo da vitória, ou seja, à sua exibição (Ibid., p. 16-7).

Percebemos, no entanto, que os aspectos do jogo defendidos por Huizinga correspondem à dimensão desejada, prevista e esperada pelos brincantes no desenrolar da brincadeira, ou do jogo (como, por exemplo, ansiar pela fama, superar-se nas criações e desempenhar-se bem nos concursos ou nos comentários em geral, e exibir essa supremacia contando com a divulgação oral, entre outras formas de promoção). Porém, além desta dimensão há uma outra, de caráter simbólico, extremamente relacionada às relações sociais dentro das quais os fantasiados se encontram inseridos, e capaz de envolver lutas e vitórias sequer ambicionadas ou percebidas como conquistas, por constituírem competições simbólicas.

As competições conceituais são para nós a própria compreensão da brincadeira enquanto manifestação da cultura popular. Nelas o que estaria em jogo seria o poder simbólico da manifestação.

Sobre estes assuntos, falaremos no capítulo seguinte.

3 OS ESTILOS DAS TURMAS DE BATE-BOLAS: TRAMAS SIMBÓLICAS

Como vimos, há uma série de elementos que compõem os repertórios coletivos, materiais e performáticos, a partir dos quais se define a manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas. Ainda que tenhamos listado alguns deles, e destacado algumas de suas possibilidades significativas, reafirmamos que tanto os elementos quanto as suas significações não são estáveis, e que não é possível precisar, por exemplo, quantos e quais são os itens constantes de cada um dos repertórios analisados, pois eles se realimentam dinamicamente a partir de objetos cotidianos e de modos de uso particularizados. A título de exemplo citamos três situações:

(1) Outrora, já se tentou compreender as turmas de bate-bolas como grupos de visualidades e performances inteiramente padronizadas e homogêneas. Atualmente, outros elementos de identidade coletiva podem reforçar o sentimento de grupo, quando as visualidades ou as performances admitem variações entre os componentes de uma turma;

(2) A bexiga é um elemento que faz parte do atual repertório material da manifestação das turmas de bate-bolas. Mas não se pode dizer tratar-se da mesma bexiga usada há algumas décadas. O nome se manteve, mas o objeto modificou-se desde então, deixando de ser de origem animal e passando a ser industrializado. Também não se pode afirmar existir um único tipo de objeto, na atualidade, chamado de bexiga, já que há diferentes tipos de bolas plásticas ou de borracha assim denominados quando usados pelos bate-bolas. Observamos também que, embora compreendida entre os elementos mais característicos do bate-bola, a bexiga não é obrigatoriamente usada nas fantasias de todas as turmas. E, ainda, notam-se diferentes significados atribuídos à bexiga atual. Para algumas turmas a bexiga significa tradição; para outras, significa poder; para outras, significa violência; para outras, ainda, significa cafonice, inadequação, entre outras possibilidades;

(3) O anonimato já fora observado como uma condição imprescindível para a realização da brincadeira do bate-bola. Hoje em dia parece não haver este consenso entre as turmas sobre a obrigatoriedade do anonimato. Também a ele diferentes níveis de importância têm sido atribuídos. Atualmente, manter-se anônimo em público não é fundamental, e às vezes, o anonimato é intencionalmente desprezado.

É por sua polissemia que dizemos que a manifestação dos bate-bolas é complexa. É por sua característica de incorporação de elementos de naturezas e significados variados que afirmamos que ela é híbrida. É por estar em constante definição, que falamos que ela é dinâmica.

De certo modo, pode-se dizer que a incorporação de novos elementos (e o abandono de elementos já estabelecidos) nos repertórios da manifestação dos bate-bolas se dá por meio das seleções, articulações de sentidos e modos de usar realizados pelas turmas. Fazendo isto, elas exprimem a sua compreensão particular da manifestação. De acordo com o modo como compreendem o conceito da manifestação dos bate-bolas, as turmas estabelecem identificações e diferenças, em variadas intensidades. Na medida em que se identificam com outras turmas em maior ou menor grau, os grupos vão originando os chamados *estilos* de bate-bolas.

Neste capítulo analisaremos alguns estilos de bate-bolas e as respectivas articulações de elementos que, no dado momento, os caracterizaram. Falaremos também sobre a relação que se pode estabelecer entre a definição dos estilos e a conceituação da manifestação das turmas de bate-bolas cariocas atuais.

2.4 Os estilos como sistemas de classificação

As turmas de bate-bolas contemporâneas costumam organizar-se por meio da classificação dos grupos em “estilos” diferenciados. Associar sua turma a determinado estilo a situa em relação às outras por meio da identificação/diferenciação entre elas.

Os estilos consistem em articulações de determinados elementos materiais com determinados elementos performáticos. Eles são espécies de combinações, ou tramas, que expressam compreensões acerca do personagem bate-bola e que se constituem, ao mesmo tempo, na tensão entre a visão particular que um grupo tem da brincadeira e na sua concordância com compreensões mais ou menos compartilhadas com outros grupos.

Para constituir-se como categoria de classificação válida, um estilo requer adesões ao universo dos bate-bolas, ou seja, a visão particular de uma turma qualquer sobre a brincadeira pode vir a se tornar um estilo, quando adotada por outras turmas ou se for compreendida no universo conceitual dos bate-bolas como uma visão válida da manifestação. Caso uma forma de brincadeira seja extremamente particular, o grupo pode ser considerado sem estilo, ou pode, até mesmo, não ter reconhecimento como uma turma de bate-bolas. Como exemplo, podemos citar os *perrôs* (pierrôs)⁶⁹, na Ilustração 86, e os macacos⁷⁰, na Ilustração 87, que são

⁶⁹ Os *perrôs* (*perrô* é uma corruptela da palavra *pierrô*) usam macacões longos e abertos em saia, como vestidos, que apresentam recortes similares a triângulos isósceles compridos, costurados uns aos outros e adornados com pompons de lã. Eles usam casacas, bichos e sombrinhas e constituem grupos com estrutura coletiva semelhante à das turmas de bate-bolas. São exemplos de turmas de *perrôs* a *Edclown* e a *Playboyzada*. Esta última, a exemplo do que fazem algumas turmas de bate-bolas, criou um hino para a manifestação de 2008, cuja letra diz o seguinte: “Se tem uma coisa que não consigo entender / Lã fica tão bonito / Então pra que paetê / Você não sabe criar / Tem muito o que aprender / Você só sabe olhar / Fica sem

duas brincadeiras carnavalescas muito semelhantes à manifestação dos bate-bolas (pois possuem elementos materiais e performáticos similares, como o uso de bexiga, de máscaras, de macacões, são fantasias gregárias, entre outras características), mas que não são consideradas turmas de bate-bolas pelos brincantes das turmas atuais.



Ilustração 86 - Os perrôs da Turma Playboyzada de São Gonçalo exibem suas fantasias do carnaval de 2008. Note a presença do tema, do bicho e da sobrinha neste tipo de indumentária (Acervo da autora).



Ilustração 87 – Os macacos da turma Monkey de Realengo também aderem à determinados temas, como mostra a fotografia. Trata-se do tema “Exército”, representado pelos complementos camuflados agregados à fantasia. Os macacos (ou gorilas) também costumam usar bexigas (Acervo da autora).

entender?? / Meu bonde é só ‘perrozão’ / Playboy de urso na mão / Fala baixinho comigo / Que a Playboyzada chegou!! / Sai daqui seu perrô ‘pela saco’ / Porque eu sou da Playboyzada / O melhor de São Gonçalo...(bis)”
 /(http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=7146987393150145367).

⁷⁰ Os macacos ou gorilas são fantasiados que usam máscaras, bexigas e macacões (feitos de pelúcia ou mesmo de tiras obtidas de sacos de lixo ou sacolas plásticas de supermercado, amarradas a uma base de estopa) cobrindo o corpo inteiro, e que também se organizam em turmas. Um exemplo destas turmas é a Monkey, de Realengo, no Rio de Janeiro. Turmas de macacos e de bate-bolas costumam rivalizar entre si.

A definição dos estilos pode, então, ser considerada como resultante de uma tensão entre compreensões particulares e entendimentos gerais sobre a brincadeira das turmas de bate-bolas. O fato de existirem vários estilos definidos (e outros em constante definição) indica que estas tensões são mais complexas do que parecem e mostra também a inexistência da supremacia absoluta de uma única visão da manifestação das turmas de bate-bolas sobre as outras.

Por tudo o que se tem dito sobre a instabilidade e a dinâmica conceitual da manifestação dos bate-bolas, não há como descrever de forma decisiva a configuração dos elementos que compõem um determinado estilo. Por isso, as exposições que se seguem tratam-se de descrições momentâneas, retratos de uma certa formatação, de alguns dos estilos de turmas de bate-bolas registrados durante a pesquisa. Com estas exposições, pretendemos demonstrar que a combinação dos objetos que define os estilos das turmas está intrinsecamente ligada à produção dos significados que concorrem pela definição da manifestação contemporânea dos bate-bolas.

Daremos destaque aos elementos materiais de cada estilo, representados em esquemas constituídos por figuras representadas e descritas na legenda a seguir (Legenda 1), de forma a demonstrarmos que eles são aparentemente os mesmos, se tomados genericamente, mas que podem ser articulados de maneira a expressarem configurações materiais diferentes, associadas a modos particulares de entender a brincadeira.

Legenda 1 – Alguns elementos materiais da visualidade dos bate-bolas possuem denominações comuns, entretanto apresentam-se variados. Observe os diferentes tipos de macacão, de casaca, de máscara, de adereços de cabeça, de mãos, de pernas e de pés.

<i>Elemento material</i>	<i>Descrição</i>	<i>Estilos nos quais aparece</i>
	<i>Macacão curto, de duas mangas, de saia, liso, listrado ou estampado, sem volume.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Bola e bandeira • Bicho e sombrinha.
	<i>Macacão curto, com mangas comuns, de saia ou de calça, listrado e estampado e volumoso.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Emília.
	<i>Macacão longo, com mangas comuns, de saia, listrado e volumoso.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Rastafári.
	<i>Macacão médio, sem mangas, listrado e muito volumoso.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Bujão (ou peito de rolinha).
	<i>Casaca gliterada sem abertura.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Bola e bandeira.
	<i>Casaca gliterada com abertura frontal.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Bicho e sombrinha.
	<i>Peitoral com técnicas variadas (aplique, bordado, ou mistas).</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Emília.
	<i>Bolero bordado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Rastafári.
	<i>Capa bordada.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Bujão (ou peito de rolinha)



Máscara com decoração.

- Bola e bandeira
- Bicho e sombrinha
- Rastafári



Máscara com peruca.

- Emília



Máscara simples.

- Bujão (ou peito de rolinha)
- Rastafári



Complemento de cabeça temático.

- Emília
- Bujão ou (peito de rolinha)



Bexiga.

- Bola e bandeira
- Emília
- Rastafári



Sombrinha.

- Bicho e sombrinha



Bicho.

- Bicho e sombrinha



Complemento de mão temático.

- Emília
- Rastafári
- Bujão (ou peito de rolinha)



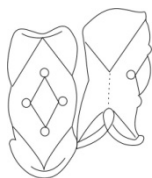
Luvas.

- (Todos)



Meião

- *(Todos)*



Bota.

- *Emília*



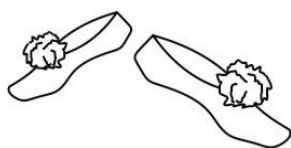
Tênis de marca.

- *Bola e bandeira*



Sapatilha personalizada.

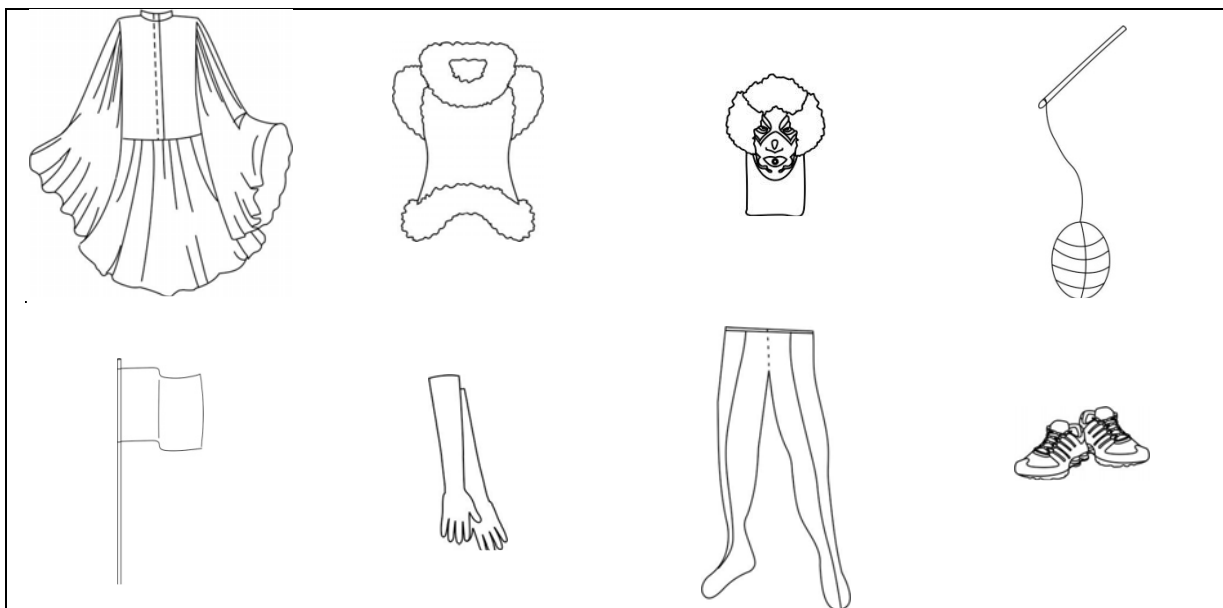
- *Bicho e sombrinha*
- *Emília*



Sapatilha simples.

- *Rastafári*
- *Bujão (ou peito de rolinha)*

2.4.1 Estilo “bola e bandeira”



Esquema 1 – Configuração material básica do estilo “bola e bandeira”.

O estilo “bola e bandeira” tem esse nome devido a dois elementos materiais característicos: a bexiga e a bandeira de mão.

As turmas do estilo bola e bandeira costumam articular os seguintes elementos (visíveis no Esquema 1): macacão de comprimento médio, que pode ser estampado (ver Ilustração 86), liso ou listrado (ver Ilustração 87 e Ilustração 88), de saia, de duas mangas,; casaca gliterada, normalmente fechada na frente e nas costas, vestida pela cabeça; máscara de tela; bexiga; bandeira; luvas, meião e tênis de marca.

Notamos que também podem ser usados por turmas deste estilo, os macacões de mangas simples, a casaca de abertura frontal, as máscaras feitas de látex ou tecido, e luvas e meïões decorados.

As turmas deste estilo parecem preferir adotar temas que remetem à cultura de massa, em geral. Para elas, parece que o maior sentido da brincadeira é demonstrar numerosidade de componentes e poder, pela força e pela agilidade.

Quanto à brincadeira, costuma ser praticada a saída, os passeios locais e de roteiro e a participação nos concursos de fantasia.

O estilo é bastante difundido nos bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Turmas de bola e bandeira costumam ser bastante numerosas e, como já foi mencionado antes, costumam ser vistas como mais agressivas do que as demais.



Ilustração 86 – Bate-bola com macacão estampado. Nota-se que a roupa deste fantasiado facilita a mobilidade do corpo, mais do que as roupas de outros estilos (Acervo da autora).

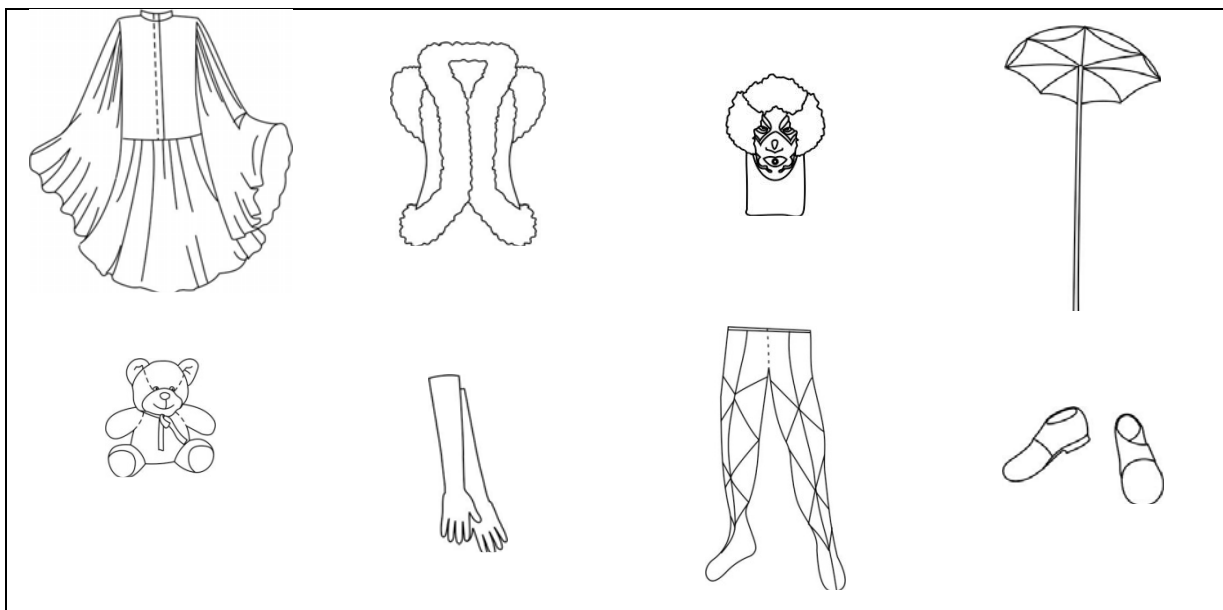


Ilustração 87 – Nesta fotografia percebe-se o design da casaca tida como característica do estilo “bola e bandeira” (Acervo da autora).



Ilustração 88 – O fantasiado da fotografia usa um macacão com listras regulares e mangas simples (Acervo da autora).

2.4.2 O estilo “bicho e sombrinha”



Esquema 2 – Configuração material do estilo “bicho e sombrinha”.

O estilo “sombrinha” também pode ser chamado de “bicho e sombrinha”, e é conhecido assim por ter a sombrinha e o bicho (ou boneco) como seus elementos mais característicos.

Neste estilo, como pode-se ver na Ilustração 89, costuma-se combinar os elementos do Esquema 2: macacão médio de saia, liso ou estampado, de duas mangas; a casaca gliterada, normalmente aberta na frente; a máscara de tela personalizada; a sombrinha; o bicho; o kit; e sapatilhas, também personalizadas.

As turmas deste estilo parecem preferir adotar temas que remetem à cultura de massa, em especial, os relacionados aos desenhos animados e às histórias infantis. Para elas, parece que o grande valor da brincadeira está em cativar o público com imagens singelas e coloridas.

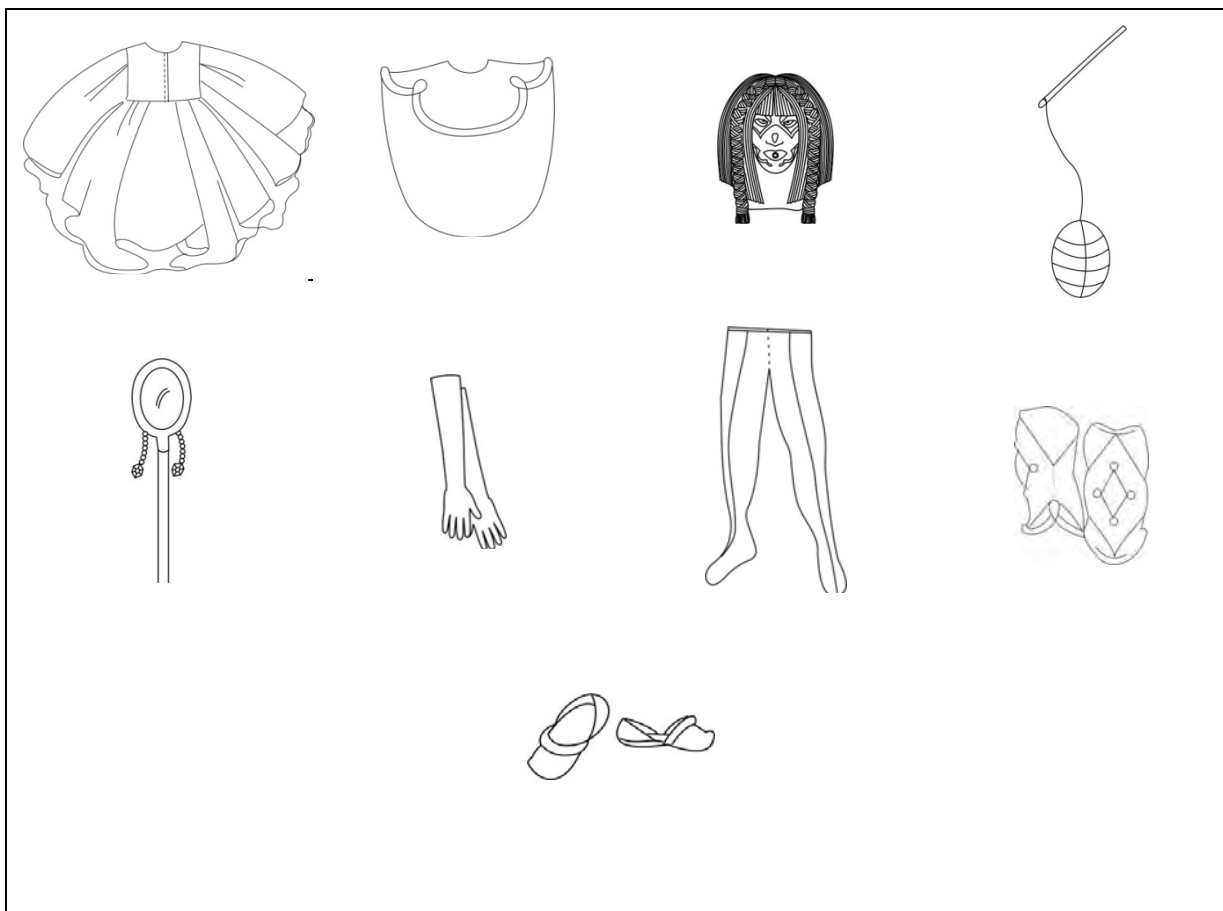
Quanto à brincadeira, costuma-se praticar a saída, os passeios locais e com roteiro e a participação em concursos de fantasia - inclusive no Concurso Folião Original.

As turmas deste estilo podem ser bastante numerosas e, ao contrário das turmas de bola e bandeira, são vistas como turmas mais pacíficas. É comum associá-las aos bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro.



Ilustração 89 – O bate-bola do estilo “bicho e sombrinha” exibe sua fantasia completa (Acervo da autora).

2.4.3 O estilo “emília”



Esquema 3 – Configuração material do estilo “emília”.

Diz-se que o estilo “emília” recebe este nome devido ao uso das perucas características deste tipo de turma. Há quem reconheça o estilo emília como característico do bairro de Realengo, dada a difusão deste tipo de turma na região. Por isso este estilo também pode ser chamado de “estilo Realengo” ou “bate-bola Realengo”.

O estilo “emília” costuma se constituir com muitos elementos, como os representados no Esquema 3. Ele é marcado pelo uso de macacão de comprimento médio e volumoso, cujo volume costuma ser obtido com forração de espuma, de perna ou de saia, constituído de listras regulares ou irregulares, que podem receber estampas; pela casaca ou peitoral, predominantemente decorada com bordado, aplique ou modelagem; por luvas e meias, por máscaras de materiais e tamanhos livres e variados; pelas botas; por bexigas e outros acessórios de mão temáticos (ver Ilustração 90, Ilustração 91 e Ilustração 92).

As turmas deste estilo costumam possuir emblemas baseados em personagens de desenhos animados e de histórias em quadrinhos. Seus temas costumam ser amplos, de forma

que possam conjugar-se com o personagem do emblema, originando as ilustrações que irão decorar a fantasia.

Quanto à brincadeira, costumam ter saída marcada, passeio local (com mais frequência do que o de roteiro, pois, conforme afirmam os fantasiados, o volume e o peso das fantasias dificultaria o deslocamento, mesmo usando transporte entre bairros) e geralmente participam de concursos de fantasia locais.

Não se costuma ver turmas deste estilo na Cinelândia, na terça-feira de carnaval. Além justificarem sua ausência pela rivalidade com os grupos que frequentam normalmente o local, há fantasiados que afirmam que não vão ao Concurso Folião Original por não se sentirem aptos a disputar, devido à sua visualidade ser muito diferente da visualidade das turmas que competem. Além disso, a organização do concurso só aceita inscrições de turmas com mais de 15 componentes, e as turmas do estilo Emília costumam ter entre 3 e 12 componentes, aproximadamente.

O estilo é visto como o mais moderno dentro do universo dos bate-bolas, mesmo utilizando-se de técnicas mais rudimentares de produção da roupa, que é quase totalmente confeccionada com trabalho artesanal. Carlos Donattilo e André “Kvera”, da Turma da Tropa, disseram que esta “fama” se deve ao fato de que não haveria limites para a criatividade nas fantasias destas turmas: “As pessoas é que dizem isso. É porque a gente vem sempre diferente. Esse ano, você vai ver uma coisa que ninguém fez. Isso é moderno. Nosso bolero vai ter um boneco com o braço pra fora, assim, em 3D”⁷¹.

As turmas do estilo emília costumam ser associadas ao bairro de Realengo, mas sabe-se da existência de turmas emília em outras localidades, como Campo Grande, Curicica, Recreio dos Bandeirantes e Bangu, por exemplo. Parece-nos que, nestas turmas, o grande sentido da brincadeira localiza-se no emprego de inovações.

⁷¹ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.



Ilustração 90 – A fantasia do estilo “emília” costuma ser bastante complexa, pois admite muitos elementos e técnicas de confecção variados (Acervo da autora).

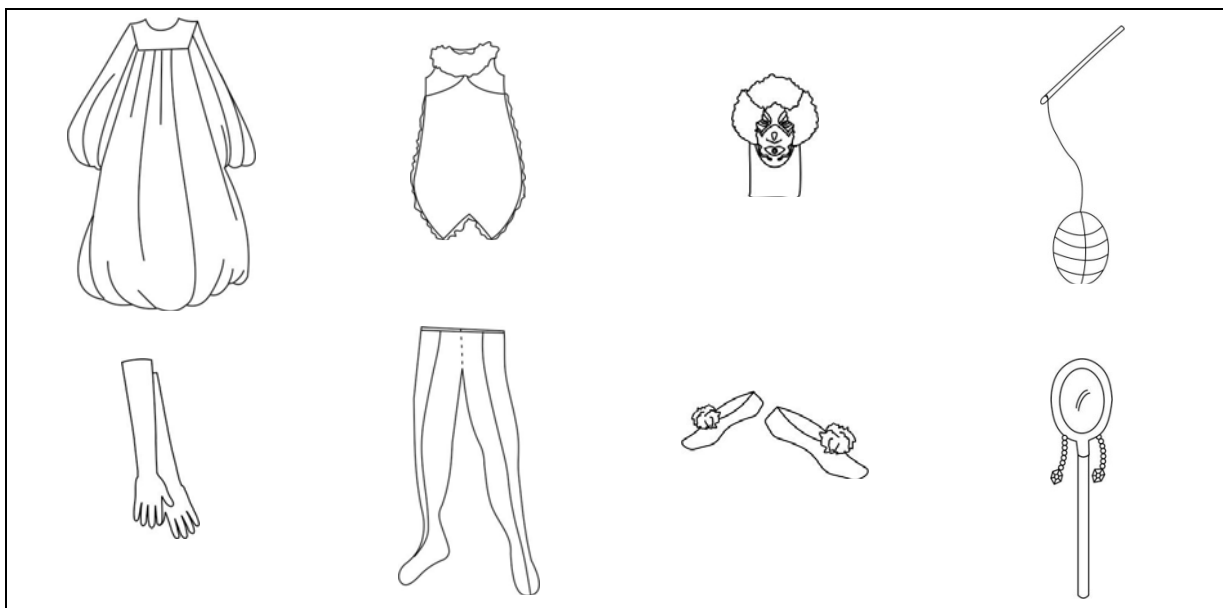


Ilustração 91 –A fantasia do estilo “emilia” costuma admitir um alto grau de tematização (Acervo da autora).



Ilustração 92 –A fantasia do estilo “emilia” admite o uso de máscaras variadas. Os fantasiados da fotografia usam máscaras de inspiração veneziana (Acervo da autora).

2.4.4 O estilo Rastafári



Esquema 4 – Configuração material do estilo “rastafári”.

Acredita-se que o nome deste estilo tenha relação com uma das fantasias usadas pela Turma do Vovô, que teria homenageado Bob Marley usando boinas rastafáris feitas em crochê, nas cores da bandeira jamaicana como complementos da roupa de bate-bola. A partir de então, as turmas com fantasias de configuração similar às da Turma do Vovô teriam sido associadas ao mesmo estilo, e seriam identificadas pelo nome “rastafári”, mesmo usando outros complementos.

O estilo é marcado pelo conjunto dos elementos representados no Esquema 4, descrito a seguir: macacão comprido e pesado, de saia, como o da Ilustração 93, com listras regulares; casaca ou bolero bordado, com a parte frontal mais curta e a parte traseira mais longa; máscara de tela; bexiga; acessório de mão e a possibilidade de se usar acessório de cabeça; luvas, meias e sapatilhas industrializadas.

Este tipo de turma pode ou não ter emblemas e adotar temas padronizados.

Os grupos deste estilo não costumam fazer da hora da saída um momento tão expressivo quanto à saída das turmas de bola e bandeira e de sombrinha, e os seus passeios normalmente se restringem às ruas do bairro de origem e arredores.

As turmas do estilo rastafári não costumam ser muito numerosas, podem apresentar fantasias com cores heterogêneas umas em relação às outras afirmam ser as mais tradicionais do carnaval carioca. Para elas, parece ser importante ocupar o espaço público com fantasias grandiosas, pesadas, que denotem capacidade física como uma espécie de atributo masculino

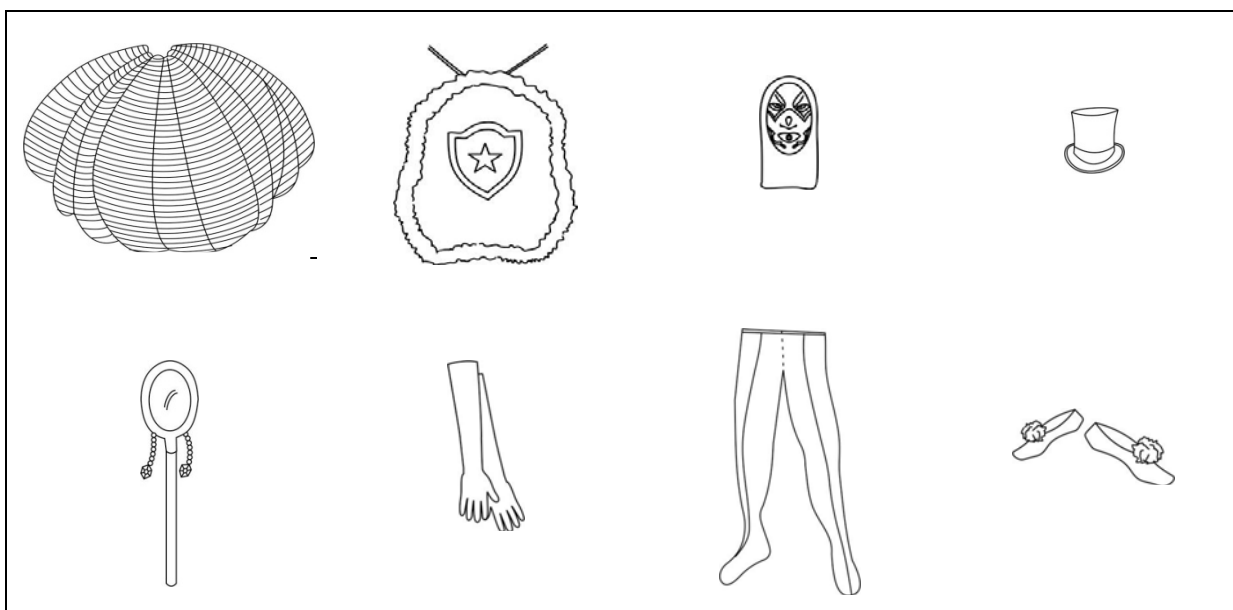
e, por extensão, como um indicador de poder (ver depoimento do Sr. Eremildo, da Turma do Vovô, no documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha)..

O estilo Rastafári é associado especificamente aos bairros cariocas de Santa Cruz e Cosmos.



Ilustração 93 – No estilo rastafári os macacões costumam arrastar no chão (Acervo da autora).

2.4.5 Estilo “bujão”



Esquema 5 – Configuração material do estilo “bujão” ou “peito de rolinha”.

O nome do estilo bujão, ou peito de rolinha, refere-se ao tipo do macacão característico, que é o mais volumoso entre todos os tipos observados, como se percebe na Ilustração 94.

No Esquema 5 podem-se ver os elementos que costumam constituir a materialidade deste estilo. Além do macacão volumoso, similar a um grande rufo (ou “gola de palhaço”), que pende do pescoço cobrindo o corpo do fantasiado até as panturrilhas, composto de listras coloridas regulares, usa-se uma longa e larga capa bordada. Podem ser usados também a máscara de tela (ou de outros materiais), meias, luvas, sapatilhas, bexiga e acessórios de cabeça e de mão temáticos.

As brincadeiras deste estilo restringem-se a aparições locais, pois, de acordo com os fantasiados, a roupa limitaria maiores movimentos e andanças de longa distância.

Só há registros destas turmas no bairro de Cosmos, no Rio de Janeiro.



Ilustração 94 – O fantasiado exibe sua fantasia volumosa e disforme (Acervo da autora).

2.5 Estilos mutantes e mutantes de estilo

Por mais que o olhar direcionado a um dado momento da manifestação capte determinadas articulações de elementos, é necessário lembrar que a brincadeira está em constante modificação e que outros momentos observados, ou mesmo outros pontos de visão, proporcionam imagens conceituais diferenciadas.

As turmas de bate-bolas fazem leituras diferenciadas até mesmo dos estilos, e são capazes de alternar entre estilos ou, inclusive, de modificá-los de com relativa liberdade.

Para demonstrar esta instabilidade, citamos o caso de uma turma que adotou um tipo híbrido de estilos, que, mais do que fazer associações estranhas ao meio, chegou à atitude extrema de mesclar elementos vistos como antagônicos no universo simbólico dos bate-bolas contemporâneos. Trata-se da Turma Arco-Íris, que já adotou em sua visualidade a bandeira e os tênis de marca – elementos de turmas vistas como agressivas – associados ao uso da sombrinha, que é uma espécie de símbolo da paz, entre os bate-bolas, como se vê na Ilustração 95.



Ilustração 95 – A mistura de elementos de significados tidos como opostos, como a bandeira e a sombrinha, aparece na fantasia da Turma Arco-Íris (Acervo da autora).

Exemplos como este não são raros entre as turmas, visto que a experimentação é uma prática corrente entre elas. Ao tentarem elaborar novas formas de brincar que influenciem outros grupos, estas turmas demonstram aspirar o “poder” pela vanguarda de criações originais.

Também há de ser ter cautela, ao se afirmar que uma turma pertence a determinado estilo, pois não há para elas adesão que não possa ser revista. Há brincantes que afirmam, por exemplo, já terem experimentado vários estilos, sem terem trocado de turma. Um exemplo recente é o da Turma da Kuka, que experimentou os elementos do “estilo bola e bandeira” em 2007 (ver Ilustração 96), mas que em 2008 pautou-se nos parâmetros correntes do chamado estilo “emília” (ver Ilustração 97) para suas apresentações.



Ilustração 96 – Turma da Kuka no estilo “bola e bandeira” em 2007 (Acervo da autora).



Ilustração 97 – Turma da Kuka no estilo “emília” em 2008 (Acervo da autora).

Assim, por mais que tenhamos nos empenhado em ilustrar algumas classificações dentro das quais as turmas se encaixam mais ou menos satisfatoriamente, devemos ressaltar que estas classificações são empreendidas pelas próprias turmas de bate-bolas, no momento em que decidem sua brincadeira. A definição dos estilos, além de ser interna aos grupos, constitui uma lógica mutante, com regras flexíveis e características híbridas.

Podemos dizer então que, de uma maneira metafórica, a manifestação contemporânea dos bate-bolas se assemelharia ao fundamento da brincadeira da cama-de-gato. A cama de gato, que consiste na passagem de um cordão fechado de barbante pelas mãos de vários brincantes, vai se reconfigurando a cada par de mãos que passa. A manifestação dos bate-bolas também. Desse modo, ela se apóia na criatividade dos brincantes para se refazer, numa trama simbólica dinâmica. No próximo capítulo, veremos como a característica da dinâmica e dos significados em rede é abordada nos estudos contemporâneos de cultura.

4 BATE-BOLAS CONTEMPORÂNEOS CARIOCAS E OS ESTUDOS CULTURAIS

A única coisa permanente no universo é a mudança.

Heráclito

Conforme vimos nos capítulos anteriores, as turmas de bate-bolas contemporâneas são vistas de formas diferenciadas. Embora tenhamos identificado muitos dos elementos componentes da manifestação dos bate-bolas nos dias atuais – que separamos em diferentes repertórios para efeito de exposição – e de termos informado sobre alguns dos seus usos comuns, sabemos não ter esgotado as possibilidades de especificação e análise dos elementos característicos da brincadeira. Ter destacado estas informações, entretanto, serviu-nos para demonstrar como se operam as articulações que caracterizam a cultura popular em geral e os estilos de turmas de bate-bolas mais especificamente.

Também relacionamos um pequeno rol de estilos – categorizações dentro dos quais as turmas de bate-bolas costumam se organizar – e suas respectivas configurações, conforme percebidas no momento da pesquisa. Novamente, ao relacioná-los, tivemos a consciência de não estarmos contemplando nenhuma totalidade, pois, como foi dito no fim do capítulo anterior, tal qual os elementos que os configuram, os estilos são mutantes, e ainda, as turmas de bate-bolas contemporâneas podem migrar de um estilo para outro livremente.

Nosso objetivo maior foi o de demonstrar que, uma metodização do universo dos bate-bolas é um objetivo impossível de se alcançar pois não se tem como conter em tipos fixos a diversidade que é característica da manifestação atual.

Analisando a maneira como a diversidade é tomada pelos estudiosos que se dedicam a compreendê-las, Clifford Geertz (1989) defende que somente uma compreensão contextualizada de cada manifestação em estudo pode ser eficaz para se evitarem abordagens etnocentristas e reducionistas.

Como Geertz, percebemos que o estudo das turmas dos bate-bolas nos exigiu tratá-las não como “um idioma a ser interpretado” (GEERTZ, 1989, p. 181), já que os valores próprios às turmas são valores extremamente instáveis e dinâmicos. Neste sentido, buscamos considerar a variedade de compreensões da brincadeira pelas turmas de bate-bolas em suas disjunções, rupturas e conflitos característicos.

Ao destacar que Cultura não é a expressão orgânica de uma comunidade, mas um conjunto contestado e conflituoso de práticas de representação atrelados aos processos de formação dos grupos sociais (FROW e MORRIS, 1996), e por compreender a cultura popular

a partir não somente de suas permanências, mas principalmente de suas constantes modificações, os Estudos Culturais constituem-se num campo teórico bastante promissor para analisar a manifestação contemporânea das turmas de bate-bolas.

Os Estudos Culturais têm uma abordagem diferenciada da que é comumente empregada nos estudos “folclóricos”, inclusive no que tange ao seu posicionamento reservado acerca da análise de meios de comunicação em massa (FROW & MORRIS, 1996), pois entendem a cultura popular como sendo o campo das impurezas, da mistura de conceitos, das apropriações de elementos cotidianos e das leituras particularizadas dos elementos massivos da cultura.

Neste capítulo, estabeleceremos alguns entendimentos das turmas de bate-bolas contemporâneas enquanto manifestação da cultura popular, tomando-a como ela costuma ser definida no campo dos Estudos Culturais.

2.6 Aplicabilidade dos Estudos Culturais na análise das turmas de bate-bolas cariocas contemporâneas

A manifestação contemporânea das turmas de bate-bolas não possui um formato geral definido, ou seja, não é praticada de maneira padronizada entre os diversos grupos de brincantes. Ela se define como uma articulação de discursos diferenciados.

Um discurso corresponderia, neste sentido, a uma narrativa baseada em uma compreensão particular da manifestação, ou seja, na expressão de um ponto de vista.

Todos os atores em contato com a manifestação dos bate-bolas, em maior ou menor escala, têm condições de elaborar seus próprios discursos.

A manifestação contemporânea dos bate-bolas, como objeto de pesquisa dos Estudos Culturais, seria aquilo que, neste campo teórico, se define como texto. Um texto corresponde a um determinado objeto cultural sobre o qual pode haver uma articulação de discursos variados. Um texto, define Storey (1996, p.4),

is not the issuing source of meaning, but a site where the articulation of meaning – variable meaning(s) – can take place. And because different meanings can be ascribed to the same text or practice or event, meaning is always a potencial site of conflict.

Por articular diferentes discursos, cada qual com significados específicos, um texto é considerado um objeto polissêmico, sobre o qual podem ser produzidas leituras diferenciadas que, por sua vez, não estabelecem entre si qualquer tipo de hierarquia. Não existe, desse

modo, uma forma “correta” de se compreender um texto. Sobre o caráter polissêmico dos textos, nos Estudos Culturais, Fiske (1989, p. 217) afirma que:

popular taste, then, is for polisemic texts that are open to a variety of readings. This polisemy is different that of aestheticism, for it is not organized into a textured, multilayered organic unity of meaningfulness, but is rather a resource bank from which different, possibly widely divergent, readings can be made. This means that there can be no hierarchy of readings, for there is no universal set of criteria by which to judge that one reading is better (...) than another.

Ao se considerar que os textos têm caráter polissêmico, e que não possuem necessariamente significados garantidos e estáveis, elimina-se a necessidade de se destacar seu significado preponderante, ressaltando-se os significados possíveis. Deve-se também considerar que toda a leitura seria o resultado de um ato de articulação relacionado às práticas de consumo cotidianas (STOREY, 2003a, p. 130):

To know how ‘texts’ are made to mean requires a consideration of consumption. This will take us beyond an interesting in the meaning of a ‘text’ (that is, meaning as something ‘essential’, inscribed and guaranteed), to a focus on the range of meanings that ‘text’ makes possible (that is, its ‘social’ meanings, how it is appropriated and used in the consumption practices of every day life).

A leitura do texto seria, então, uma articulação de múltiplos significado, empreendida no ato do seu consumo. Essa articulação de significado se realiza a partir do repertório particular do qual cada leitor dispõe para representar o dado texto. Este repertório particular estaria subordinado ao contexto social do leitor.

Por isso, para os Estudos Culturais, nenhum objeto pode ser compreendido fora de suas relações sociais, vistas como associações entre diferentes elementos (LATOURET, 2005). Estas relações possibilitam uma rede de vários níveis de influências, que podem atuar em escalas local, regional e global de significações (FROW & MORRIS, 1996).

A predominância da característica do dissenso na manifestação das turmas de bate-bolas, em algumas situações, é bastante explícita. Podemos notá-la com clareza, por exemplo, nos dois casos a seguir:

- (1) As turmas de bate-bolas elaboram leituras próprias do personagem bate-bola, que são próprias ao uso e que não são, necessariamente, intencionalmente distintas das leituras dos demais grupos.
- (2) Pode haver uma intencionalidade em ser diferente dos outros brincantes, justificada pelo desejo do pioneirismo de certos usos. Deter a origem de um dos elementos incorporados à prática cultural como característico da manifestação resultaria numa posição de poder.

Trata-se de algo semelhante ao que Certeau define como “táticas” e “estratégias”, que constituem mecanismos de produção de significados por meio do consumo. No texto a seguir, Certeau esclarece como o consumo constituiria uma produção, em relação à ordem econômica dominante:

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo em que ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 2005, p. 39).

Quanto à definição de “estratégias” e de “táticas”, o autor explica o seguinte:

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável num “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. (...).

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. (Ibid., p. 46).

Quando Certeau estabelece diferenças entre as “estratégias” e “táticas”, enquanto mecanismos produtores de significados, ele traz à tona a existência um jogo entre posições de poder desiguais. A estratégia estaria ligada ao nível mais elevado de poder, ou seja, àquele que postula as regras, enquanto que a tática seria uma espécie de resposta do menos poderoso às imposições a ele dirigidas, por meio da burla, da escapadela.

Certeau fala do consumo cotidiano como tática. Na mesma via, o leitor de um texto seria, também, um produtor do significado do texto. Esta atribuição de significado seria uma atribuição conflituosa, pois, na mais simples das hipóteses, haveria, pelo menos, dois significados concorrendo pelo sentido do texto: o do autor e o do leitor.

Para os Estudos Culturais, a disputa do significado dos textos como objetos culturais pode ser compreendida a partir princípio da hegemonia gramsciana. O conceito original de hegemonia de Gramsci refere-se a uma condição em processo, na qual uma classe dominante não somente governa uma sociedade, mas a lidera através do exercício de autoridade moral e intelectual. A despeito da noção de disputa que traz implícita, este conceito é usado para sugerir uma sociedade na qual existe um alto nível de consenso, e onde o conflito mantém-se contido, conduzido para portos ideologicamente seguros (STOREY, 2005).

Com a contribuição gramsciana, os Estudos Culturais entendem a cultura como o lugar-chave para a produção e a reprodução da hegemonia de uma forma consentida:

From the perspective of Gramscian cultural studies, popular culture is neither an “authentic” folk culture, working-class culture, or subculture, nor a culture simply imposed by the capitalist culture industries, but a “compromise equilibrium” between the two – a contradictory mix of forces from both “below” and “above”, both “comercial” and “authentic”, marked by both “resistance” and “incorporation”, “structure” and “agency”. (STOREY, 2003, p. 51).

Neste sentido, as manifestações culturais populares passaram a ser vistas como arenas de disputas hegemônicas de significados (PORTELLI, 1977; GRAMSCI, 1998; BENNET, 1998; HALL, 1997, 2003, 2005).

Como não se percebe, na manifestação contemporânea das turmas de bate-bolas, um discurso que tenha prevalecido sobre os outros estabelecendo um modelo, aceito como o modo “correto” de brincar, o que se vê, em termos de dissenso e dinâmica, é a expressão de uma luta pela hegemonia da definição da brincadeira, ou seja, uma disputa pelo posto de maneira válida de manifestar-se.

Para exemplificar esta luta pela hegemonia sobre a conceituação da brincadeira na manifestação contemporânea dos bate-bolas, citamos alguns exemplos. Durante esta pesquisa, vários depoentes se colocaram como sendo os portadores da verdadeira expressão da manifestação dos bate-bolas. Um deles – Everton, conhecido como “Everton dos bate-bolas”, disse ter ficado preocupado com as pessoas que estaríamos contatando para entrevistas desta pesquisa, pois afirmou que estas não forneceria mais do que informações erradas, que nada teriam a ver com a verdadeira essência da manifestação. De acordo com Everton, somente ele e outros “veteranos” do mundo dos bate-bolas teriam autoridade para falar sobre a brincadeira, pois seriam aqueles que teriam não só assistido, mas providenciado as mudanças da manifestação ao longo do tempo. Para ele, os novatos não estariam “com nada”, e as ditas “novas formas de brincar” (que Everton associa às formas mais sofisticadas e caras da brincadeira) não deveriam sequer ser entendidas como manifestações de bate-bolas. Em depoimento pessoal, Everton afirmou que:

o carnaval hoje tá estragado. Bate-bola antigamente era uma coisa só, aquela máscara barbuda, cada um fazia sua fantasia. No máximo, só as capas eram iguais. Hoje em dia virou coisa de playboy, entende? O bate-bola de verdade é fantasia de pobre, é espontânea, não tem que ficar gastando dinheiro pra aparecer nem pra arrumar confusão. Gastar dinheiro com pano é coisa da Zona Oeste. O bate-bola aqui de baixo é um negócio mais simples, entendeu? Mais tradicional.⁷²

⁷² Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

O discurso sustentado por Everton é carregado de explicações que remetem à familiaridade, à memória, à originalidade e à pureza cultural. Estas são características daquilo que os antropólogos conceituam como “mito fundador” ou “mito de origem”, e constituem e reforçam a formações de coletividades (neste caso, a coletividade em questão é a turma de bate-bolas liderada pelo Everton) ancoradas na noção de “comunidade imaginada” (HALL, 2003: 26). Neste sentido, o discurso de origem funciona como um elemento de sustentação da coletividade (similar ao que dissemos a respeito de objetos como o nome da turma, o emblema, o lema, entre outros, no capítulo 1) por meio da produção de laços a serem compartilhados, ou daquilo que já chamamos, anteriormente, de passado idealizado.

Assim como o depoimento de Everton, estabelecido sob o ponto de vista da tradição inventada⁷³, há outros discursos, que expressam outras compreensões da manifestação, e que disputam a hegemonia pela conceituação da brincadeira por meio de outros critérios, como mostra o depoimento de Leandro, do Grupo Enigma:

Brincar de bate-bola é uma paixão. A gente quer fazer o negócio pra ficar bonito, pra sentir orgulho da fantasia. Eu sempre quis sair, desde molequinho, e não podia. Agora eu junto gente, boto dinheiro até do meu bolso pro grupo sair bonito. Só esse ano eu já botei uns três ou quatro mil. A gente tenta se superar, colocar novidade no bate-bola é por amor mesmo, por amor à fantasia.⁷⁴

No caso de Leandro, o ideal coletivo compartilhado é regido pela idéia de presente idealizado, sobre a qual falamos anteriormente, no capítulo 1. É uma idéia baseada no ideal de evolução, no emprego da inovação e no desejo constante de superação.

Nos dois casos mencionados percebe-se a capacidade de ação do consumidor cultural⁷⁵. Everton e Leandro consumiram conceitos gerais sobre a manifestação e empreenderam produções de sentido diferentes.

Sabemos que a brincadeira de bate-bola está inscrita num complexo de relações sociais que se inter-influenciam. Há certa tensão entre estas relações, pois na medida em que a brincadeira acolhe uma dinâmica de resignificações, ela também se atrela a alguns cânones simbólicos compartilhados por todos aqueles que dela participam. É justamente essa tensão entre mudança e permanência que estabelece a constante resignificação da brincadeira.

Ofereceremos mais um exemplo de operação das resignificações, relacionado ao termo bate-bola, e explicado a seguir.

⁷³ “Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam vincular certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 1997, p. 9).

⁷⁴ Ver entrevista na íntegra no Anexo II.

⁷⁵ Destacamos, entretanto, que observar que o consumidor é um agente cultural em potencial não implica em negar que o consumo possa, também, ser passivo, ou que não exista, por trás de determinada produção cultural, uma possível intenção de manipular.

O nome da brincadeira expressa um caso extremo de resignificação. Os termos permanecem em uso, mas não significam exatamente o que as palavras querem dizer.

Bate-bola é uma das possibilidades de denominação do personagem característico das turmas de bate-bolas. Não se trata da denominação mais importante, nem da mais usada, e, para demonstrar esta indiferenciação, afirmamos que o termo bate-bola poderia, neste trabalho, ter sido substituído por pelos nomes “clóvis” ou “mascarado”, por exemplo⁷⁶, sem prejuízo da compreensão da manifestação a qual nos referimos.

Entretanto, nossa preferência em adotá-la justifica-se justamente pelo fato de seu uso ser empregado de forma indiscriminada, o que manifesta, de maneira muito clara, o resultado das operações de resignificação.

Verificamos que a ação de bater a bexiga (ou bola), expressa no termo bate-bola, não é, atualmente, um requisito fundamental para caracterizar um bate-bola como tal. Há fantasiados chamados de bate-bolas que não “batem bolas”. Em via oposta, há fantasiados do carnaval que batem bolas, e que não são compreendidos como bate-bolas, como é o caso dos macacos e perrôs citados no capítulo 3.

Sendo assim, reiteramos que há uma tensão entre entendimentos globais e locais dos elementos que gravitam em torno da manifestação dos bate-bolas. Desta maneira, para ser significativo, um discurso precisa articular as iniciativas individuais aos interesses dos grupos, produzindo consensos.

A exemplo do que Frow e Morris observaram em relação à textualidade de um shopping center (FROW & MORRIS, 1996)⁷⁷, pode-se também afirmar que a manifestação dos bate-bolas deve ser entendida como um objeto relacional, mais do que substancial, e que,

⁷⁶ Ao contrário do que se costuma pensar, não temos nenhuma indicação precisa sobre a anterioridade do termo “bate-bola” em relação aos nomes “clóvis” e “mascarado”, ou vice-versa. Não sabemos sequer se estes nomes chegaram a ser utilizados concomitantemente para denominar fantasias diferentes, que posteriormente vieram a se confundir.

⁷⁷ *Thus a shopping mall (...) is a place where many different things happen, and where many different kinds of social relations are played out. It is, of course, the end point of numerous chains of production and transportation of goods, as well as of the marketing systems that channel them to consumers (and of the financial structures that underlie all this). These chains belong to regional and national as well as to global circuits (the 'gourmet' aisle in the supermarket or the shelves of a delicatessen make visible the global nature of the capitalist marketplace, and may evoke something of the history of its formation, while the produce section may – or may not – be quite local in its reach. In each case the forms of packaging and presentation – 'exotic' or 'fresh', for example – will carry particular ideologies and particular aesthetic strategies). In another of its dimensions, the mall is an architectural construct, designed in accordance with an international format (...); it constructs (...) a particular existence and image of community, and works in calculated ways to display the rewards and pleasures that follow upon work (...). It sets up a normative distinction between men's and women's interactions with this space, and between adults', children's, and teenagers' uses. It distinguishes sharply, of course, between its affluent clientele (the proper subjects of its community) and those who are less welcome – some of them, like schoolkids, it may tolerate; others, like vagrants and drunks, it will not. The aesthetic organisation of the mall has to do with the gratification of desire and the organisation of bodies of space; it's a sensual, subtly coercive kind of space.*

But it is also a space that is put to use, that is diverted to ends other than those foreseen by its architects and managers and guards. This is perhaps the most familiar lesson of cultural studies: that structures are always structures-in-use, and that uses cannot be contained in advance (FROW & MORRIS, 1996, p.352).

portanto, os significados que lhes são atribuídos podem não se conectar com aquilo que teria sido a essência original do objeto.

Como pudemos observar em nossa investigação direta, as ações e objetos que se articulam para definirem uma determinada brincadeira de bate-bola constituem um inventário bastante amplo, porém limitado por uma espécie de acordo simbólico entre todos envolvidos na brincadeira. É neste ponto que reside a tensão conceitual que identificamos. É por isso que as ações e os elementos que compõem brincadeiras de bate-bolas são tão heterogêneos mas, ao mesmo tempo, mantêm um contato muito estreito uns com os outros.

2.7 Os bate-bolas, no contexto social mais amplo

A manifestação dos bate-bolas não se realimenta somente de conceitos internos à sua cosmologia. Ela se apropria dos elementos da cultura de massa para se reinventar, atualizando ali os seus repertórios de elementos culturais. Em ambos os sentidos pode-se falar do agente cultural como um consumidor de conceitos e um produtor de significados.

Ultimamente têm surgido muitas questões a respeito das incorporações de elementos da indústria cultural pela cultura popular. Nesse sentido, há os que argumentam que assimilação do funk, de influências a moda, e de tecnologias avançadas e caras, por exemplo, estaria desvirtuando a manifestação das turmas dos bate-bolas, enquanto cultura.

Não vemos as apropriações e ressignificações investidas na manifestação dos bate-bolas contemporâneos desta forma. Acreditamos no conceito de cultura como um campo contestado, controverso e catalisador de influências, e, neste sentido, tais incorporações não estariam fazendo mais do que indicar a ocorrência do movimento dinâmico da manifestação enquanto processo. Entretanto não negamos que estas incursões podem determinar rumos diferentes dos convencionais para a brincadeira, mas entendemos que esta possibilidade também é natural aos objetos culturais de uma forma geral. Ao contrário do que se costuma argumentar, entendemos que o processo hegemônico da cultura, em certo sentido, é enriquecedor, pois torna os objetos mais complexos na medida em que os mantém no jogo da disputa pelas significações.

Há de se observar que, por outro lado, a indústria cultural também produz leituras sobre a manifestação das turmas de bate-bolas. Citaremos alguns exemplos.

A editora Marvel Comics, famosa mundialmente pela publicação de histórias em quadrinhos de super heróis, lançou uma edição denominada “Wolverine – Black Rio”, cuja

capa se vê na Ilustração 98⁷⁸. Na história, o herói Wolverine teria vindo passar o carnaval no Rio de Janeiro, até deparar-se com a gangue dos “bate-bola boys”. Trata-se de mais uma leitura da manifestação, na qual os bate-bolas são descritos como meninos do subúrbio que se disfarçam e assustam turistas e moradores locais durante o carnaval (Wolverine Black Rio, 1998, p. 15) (Ver esta definição no idioma original na Ilustração 99).



Ilustração 98 – Capa da revista de história em quadrinhos do herói Wolverine, publicada em 1998 no Canadá. Na história, o herói luta contra os “bate-bola boys”, do Rio de Janeiro (Wolverine Black Rio. New York: Marvel Comics, 1998).

⁷⁸ No Brasil, a Editora Marvel nacional teria publicado a mesma história, com o título “Wolverine – Rios de sangue”. Apesar de o enredo ter sido mantido, a gangue que o herói enfrenta na versão brasileira da história é uma gangue de vampiros sanguinários, e os bate-bolas sequer são mencionados.



Ilustração 99 – Os “bate-bola boys” da história *Wolverine – Black Rio* são definidos como espécies de vigaristas, ou ladrões. Na ilustração eles apresentam uma visualidade bastante influenciada pela visão norte-americana das gangues urbanas. Em vez das bexigas e bandeiras, os bate-bola boys ameaçam atacar o herói Wolverine com tacos de baseball e tchacos (Wolverine Black Rio. New York: Marvel Comics, 1998, p. 15).

Na música popular os bate-bolas também já foram mencionados. O grupo O Rappa associa a manifestação dos bate-bolas às favelas da Zona Oeste do Rio de Janeiro, e menciona as fantasias que usariam a bexiga de boi:

Vá dizer pra ela que o curral / do samba é a passarela / vá dizer pra ela que o Rio de / Janeiro todo é uma favela / Senhor, Candeia, Noel / Cartola, Adoniram / Vá dizer pra ela que o som / Que eu faço vem lá da favela / Me vem na memória as rodas de samba / E o batuque na palma da mão / Roda de samba de bamba / Velha guarda, Portela / Velha guarda, Mangueira / Viola, Jamelão / Vá dizer pra ela que o curral / Do samba é a passarela / Vá dizer pra ela que o Rio de / Janeiro todo é uma favela / De Madureira a Sepetiba / Passando por Santa Cruz / *Bate-bola de bexiga de boi / Bate-bola de sebo de bexiga de boi / É nos terreiros do samba / Que a molecada cresce / E ama sua escola / E faz as mãos e os pés sangrarem.* (FALCÃO e XANDÃO, Lado B Lado A, 1999).

O rapper Marcelo D2, numa letra autobiográfica, diz já ter se fantasiado quando menino, morador de Bangu:

1967, o mundo começou / Pelo menos pra mim / E a minha história reduzida / É mais ou menos assim / Nascido em São Cristóvão / Morador de Madureira / Desde pequeno acostumado a / Subir ladeira / Me lembro dos meus tempos de moleque / que sempre passava as férias no final do 77 / Padre Miguel sempre 10 na bateria / Saudoso mestre André / Sempre soube o que queria / Futebol na rua F ou no campo de baixo / Você sabe / Meu tio Gentil era um esculacho / Andava pelas ruas vestindo o meu *bate-bola* / Se tu passasse em minha frente / Era melhor tu sair fora / Carnaval de rua perigoso e divertido / Mas passei por tudo isso / Entre mortos e feridos (...). (MARCELO D2, Eu tiro é onda, 2005).

Os bate-bolas também já serviram à publicidade. Em 2006, uma foto dos integrantes da Turma do Cobra foi veiculada no catálogo de ofertas da cadeia de lojas Leader Magazine, no período do carnaval.

As artes em geral também já elaboraram leituras acerca dos bate-bolas. Citamos como exemplos, a seguir, as pinturas e demais registros de Aloysio Zaluar⁷⁹ (ver Ilustração 101 e Ilustração 102) e o vídeo de Elias Fajardo, Lilia Vale e Rubem Savaget⁸⁰ (Ilustração 103).



Ilustração 101 – O curta metragem “O clóvis vem aí”, produzido por Aloysio Zaluar, registra alguns momentos do carnaval de Pedra de Guaratiba, por volta dos anos 1970, onde os clóvis eram protagonistas. Este vídeo encontra-se disponível para download na internet no blog do artista (www.aloysiozaluar.com.br).

⁷⁹ O artista plástico Aloysio Zaluar teria começado a acompanhar os clóvis de perto na década de 1970, quando se mudou para o bairro de Pedra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Deslumbrado com a potência estética da manifestação, mas, ao mesmo tempo, impressionado com a precariedade do contexto sócio-econômico dos clóvis, Aloysio começou a pesquisa-los e a registrar suas manifestações por meio de fotografias e filmagens.

Estes registros deram origem ao curta-metragem “O clóvis vem aí”, divulgado em 1976, e também serviram de material etnográfico para o trabalho da antropóloga Alba Zaluar, irmã do artista.

Além dos registros, Zaluar produziu uma série de quadros que adotaram os clóvis como tema. Em 1978, o artista expôs seus registros e produções artísticas sobre os clóvis de Pedra de Guaratiba à Bienal Latino-Americana de Arte. Até os dias atuais Aloysio Zaluar acompanha os clóvis pelos carnavais de rua cariocas. É possível que tenha sido o primeiro pesquisador a se preocupar com o tema. Para justificar seu interesse nestes fantasiados, Zaluar diz acreditar na força da contestação social silenciosa que estes fantasiados empreendem.

⁸⁰ O curta metragem denominado “Batelândia” fora lançado em 2006, como uma produção conjunta do artista plástico Elias Fajardo, da antropóloga Lilia Vale e do editor de imagens Rubem Savaget. No vídeo misturam-se imagens capturadas por meio de fotografia nos carnavais da Cinelândia dos anos de 2004 e 2005.



Ilustração 102 – Aloysio Zaluar produziu uma série de quadros tendo os clóvis como tema, a exemplo do quadro representado na fotografia (Orango, Aloysio Zaluar, 1978) .



Ilustração 103 - Esta é uma das imagens mostradas na videomontagem de Elias Fajardo, que foi produzida tendo como material as fotografias que o artista tirou dos bate-bolas na Cinelândia, nos carnavais de 2004 e 2005 (<http://www.sjonline.com.br/content/view/497/2/>).

Conforme se pode notar, os clóvis têm obtido visibilidade em meios diferenciados. Com isso, a difusão destes fantasiados tem sido ampliada ao ponto de suscitar interesse na mídia internacional e de despertar curiosidade e admiração em turistas nacionais e estrangeiros.

Com o assédio crescente, e dado o ritmo acelerado da renovação da brincadeira, não há como se prever o futuro da manifestação. Porém, nos dias atuais, a brincadeira dos bate-

bolas do Rio de Janeiro pode ser descrita como uma das mais expressivas manifestações populares carnavalescas, tanto pela beleza de sua plasticidade quanto pela mobilização que as turmas de bate-bolas concentram, em torno de suas espetaculares aparições públicas. De fato, ver de perto um bate-bola, observar seus movimentos, sentir o cheiro da essência, ao som do funk, do rap ou do samba e das bexigadas no chão aguça os sentidos: desperta a emoção seja pela beleza, pelo perigo ou pelo mistério componentes do evento.

4 CONCLUSÃO

Os bate-bolas são personagens característicos do carnaval do Rio de Janeiro. Entretanto, conforme pudemos ver, sua manifestação não tem tanta projeção quanto outras manifestações carnavalescas populares locais, como os desfiles de escolas de samba e os blocos carnavalescos da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo.

Apesar de sua visibilidade relativamente pequena num âmbito maior, nos lugares em que as turmas de bate-bolas se manifestam, elas costumam ser extremamente expressivas, principalmente pela sua capacidade de mobilizar o público local, atraindo olhares e gerando as mais diversas expectativas e espécies de comentários.

A manifestação das turmas de bate-bola parece estar em expansão. Ouve-se falar de muitos novos nomes de turmas de bate-bolas surgindo no universo carnavalesco popular do Rio de Janeiro a cada ano; também se percebe a presença dos grupos de bate-bolas em localidades do município - e até mesmo do Estado do Rio de Janeiro - onde, até então, não era comum encontrá-los. Com isso, a manifestação tem alcançando uma visibilidade aparentemente crescente na sociedade em geral.

Apesar destas possíveis evidências de crescimento da manifestação das turmas de bate-bolas no carnaval do Rio de Janeiro contemporâneo, vimos que poucos estudos acadêmicos se voltaram a produzir um conhecimento mais aprofundado sobre a brincadeira, e os poucos que existem limitam-se, na maioria dos casos, a estabelecer descrições baseadas em maneiras generalizadas de brincar de bate-bola.

Percebemos que os textos sobre os bate-bolas tendem a se concentrar em algumas das facetas da brincadeira, que são aquelas que se mostram mais constantes, deixando de abordar e de explicar as diferenças e variações da manifestação. Além disso, vimos que mesmo os aspectos contemplados nos estudos descritivos devem ser aplicados, hoje em dia, cuidadosamente, pois muitos deles mostram-se defasados em relação às novas formas de visualidade e de performance características das manifestações das turmas de bate-bolas da atualidade.

Para entendermos a manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas de uma forma mais totalizante e atualizada, buscamos considerar todo o tipo de informação possível sobre ela, de fontes diversas. Assim, além de recorrermos aos estudos acadêmicos progressos, recorreremos também à mídia impressa, à mídia digital, à sociedade em geral (que chamamos de senso comum), aos fantasiados e às pessoas envolvidas direta e indiretamente na realização

das brincadeiras dos bate-bolas contemporâneos, de forma a registrarmos e compreendermos as visões correntes em cada um desses meios.

O que percebemos não foi um consenso, mas sim uma coexistência de formas variadas e até mesmo controversas de entendimento da manifestação. Para alguns, a brincadeira contemporânea dos bate-bolas relaciona-se à tradição, mas para outros, à inovação; para alguns, trata-se de uma prática relacionada à marginalidade, mas para outros, é uma forma genuína de arte e de cultura popular; para uns relaciona-se à agressividade e à violência, mas para outros, é brincadeira e diversão; para uns é sinônimo de pobreza e miséria, mas para outros, é sinal de status pelo dispêndio.

Para buscarmos entender o que teria levado a este conflito de visões da atualidade, pesquisamos brevemente o histórico da manifestação dos bate-bolas no Rio de Janeiro. Percebemos que em relação às origens da manifestação também há desencontros, lacunas e controvérsias. Algumas histórias situam o nascimento dos bate-bolas no bairro de Santa Cruz, no município do Rio de Janeiro, na década de 1930. Porém há registros escritos que falam de fantasias similares em épocas anteriores a esta década. Além disso, há quem defenda a história de que os bate-bolas seriam oriundos da zona norte da cidade.

Embora tenhamos levantado algumas questões acerca das narrativas históricas sobre os bate-bolas, sabemos que este é um assunto que merece ser visto com mais atenção, e que necessita de uma pesquisa mais específica, atenta às diferenças terminológicas que denominam a brincadeira e também às influências assimiladas pela manifestação no decorrer do tempo, pois as observações que fizemos se prestaram somente a demonstrar de maneira breve a existência de incoerências e de diferentes interesses subjacentes a cada história de origem que analisamos.

Além das informações teóricas, acompanhamos, registramos e analisamos certas práticas de algumas turmas de bate-bolas por meio de análise etnográfica. Através destes registros, concluímos que as turmas de bate-bolas contemporâneas são grupos que instituem certas identidades, compartilhadas coletivamente. Compreendemos as turmas de bate-bolas como espécies de grupamentos comunitários porque notamos a existência, em níveis diferenciados, de elementos simbólicos de manutenção de identidades coletivas em todas as turmas analisadas, como por exemplo a existência de nome, de emblemas, de lemas, bandeiras, e também, de histórias e ideais, entre outros elementos.

Percebemos que as turmas de bate-bolas contemporâneas empreendem leituras particularizadas do personagem bate-bola, que, no Rio de Janeiro, seria a representação local de uma espécie de arquétipo global de comicidade (que tem sido encontrado representado

com feições próprias em diferentes localidades do Brasil e do mundo). Falamos em leituras particularizadas porque não encontramos um padrão rigoroso e estável da manifestação do bate-bola balizando as formulações e reformulações das brincadeiras de cada turma. Ao contrário, presenciamos a existência de repertórios abertos de elementos materiais e performáticos com significados flutuantes, a partir dos quais as turmas elaborariam suas “versões” para a fantasia e para o comportamento dos bate-bolas.

Como forma de ilustrar a multiplicidade e a variabilidade características dos elementos componentes da manifestação das turmas de bate-bolas, expusemos alguns dos elementos materiais e performáticos captados das turmas de bate-bolas observadas no momento da pesquisa. Mostramos que estes elementos são variados, que são opcionais e que são abertos à resignificação. Mostramos ainda que os repertórios material e performático são dinâmicos e que se alimentam de elementos do cotidiano dos brincantes que, por sua vez, ao serem incorporados à brincadeira dos bate-bolas operam o duplo de adquirirem outras significações e de, ao mesmo tempo, conferirem outras significações à manifestação.

Entretanto, como também tivemos a oportunidade de verificar, as incorporações de elementos à manifestação dos bate-bolas não se dá de maneira completamente livre. Ela se submete à compreensão mais ou menos consensual que se tem da manifestação no universo conceitual compartilhado por todos os bate-bolas. Isto fica claro ao observarmos a classificação das turmas de bate-bolas em “estilos”, que são as categorias criadas pelos brincantes e correntes no universo conceitual da manifestação, e que se estabelecem por meio de identificações / diferenciações entre as turmas.

Um estilo pode ser compreendido como uma articulação de determinados elementos materiais com outros determinados elementos performáticos, associados a certos tipos de comportamentos. Ao relacionarmos uma amostragem dos estilos que identificamos no decorrer da pesquisa, privilegiamos a exibição visual dos elementos materiais a se combinarem para caracterizar cada estilo analisado – através da representação destes elementos no formato de desenho técnico. Elaborando a legenda com os desenhos técnicos, pudemos oferecer uma noção imediata das diferenças materiais de elementos tidos como genéricos - como o macacão, a casaca, a máscara e os adereços de cabeça, mão, pernas e pés - , marcando visualmente as diferenças materiais existentes entre eles. Em seguida, mostramos cada estilo analisado e suas respectivas articulações de os elementos materiais e elementos performáticos, e os tipos de comportamento associados a cada combinação específica.

Demonstramos que o repertório de estilos também não é fechado ou estável, demonstrando que além de se constituir com bases em elementos de repertórios abertos e

instáveis, um estilo pode também mudar de configuração, novos estilos podem ser constantemente criados, antigos estilos podem ser renomeados e há estilos que podem deixar de existir. Além disso, mostramos haver a possibilidade das turmas de bate-bolas de migrarem entre estilos.

Com isso tudo o que se pesquisou e que se observou, não poderíamos deixar de perceber como características marcantes da manifestação das turmas contemporâneas de bate-bolas a capacidade de hibridismo, de dinâmica e de dissenso, reforçadas pela existência de diferentes formas de brincar sob uma designação genérica.

Em dados tipos de abordagem teórica, a dinâmica e o dissenso característicos da manifestação poderiam levar até mesmo a se desqualificar a brincadeira dos bate-bolas enquanto objeto cultural, pois a cultura popular normalmente oscila entre duas concepções clássicas: aquela que entende o popular como sendo o campo de resistência às investidas dos meios massivos, da autonomia simbólica e da perpetuação da tradição através da conservação dos costumes; ou aquela que compreende o popular como o campo da submissão às investidas efêmeras da indústria cultural, da passividade simbólica e da ignorância ou da negação das “raízes” culturais.

O que vimos na manifestação dos bate-bolas contemporâneos não se enquadra nem em uma nem na outra destas concepções de cultura popular. Para nós, a cultura popular é, ao contrário, o terreno no qual as transformações são operadas (HALL, 2003, p. 232). Ela não se expressa nem pela autonomia pura, nem pelo total encapsulamento; nem como algo inteiro e coerente, nem como algo corrompido (Ibid., p. 238-9), mas sim como a tensão entre estas polaridades. E, enquanto tensão, a cultura popular engendra movimento.

Para os Estudos Culturais as impurezas são características inerentes ao objeto cultural, pois um objeto cultural seria estabelecido num processo constante de contatos e influências. A cultura popular seria a arena de disputa simbólica pela definição dos objetos culturais, cujos significados permaneceriam sempre conflituosos e contestados. Por isso, adotamos os Estudos Culturais como campo teórico para subsidiar a análise da manifestação, tal qual ela se apresenta nos dias de hoje, em sua totalidade, e considerando as suas constantes atualizações.

No caso da manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas, as lutas simbólicas nas quais os brincantes estão envolvidos podem ser observadas por dois prismas: pelo da disputa simbólica entre as turmas, na qual está em jogo a definição hegemônica da manifestação das turmas de bate-bolas; e pelo da disputa simbólica sobre a definição dos objetos apropriados do cotidiano e incorporados aos repertórios de bens simbólicos da manifestação.

Quanto às disputas simbólicas entre as turmas, que são as que mais nos interessam, afirmamos serem lutas em processo porque não identificamos a existência de uma definição hegemônica da brincadeira que norteie os caminhos a serem percorridos pelos brincantes, na constituição de sua prática, de uma forma fechada, inequívoca. Também não vimos, na constituição das formas particulares de brincar, uma total liberdade de se auto-formularem de maneira muito dissonante em relação ao que se costuma praticar no universo maior da manifestação.

Compreendemos a manifestação dos bate-bolas como um objeto cultural complexo, tenso, disputado, numa espécie de luta onde se lida com adesões e recusas simbólicas. Nesta manifestação, percebe-se que os brincantes ora se submetem às regras alheias, ora determinam regras para o jogo. São agentes culturais em potencial, e sua ação se manifesta por meio do consumo particularizado, ou seja, pelas formas próprias de uso dos bens simbólicos estabelecidos no seio do universo conceitual da manifestação.

Compreendemos, finalmente, que a manifestação dos bate-bolas não deve ser definida em ambiente externo ao universo simbólico da manifestação, pois cabe aos bate-bolas da contemporaneidade decidirem o que é, atualmente, a manifestação das turmas de bate-bolas.

Esperamos, com nossas argumentações, termos contribuído com informações mais atualizadas e abrangentes sobre a manifestação das turmas de bate-bolas, em sua complexidade atual. Esperamos também ter levantado mais uma possibilidade de abordagem do conceito de cultura popular, o que acreditamos ser de extrema relevância nos dias atuais, em virtude da ocorrência de tantas manifestações tidas como fronteiriças, ou impuras, e que estão aguardando por consideração.

Como complemento deste trabalho, em continuidade à análise da manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas em suas interações, acreditamos ser relevante abordar mais detalhadamente a relação da manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas com o contexto social mais amplo, considerando melhor as leituras da manifestação promovidas por agentes culturais externos ao universo simbólico da manifestação das turmas dos bate-bolas.

Acreditamos também que seja relevante realizar uma pesquisa histórica detida naqueles que teriam sido os modelos de comicidade popular sobre os quais a manifestação dos bate-bolas veio se definindo ao longo do tempo e que, ao que parece, possuem raízes bem mais profundas e bem menos lineares do que aquilo que investigamos até aqui.

Vemos a manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas como uma expressão cultural popular extremamente potente e em franca expansão. Acreditamos que as disputas

simbólicas acerca da definição do seu conceito perdurarão por muito tempo, e que com isso, nos brindarão com muitos novos espetáculos de fecundidade estética, de criatividade e de talento, afinal, ao contrário de tantas outras brincadeiras carnavalescas que surgiram e desapareceram ao longo dos anos, a brincadeira dos bate-bolas permanece, dando uma prova de que a sua abertura às assimilações do cotidiano tem sido uma garantia de longevidade.

Desejamos, que num futuro próximo os bate-bolas venham a ser reconhecidos e valorizados no cenário carnavalesco do Rio de Janeiro mais por sua beleza e por sua expressividade plástica, do que por qualquer espécie de demérito que, porventura, seja associado à sua manifestação, pois entendemos a manifestação das turmas de bate-bolas contemporâneas como uma genuína e inequívoca expressão da cultura e da arte populares.

REFERÊNCIAS

- ACKERMANN, Luciana e CARVALHO, Marcelle. *Luxo no carnaval longe da Sapucaí*. Extra, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 2007. Caderno Geral, p. 6.
- ARAÚJO, Paulo Roberto. *PM toma 150 porretes de grupo de bate-bolas*. O Globo, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 2002. Primeiro Caderno, p. 13.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BARRETO, Lima. *Vida urbana: artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1956. BENNET, Tony. Popular culture and the “turn to Gramsci”. In: STOREY, John (org.). *Cultural theory and popular culture: a reader*. Essex: Pearson Education Limited, 1998, 217-24.
- BERTHOLD, Margot. *História mundial do teatro*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- BIAGGIO, Jaime. *Guerra, paz e arte no subúrbio*. O Globo, Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 2005. Segundo Caderno, p. 1.
- BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: UNESP, 2003.
- BRANDO, SILVIA. *Tirinhas de sucesso na vida de um artista*. O Globo, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1998. Caderno Zona Oeste, p. 15.
- BRINCADEIRA com alegria e sem sustos. O Globo, Rio de Janeiro, 05 de março de 2000. Caderno Baixada, p. 11.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.
- CARNAVAL, BEXIGA, FUNK E SOMBRINHA. Direção de Marcus Vinícius Faustini. Rio de Janeiro: KL Produções, 2005, Gravação em DVD, 99 minutos.
- CARNEIRO, Sandra Maria Correia de Sá. *Balão no céu, alegria na terra*. Rio de Janeiro: Funarte, 1986.
- _____. *Carnaval na periferia: as turmas de Clóvis*. Textos escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 144-152, outubro, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.
- CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 8, p. 179-92, 1995.

- CONDAL. Fábrica de máscaras de carnaval. Disponível em <www.condal.com.br>. Acesso em: 2007.
- CONTADOR, Antonio Concorde. Escravos, canibais, blacks e DJ's: sonoridades e identidades juvenis negras no Brasil. In: PAIS, José Machado e BLASS, Leila Maria da Silva. *Tribos urbanas, produção cultural e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004, 151-79.
- DA MATTA, Roberto. *Universo do carnaval: imagens e reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Pinakotheke, 1981.
- _____. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- D'AYALA, Píer Giovanni e BOITEUX, Martine. *Carnavals et mascarades*. Paris: Bordas, 1988.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ECOMUSEU. Ecomuseu do Quarteirão do Matadouro de Santa Cruz. Disponível em <www.quarteirao.com.br>. Acesso em: 2006.
- EM quatro dias Estado já tem 238 mortes violentas. O Globo, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2001. Primeiro Caderno, p. 14.
- FALCÃO e XANDÃO. *Lado B Lado A*. Rio de Janeiro: Warner Music, 1999. Compact Disk com duração de 54 minutos.
- FERREIRA, Felipe. *O Livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- _____. *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- _____. Prefácio. In: *Guia do carnaval de rua*: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro; São Paulo: BEI Comunicação, 2007.
- FISKE, John. *Understanding popular culture*. London and New York: Routledge, 2005.
- FLOGÃO. Álbuns de fotografias virtuais. Disponível em <www.flogao.com.br>. Acesso em: 2006.
- FRADE, Cáscia. *Folclore brasileiro: Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979. FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro: século XX*. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2005.
- FROW, John e MORRIS, Meaghan. Australian cultural studies. In: STOREY, John (org.). *What is cultural studies? A reader*. London: Arnold, 1996, 344-67.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1989.

- GONZALES, Lélia. *Festas populares no Brasil*. Rio de Janeiro: Index, 1989.
- GUERRA de grupos de bate-bolas mata um e fere 5 em Marechal Hermes. O Globo, Rio de Janeiro, 04 de março de 2003. Primeiro Caderno, p. 10.
- GUERRERO, Leonardo Sansón. 2007.
- GUIMARAENS, Dinah. *Máscaras e fantasias de carnaval*. Rio de Janeiro: Funarte, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. Hegemony, intellectuals and the state. In: STOREY, John (org.). *Cultural theory and popular culture: a reader*. Essex: Pearson Education Limited, 1998, 210-16.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zény & CORREIA, Roberto Lobato (orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, 169-90.
- HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage Publications, 1997.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HERSHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.
- HUIZINGA. Lohann. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1938.
- IFEC. Instituto Fecomércio de pesquisas. Disponível em: <<http://www.fecomercio-rj.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=novo2006&inford=987&sid=141>>. Acesso em: 2006.
- JACINTHO. *O Clovis*. Revista Fon Fon. Rio de Janeiro, 11/02/1928, p. 58.
- JANOTTI JÚNIOR, Jeder Silveira. Mídia, Cultura Juvenil e Rock and Roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. In: BARBALHO, Alexandre & PAIVA, Raquel (orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Editora Paulus, 2005, 115-29.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: na introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- MARCELO D2. *Eu tiro é onda*. Rio de Janeiro: Chaos / Sony Music, 1998. Compact Disk com duração de 52 minutos.
- MARS. *Nice en carnaval*. Paris: Société Française d'Éditions d'Art. 1898.
- MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

- NOPH. Núcleo de Orientação à Pesquisa Histórica. Disponível em: <www.quarteirao.com.br>. Acesso em: 2006.
- ORKUT. Página virtual de relacionamentos por meio de redes de contato. Disponível em: <www.orkut.com>. Acesso em: 2007 / 2008.
- PAIVA, Marcelo. *Ainda há carnaval de rua em seu bairro?* O Globo, Rio de Janeiro, 02 de março de 2000. Caderno Zona Norte, p. 2.
- PASTOUREAU, Michel. *O pano do diabo: uma história das listras e dos tecidos listrados*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- PEDERNEIRAS, Raul. *Cenas da vida carioca*. Rio de Janeiro, 1924.
- PIMENTEL, João. *Blocos: uma história informal do carnaval de rua*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- RANGEL, Sérgio. *Fantasiado, funk também põe seus blocos na rua*. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 de fevereiro de 2007. Caderno Cotidiano, p. C4.
- REVISTA CARETA. Rio de Janeiro: [s. d.], 16 de fevereiro de 1920, p. 32.
- RIOTUR. Órgão de informações turísticas da Prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/riotur>>. Acesso em: 2006 / 2007 / 2008.
- SÁ, Simone Pereira de. *O samba em rede: comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.
- SAARA RIO. Associação dos comerciantes e amigos da Rua da Alfândega e adjacências. Disponível em: <<http://www.saarario.com.br>>. Acesso em 2006.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Ele é o vovô dos clóvis*. O Globo, Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2007. Segundo Caderno, p. 3.
- SCHECHNER, Richard. *O que é performance?* In: O percevejo: revista de teatro crítica e estética. Rio de Janeiro: Unirio, 2003.
- SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- SILVEIRA, Aressa Egly Rios da. *O misticismo do palhaço da Folia de Reis: encanto, origens, tradição*. Dezembro de 2005. 65 fls. Monografia de graduação – UERJ, IART, 2005.
- STOREY, John (org.). *What is cultural studies? A reader*. London: Arnold, 1996.
- _____. *Cultural studies and the study of popular culture*. Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 2003a.

_____ *Inventing popular culture: from folklore to globalization*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003b.

_____ *Culture theory and popular culture: an introduction*. Essex: Pearson Educational Limited, 2005.

TORRES, Ana Carolina. *Dois jovens são baleados em festa de rua*. O Globo, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2007. Primeiro Caderno, p. 10.

TURMA ANJOS DA LOUCURA. Página eletrônica de turma de bate-bolas. Disponível em: <www.anjosdaloucura.hpg.com.br>. Acesso em: 2007 / 2008.

TURMA DO ÍNDIO. Página eletrônica de turma de bate-bolas. Disponível em: <<http://geocities.com/turmadoundio&keys=indio>>. Acesso em: 2006.

TURMA FASCINAÇÃO. Página eletrônica de turma de bate-bolas. Disponível em: <www.turmafascinacao.com>. Acesso em: 2006.

ÚLTIMA HORA NEWS. Noticiário digital. Disponível em: <www.ultimahoraneews.com.br>. Acesso em: 2006.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: a antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIAJA POR COLOMBIA. Informações turísticas sobre a Colômbia. Disponível em: <www.viajaporcolombia.com>. Acesso em: 2007.

WOLVERINE: Black Rio. New York: Marvel Characters Inc., 1998.

YOUTUBE. Página eletrônica de upload e exibição de vídeos. Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 2007.

ZALUAR, Alba. *O clóvis ou a criatividade popular num carnaval massificado*. Cadernos CERU, n.11, 1^a. série, setembro de 1978: 50-62.

ANEXO A – Modelos dos questionários utilizados nas pesquisas de opinião**Formulário de pesquisa de opinião destinado ao público em geral:**

LOCALIDADE: () Z.NORTE () Z.SUL () Z.OESTE () CENTRO () GRANDE RIO

BAIRRO: _____

IDADE: _____

SEXO: () F () M

SITUAÇÃO PROFISSIONAL: () ESTUDA () TRABALHA () OUTRA

JÁ OUVIU FALAR DE BATE-BOLA? () SIM () NÃO

JÁ VIU UM BATE-BOLA? () SIM () NÃO

O QUE É UM BATE-BOLA, NA SUA CONCEPÇÃO?

ATRIBUA 3 ADJETIVOS QUE VÊM A CABEÇA QUANDO VOCÊ PENSA EM BATE-BOLA:

--

Formulário de pesquisa de opinião destinado aos bate-bolas:

TURMA EM QUE SAI: _____

BAIRRO ONDE MORA: _____

ATIVIDADE PROFISSIONAL: () TRABALHA _____

() ESTUDA _____

() NENHUMA

COMO VOCÊ DEFINE UM BATE-BOLA?

POR QUE VOCÊ SE FANTASIA DE BATE-BOLA?

ANEXO B – Registros das entrevistas presenciais

Entrevista com Marcus Vinícius Faustini, diretor do documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”, realizada na Escola de Cinema Darcy Ribeiro em 13 de abril de 2006, às 19h.

Faustini, eu queria conversar sobre os bate-bolas, porque minha pesquisa é sobre eles, sobre as fantasias, mais, eu acho...

Bem, Aline, eu não sei muito bem como te ajudar. Você viu o filme?

Vi, sim. Em Santa Teresa. Achei muito interessante. Me conta sobre a produção do filme, então...

Bom... eu sou de Santa Cruz, do Cesarão, você sabe onde é, né? Eu posso te dizer que a política me tirou dali daquele lugar. A política e o teatro. Foi pela vontade de mudar aquela realidade que eu me filiei a um partido, comecei a ler, a estudar, li tudo o que caía na minha mão. Aí eu ficava olhando pra aquele monte de caras, aquele monte de marmanjo e me dava até uma certa raiva, por aquilo que eu via e que achava ser a maior alienação...

Eu já saí de bate-bola.

Eu ficava vendo aqueles bate-bolas, aquela alegria perdida no meio da favela, e não entendia o porquê de ser assim...

Eu saí do Cesarão, comecei a fazer teatro, a atuar, depois a dirigir...

Mas aquilo que acontecia lá continuava me intrigando...

Eu já fui marxista... mas hoje eu ando pensando um pouco diferente sobre muitas coisas. Você já leu o professor Milton Santos? Já leu Canclini? Você tem que ler Canclini. Culturas híbridas...

Então, eu achei que era a hora de voltar lá, e que já estava pronto pra entender aquilo tudo de outro jeito. Foi daí que surgiu a idéia do documentário.

Acho que a Cris pode te ajudar muito.

Vou te passar o contato da Cristiane Braz. A Cris também morou em Santa Cruz. Ela é historiadora. Foi ela a responsável pela pesquisa do filme. A Cris fez os contatos e eu fui com a equipe pra captar as imagens.

Tenho mais de 60 horas de gravação, de onde saiu o filme. Acho que seria bom você ter acesso a isso.

Tem muita coisa que pode te interessar, mas eu não sei direito o que você quer.

Nem eu sei bem ainda!

Olha, você falou na fantasia... eu acho que a fantasia é muito curiosa porque é antagônica, é cheia de paradoxos. Os caras se mascaram pra ter visibilidade. Visibilidade social. A fantasia não é uma expressão, nem um resultado. É aquilo ali que eles são. Os caras são invisíveis, entende?

Também tem a simbologia dos elementos: bandeira e bexiga é turma de guerra, e bicho e sombrinha é turma de paz...

Além disso, são homens, que não têm o medo de perder a masculinidade usando uma fantasia feminina, cheia de elementos femininos, cheia de infantilidade. Isso é muito curioso.

A fantasia também, ao mesmo tempo que é figurino, é uma espécie de cenário, que tem cores e formas interagindo com a paisagem. Sabe os parangolés? Pois é uma coisa assim, é uma intervenção urbana também. É arte contemporânea.

E esses paradoxos da fantasia são a expressão dessa crise que caracteriza o Brasil.

Uma coisa boa pra você também é a coisa da identidade coletivas. As turmas de bate-bolas são identidades coletivas. E tem muitas turmas.

Quantas?

Nós estamos com a idéia de fazer um levantamento. Talvez pro ano que vem, tipo um catálogo, pra circular no circuito turístico. Mas não tenho um número certo. Pro filme a gente contou mais ou menos 70 turmas. Fora os grupos da baixada, que eles chamam de molambo. São os grupos que compram fantasias usadas das turmas do Rio, que mudam de fantasia todo ano.

Você poderia falar com o Leonardo, da turma do Caos. Que faz casacas.

Também tem a Fascinação, que é a turma mais organizada, eles têm site, vendem coisas da turma, estão fazendo da turma uma grife.

Outra relação boa pra pensar é a das turmas diferentes. A turma do vovô é mais rural. Usa roupas grandes. As turmas de maior fama têm mais gente, usam menos pano, usam os tênis como adereços...

A turma do Cobra é a mais violenta, mas já ta acabando.

Na turma da Praça a máscara é feita por um menino. Um moleque. É legal pensar essa relação do desenho com a periferia. O desenho é um ofício da pobreza. Nesse meio a cultura letrada não é o forte. Poucos deles vão à escola. O desenho é o meio mais forte de expressão. É o mais acessível.

Acho que você precisa pensar no que vai fazer. Vou ter o maior prazer em ajudar. A idéia do filme era essa, de despertar o olhar pra periferia.

A gente pode marcar pra você ver as fitas. E fala com a Cris. Eu digo pra ela que você vai ligar.

Relatório do encontro com a pesquisadora Cristiane Braz, do documentário “Carnaval, bexiga, funk e sombrinha”, em Campo Grande, em 25 de abril de 2006, às 15h.

Características das turmas:

As turmas do vovô de Santa Cruz usa fantasias maiores, com muito tecido. Quanto mais pesada é a fantasia, maior o status, pois tem que ser “muito homem” pra carregar uma fantasia como esta. Outra característica marcante é a roda do macacão. Quanto mais rodado ele é, maior o espaço aberto pelo fantasiado, ao girar o corpo com a fantasia, o que também lhe agrega valor. Esse tipo de clóvis é conhecido como rastafári. Seu comprimento é bem longo, indo até os pés. Não usa listras. O tecido é liso, sem estampas. Em relação aos acessórios, são os menos elaborados entre todas as turmas. A casaca é simples, de paetês e miçangas e os temas não representam a marca do grupo. Por influência de amigos de turmas de Realengo, que afirmaram ser importante fixar uma marca, a turma do vovô adotou o desenho da Branca de Neve na estampa da sua casaca nos últimos anos. Esta turma usa bola bexiga. Nos pés usam meia e sapatilhas. Estes elementos associam a fantasia da turma ao modelo tradicional de bate-bola.

A turma da Foice de Santa Cruz apresenta na fantasia forte influência dos bate-bolas de Realengo: os macacões são listrados, usam bexiga, bota, casaca de paetês e miçangas porém, no lugar da bandeira, adaptaram um adereço de mão: a foice, símbolo da turma.

A turma da Kuka de Realengo tem a Cuca do sítio do pica-pau amarelo como símbolo tradicionalmente ilustrada nas casacas, que são compostas de paetês e miçangas. Usam bexiga e bandeira e os macacões são listrados. Esta turma pode ter, como acessórios, peruca, bota de espuma e essência.

As turmas de Marechal Hermes costumam ser mais numerosas, o que lhes confere poder. Pra conseguir mais agregados, barateando o custo das fantasias, acabaram por estabelecer uma fantasia mais curta, com menos tecido. Outro fator que pode ter influenciado este encurtamento foi a necessidade de mobilidade por causa das brigas resultantes da rivalidade entre as turmas do bairro. Um fator marcante de diferenciação entre as turmas deste e de outros bairros é a elaboração estética da fantasia: a beleza também é um critério de ambição de status. As casacas não são bordadas. Usam tinta e gliter. Surgiram os macacões

estampados. Há turmas de bexiga e bandeira e também turmas de sombrinha e bicho de pelúcia. Os bichos de pelúcia foram adotados como acessórios num esforço de dissociar a fantasia da violência sugerida pelo uso da bexiga. A sombrinha e o leque foram inseridos na fantasia pelo Cássio (considerado por muitos na região como o pai do bate-bola) aproximadamente nos anos 80, numa tentativa de resistência ao calor, já que os macacões esquentam muito. Foi dele também a idéia de inserir o boá de penas nas casacas. Estas turmas costumavam usar sapatilhas. Como a resistência desses calçados era insuficiente pra suportar todos os dias do carnaval, foi sendo substituída, em alguns grupos, pelo tênis. O caráter utilitário do tênis foi sendo substituído de maneira que ele passou a ser também um sinalizador de status das turmas que, cada vez mais, investem no uso de tênis importados de marcas caras. Entre as turmas de Marechal Hermes estão a Vila Eugênia, a Fascinação, a Turma da Praça, a turma do Cobra, a turma do Caos etc. A turma do Cobra é a mais associada à violência. Trata-se de uma turma numerosa, que se defende deste estigma sob o argumento de que é atacada por outras turmas numa disputa de poder. Por ser a mais famosa de Marechal Hermes, argumenta que caso alguma outra turma triunfe sobre ela num enfrentamento, estará, conseqüentemente, ocupando o seu lugar privilegiado de turma mais poderosa.

Em São Gonçalo e na Ilha do Governador as fantasias são conhecidas como pierrôs e têm características bem próximas do modelo tradicional, no qual o peso da roupa e a extensão do tecido que se gasta na confecção são importantes no resultado visual.

A fantasia tem suas raízes no bairro de Santa Cruz. Na região do Matadouro de Santa Cruz eram adquiridas as bexigas de boi que, depois de secas ao sol, eram amarradas e reconhecidas como o elemento mais característico da fantasia. O mascarado de bate-bola era alguém que, durante o carnaval, aproximava-se dos foliões para dizer com a voz distorcida, coisas particulares da vida da pessoa. Ocultava-se por usar uma máscara, mas aproximava-se por conhecer detalhes pessoais dos indivíduos a quem se dirigia. Isto lhe conferiu o apelido de “parente”. Quando havia o reconhecimento da identidade do mascarado, costumava-se usar a expressão “Êba! Parente” para sinalizá-la e assim, o nome do fantasiado continuava em segredo.

As bexigas de plástico foram sendo introduzidas na fantasia e aos poucos substituíram as naturais, que exalavam mal-cheiro.

As máscaras de tela são produzidas principalmente em São Gonçalo, e também estão ficando mais elaboradas.

Por ser uma fantasia quente, já que o corpo todo fica coberto para manter o anonimato do fantasiado, e sob a qual sua-se muito, além da sombrinha e do leque foi introduzida a essência, para disfarçar o mau-odor, também por volta dos anos 80.

As meias tri-fil usadas com sapatilha foram também sendo substituídas por meiões grossos ou por botas de espuma estilizadas.

Os temas das casacas, quando não simbolizam a própria identidade da turma, aludem a símbolos da cultura de massa, como personagens de desenhos animados, história em quadrinhos e logotipos de marcas famosas, que são os mais comuns. Porém há turmas que vêm se preocupando em escolher ilustrações que remetam a contextos mais elaborados como passagens históricas, imagens religiosas etc.

Há algum tempo um comerciante de Marechal Hermes, proprietário de loja de aviamentos e artigos de armarinho, Seu Magalhães, teve a iniciativa de promover o primeiro concurso de bate-bolas. A partir daí as turmas passaram a incrementar cada vez mais suas fantasias e de ficarem cada vez mais hostis. Essa disputa disseminou a rivalidade e a violência na região. No caso de Santa Cruz, o fato de haver carnavais de coreto sem concursos e sem disputas, e de se ter percebido uma notável diminuição do número de bate-bolas, não há uma concorrência tão enfática. Com a vinda de conjuntos habitacionais para as regiões de Pedra de Guaratiba e Santa Cruz e com o controle do tráfico sobre as áreas de trânsito ficou mais difícil para o bate-bola circular anônimo. Credita-se a isso o quase desaparecimento da fantasia na Zona Oeste.

Em função da manutenção da boa imagem das turmas, os componentes normalmente são incluídos por indicação de membros mais antigos, preenchem cadastro e cumprem normas internas. Os cabeças de turma costumam preencher ficha com um termo de responsabilidade, no posto policial, e são estes que respondem no caso de alguém da turma vir a se envolver em confusão.

As fantasias dos carnavais anteriores são completamente descartadas pelas turmas, como sinal de ostentação e poder. Há grupos chamados de molambos, que pagam preços quase

simbólicos pelas fantasias descartadas. O sigilo na confecção da fantasia é aliado da originalidade que acirra as competições entre as turmas. Há alguns anos a Riotur promove na terça-feira de carnaval na Cinelândia o concurso de bate-bolas. Porém nos últimos concursos notou-se um certo desprezo das turmas pelo evento, que não tem critérios válidos para a seleção das campeãs. O concurso da Riotur copiou o do Seu Magalhães, de Marechal Hermes.

A produção das roupas e acessórios é feita com antecedência em virtude do custo total e do número de componentes. Para baratear o preço de alguns materiais, componentes das próprias turmas se empenham em desenvolvê-los e alguns, empenhados em suas áreas de atuação, produzem, inclusive, para outras turmas, fazendo desta ocupação um meio de vida.

A turma Fascinação tem criado uma série de produtos relacionados à sua imagem, num esforço de tornar-se uma espécie de grife dos bate-bolas. Organizados, eles têm uma página na internet e desenvolvem camisetas, bonés e outros complementos do vestuário que são comercializados durante o ano todo. Tem sido percebido um movimento de reconhecimento das turmas enquanto parte de um quadro cultural. A turma Fascinação tem objetivado atrair turistas estrangeiros para promover um giro mais rápido das suas fantasias anteriores e, da mesma forma, poder cobrar mais deste público pela venda das peças.

Relatório do encontro com André Luiz, um dos organizadores da Turma do Eufrazino, no Passeio Shopping de Campo Grande em setembro de 2006.

A turma do Eufrazino completará 10 anos em 2007 e sairá com mais de 50 componentes. O “cabeça” da turma se chama Sidney. Foi ele quem fundou a turma. A entrada na turma acontece por indicação. Para esta turma, quanto mais componentes, melhor. Não há mulheres na turma, mas há muitas crianças e alguns adolescentes, por uma questão de machismo mesmo. Mulher é muito frágil, se tiver uma briga e tiver que correr, vai ficar pra trás, também pode levar bolada nos peitos... Quase todos os componentes moram em Campo Grande, em locais próximos uns aos outros. Aceitamos ex-componentes de outras turmas, mas isso não costuma acontecer. Ao ingressar na turma, o novo componente passa por um ritual de batismo. Não dá pra controlar muito bem quem entra na turma. Geralmente entra o conhecido do conhecido e não dá pra revistar todo mundo. Tem gente de todo o tipo: polícia e bandido. Tem quem esconde arma dentro da fantasia. A turma procura selecionar pra não ficar feio pro próprio nome do grupo, mas não dá pra controlar tudo. Entra gente de torcida organizada, que já rivaliza com outros times, já há a própria rivalidade entre bate-bolas e também tem a questão dos bairros rivais.

As fantasias começam a ser planejadas imediatamente após o carnaval. A primeira etapa é a escolha da seqüência de cores. Costumam entrar na composição da seqüência de cores entre 5 e 7 tecidos. Calcula-se 5, 6, 7 ou 8 metros por cor para cada fantasiado (o que depende do porte da pessoa). Depois escolhem um tema, que sempre tem o Eufrazino como protagonista. As fantasias começam a ser pagas com antecedência. Estão incluídos neste pagamento a peruca, as luvas, as botas, a bexiga e a arte da mão. O tecido, a costureira e o bolero são pagos por fora. Não há alterações na “armação” da fantasia nem na peruca. Só os acessórios e o bolero são desenhados. O bolero é a parte mais cara da fantasia. Quem faz o bolero da turma há 7 anos é o Mosca. Os boleros do próximo carnaval têm neon e struubol (detalhes luminosos das roupas dos garis). A máscara é quase um acessório dispensável. É sempre a mais simples possível. Compra-se a máscara de tela branca e se faz air-brush em cima. Não dá para pagar caro pela fantasia e tapar a cara, pois não teria como gastar onda assim. A turma indica duas costureiras para a montagem do macacão. A novidade de 2007 é a parceria com o carnavalesco da Escola de Samba Sereno de Campo Grande, o que fez o custo total da roupa cair em aproximadamente 70% e também resultou numa fantasia mais bonita, mais rica. Todo ano a turma prepara um samba-hino. Não gostam de funk, porque incita a violência. E

ninguém consegue ficar parado quando ouve um samba. Funk é coisa de adolescente. O hino de 2007 foi composto pelo compositor e puxador da Sereno de Campo Grande e foi gravado em estúdio.

A turma sai todos os dias de carnaval. Alguns dias antes preparam um roteiro. Alugam ônibus para percorrerem os locais definidos. Não ficam mais de duas horas em cada lugar pra não dar tempo de ter confusão. Costumam ir a Realengo, Marechal Hermes, Santa Margarida, Valqueire, Madureira. Em 2002 estiveram envolvidos no tiroteio da Rio Branco. Um dos componentes saiu baleado.

Fora do período carnavalesco quase todos os componentes se encontram regularmente. Eles têm time de futebol, têm grupo de pagode, organizam a festa do Catuca de Campo Grande, vão aos ensaios da Sereno e da Delírio de Campo Grande, pois têm conhecidos nestas escolas de samba. Alguns cabeças de turma entram em contato na universidade (Unicarioca). A palavra que resume o espírito da turma é “união”. São praticamente uma família. Tanto que alugam uma casa pra passarem juntos os 4 dias de carnaval. Já acordam com churrasco e cerveja. Comunicam-se via rádio no carnaval, entre os ônibus que transportam os componentes.

Há uma previsão de que a turma componha uma ala nas escolas de samba Sereno e Portela.

O grupo se vê como uma família unida, têm condição sócio-econômica boa, alguns pensam que eles são playboys. Adolescente não sai tanto porque não tem bala na agulha pra bancar a fantasia. Definem-se como uma turma de “lustrados”, mas que são diferentes de todas as outras turmas. Pretendem concorrer na Cinelândia no próximo carnaval, pois como são muito diferentes, acham que têm muita chance de ganhar.

Após o carnaval vendem as fantasias todo ano pras mesmas pessoas, por mais ou menos trezentos reais (pra um grupo de Jacarepaguá).

O André (informante) está há oito anos na turma e antes disso, passou oito anos saindo numa turma de índio. A diferença é que os índios têm mandamentos: as tribos se ajudam, se um fica pra trás, todo mundo têm obrigação de ajudar. Com bate-bolas não tem isso.

Mudanças na fantasia: 1998: usavam muito pano pra armar a roupa. 2005: colocaram espuma pra gastar menos pano e a roupa ficar com efeito de armada.

Hoje: o bate-bola é ainda mais leve, com menos pano.

Entrevista com Carlos Donatillo e André “Kvera”, cabeças da Turma da Tropa, em setembro de 2006, na comunidade do Terreirão, no Recreio dos Bandeirantes, em setembro de 2006.

Eu queria saber, a Tropa tem 7 anos, né?

Seis anos. Vai fazer sete no ano que vem.

E nasceu aqui no Recreio?

Aqui no Recreio.

Quem foi que inventou?

Foi o Hebert.

E ele sai com vocês até hoje?

Não.

E aí quem ficou na liderança?

Nós.

Vocês dois?

É.

E vocês sabem de onde veio o nome, por que é Tropa, por que o bonequinho é o Calvin?

Tropa é porque não tinha outro nome... A gente queria juntar muita gente, aí o nome ficou Tropa.

O Calvin?

O Calvin, a gente foi na busca do boneco, passou numa loja de adesivos, aí viu. E também foi por causa da Calvin Klein. Aí a gente pegou e levamos pro cara desenhar.

Então, em seis anos, vocês sempre tiveram o Calvin?

Sempre.

Quando é que vocês começam a produzir o carnaval?

Quando acaba um carnaval a gente já começa a pensar no outro. Tem gente que até antes de acabar o carnaval já tá pensando no outro, né?

E então vocês vendem o bate-bola do carnaval anterior?

É.

Vendem sempre pras mesmas pessoas?

Pro bazar. Pro bazar lá de Realengo. Ou troca por material, também.

É aquele bazar que tem um armarinho, lá, né?

É.

Qual é a primeira coisa que vocês fazem quando pensam na fantasia? Pensam primeiro no tema ou outra coisa? O que vocês fazem primeiro?

É o tema. Primeiro é o tema. Depois, em cima do tema a gente vê as cores, a base, né.

O desenho do macacão todo ano é a mesma coisa?

Não. É sempre diferente. A costureira também vai dando a dica, né: se vai trabalhar com listra mais fina ou com estampa. Ela já trabalha com bate-bola há muito tempo, e falou pra botar a listra até em cima, né, que o desenho vai ficar mais visível e vai ficar bem diferente. Todo ano muda a combinação. Às vezes são cinco cores. Esse ano já vão ser seis cores. A gente vai comprar duas vezes a metragem do cetim branco e estampar a metade. Aí ela vai botar uma faixa branca, normal, e o cetim estampado, que era branco, mas vai cobrir todo de estampa.

Vocês fazem um cálculo de quanto gasta, mais ou menos, de pano, pra cada bate-bola?

42 metros.

É sempre 42?

Não. Se a pessoa for maior, tem que comprar mais. Se for menor, não.

E aí o desenho do macacão vai ser diferente? Independente das listras, vai ser mais largo, mais estreito... Vai ser calça, vai ser saia?

Isso não muda. É sempre saia. Só muda a combinação e mudam as cores também, entendeu? Às vezes vem uma ou duas cores do outro ano, mas sempre muda.

E a turma da Tropa surgiu por quê? Tinha alguém que já saía de bate-bola?

Tinha, todo mundo. É porque todo mundo saía, mas sempre em outros bairros, é que o pessoal comprava bate-bola usado, saía, aí a gente acabou juntando, mas era só com bate-bola comprado. Aí a gente pensou: Por que não fazer um bate-bola? Os caras usavam no outro ano, aí a gente comprava, muitas vezes já surrado, e o preço, pô... às vezes tem dois, três anos que nego já usa... comprar pra usar o quarto ano, já...

Vocês costumavam comprar de alguma turma específica? Ou procuravam pelo mais "maneiro"?

É, a gente via o mais bonito e comprava, né?

E quantos vocês já compraram, por exemplo?

No meu caso, eu nunca comprei não.

Eu já comprei. Kuka. Kuka de Realengo. Da super Skid...

Essa eu não conheço...

É de Realengo, também... Não, é de Paciência.

É? E eles ainda fazem, vocês sabem?

É, eu não vi mais não... Não! Vi foto, mas não sei quando que foi. Deve ter sido de uns dois anos atrás... Acho que lá essa lance de saia acabou. É mais perna, agora. É igual Cosmos.

Então vocês compravam, mas resolveram fazer uma turma própria pra não ficar usando coisas que os outros já usaram?

É.

Saiu mais barato fazer a fantasia, ou não?

Não. Saiu muito mais caro.

Mas valeu a pena?

É, fica mais caro, mas também a criatividade é nossa.

Então, quando vocês começaram, se basearam em alguma turma?

Não, é, a gente parece com a Nestor, com a Eufrazino, tem também a Horda, que é bem diferente, a bota é bem mais alta, aí a gente já usa a bota mais curta...

Botamos o estilo dos dois, no caso, Realengo e Campo Grande...

E modificamos um pouco, assim, botamos mais a nossa aparência.

O que vocês acham que a Turma da tropa tem de diferente?

Ah, não sei... Acho que ano que vem é que vai ser a diferença...

É, ano que vem...

Ano que vem é que vai modificar, muita turma vai querer fazer...

Acho que a maioria das turmas vai se incomodar (rs)

E isso é legal, né? Vocês vão ser admirados e invejados, né?

É, mais na Zona Oeste.

E como vocês fazem? Vocês só ficam aqui?

Não, Realengo e Campo Grande.

Realengo e Campo Grande, todo ano?

É, Vila Nova... Centro da cidade também...

Vai ser o mesmo roteiro, o ano que vem?

É, sempre no último dia é Centro, no sábado, Realengo, Vargem Grande, segunda-feira, e Campo Grande, segunda. A gente sai mais cedo pra vir com eles pra Vargem Grande.

Vocês vão e ficam lá o tempo inteiro?

É, a gente vai e fica, né? A gente vai pra onde tem amizade, a gente liga e avisa: “Ó, a gente vai praí, vamo comprar umas cervejas, fazer um churrasco aí. Aí vai pra lá, faz um churrasco e sai.

E quando vocês saem tem alguma coisa especial? O pessoal da rua fica esperando pra ver, ou não?

A gente começou o carnaval agora, né, bem dizer... mas, a gente sai em Vargem Grande, no caso. A mãe da minha esposa mora lá, a primeira saída é de lá. Aí, do nada, todo mundo fica esperando, né. Isso é no sábado.

E todo mundo da Tropa sai junto ou cada um vai pra um lado?

Não! Sai todo mundo junto, sempre junto. A não ser quem vai namorar, né? (rs)

Mas na saída é todo mundo junto.

Vocês chegaram a me falar que não tem problema ter menina na turma, né?

Não.

Esse ano, 2007, vai ter?

Ia ter, a Rejane. Ela agora foi morar na Ilha do Governador, o namorado dela mora lá, aí ela foi pra lá...

E vocês já sabem quantas pessoas vão sair no ano que vem?

Já tem... Lá tem quantos macacões? Quatro? Cinco!

Mas ainda pode entrar mais gente? Ou vocês já fecham aqui e não entra mais?

Tinha mais gente pra entrar, aí fica naquele que vai sair, não vai sair... Só quem vai sair mesmo é a gente. Mas ano que vem tem gente que vai querer entrar, ainda mais com o modelo do bolero que vai vir, umas paradas diferentes.

Então tá... Quem faz a fantasia pra vocês é sempre a mesma costureira?

Esse ano a gente mudou. A gente fazia com uma pessoa e a pessoa... Bem, não era o que a gente queria... Aí resolvemos trocar. E foi indo, indo, e acho que agora a gente achou uma certa.

E essa costureira faz de outras turmas?

Faz. Faz do Aranha, faz do Eufrazino da Campo Grande, mas sendo que eles mudaram um pouco o estilo deles... Não ficou legal, não...

Ficou diferente, é?

Eles botaram espuma, a manga tava muito grande... Pela foto, assim, não gostei muito não.

O de vocês não leva espuma?

Não, mas tem alguns garotos que vão botar. Eu já não gostei.

Mas aí vocês deixam ficar diferente?

Ah, não vai influir em nada não, entendeu? Vai ficar mais pesado. Só vai mudar uma coisa: um vai ficar cheio, né? Quem botar espuma vai ficar mais cheio... Quem botar espuma, menos, no caso, pra ficar cheio vai ter que botar mais nylon.

Bota nylon?

É, porque cada costura, cada faixa, pega linha de nylon.

Ah, tá, linha de nylon...

É, pra ele armar. A linha pega entre uma faixa e outra. Aí, no caso, a espuma, já pega na faixa inteira. Ela pega a espuma, bota em volta, aí vai armando, entendeu?

Ela que vai dando as dicas de modelos pra vocês ou vocês entendem da costura e vão falando o que querem fazer?

Pela experiência a gente sabe alguma coisa, né... aí fala pra fazer assim... Botar uma com dez centímetros, outra com dois, outra com três... o que ela fala é, tipo, essa aqui vocês podem botar um pouquinho maior, um pouquinho menor... Nesse, vai ter uma faixa estampada. Aí ela falou pra gente colocar a faixa estampada maior. No caso é que eu queria que a faixa da manga pegasse junto com a faixa da saia... sendo que agora já não vai pegar, porque não tem como ela colocar 30cm aqui na manga e fazer a combinação, colocando 30cm na combinação, porque vai ficar tampando a parada do braço. Vamo ver como é que ela vai fazer. Ela vai fazer de tudo pra que quando arriar o braço, pra ficar aqui a estampa e ali também, entendeu?

Aí, a roupa de vocês tem então macacão, bolero, bota, luva, sapatilha, peruca e máscara...

É.

A máscara, vocês compram pronta ou fazem de acordo com o tema?

De acordo com o tema. Só que agora a gente usa mais lycra. É uma máscara de lycra, que a gente vai botar botar uns raios, e tal...

Porque eu tenho visto até no flogão muita gente de bate-bola, mas sem máscara...

É, sem máscara. Quase ninguém usa.

Isso pode ser uma tendência da máscara desaparecer?

Não! A máscara nunca vai acabar! Sempre vai ter, mas o pessoal tem usado menos...

Tem gente que fala que gasta dinheiro fazendo a fantasia pra tirar uma onda, e aí tampa a cara...

É, também tem isso... Mas a turma do Cão Feroz usa uma máscara maneira. Todo ano também, é a mesma máscara. Porque o nome da turma é Cão Feroz. Aí vem todo ano com o rosto do cachorro, tipo naquela borracha EVA, eles fazem o molde certinho...

Os temas, ano a ano... Vocês lembram? Qual foi o primeiro tema?

Foi o punk. Foi o melhor, apesar da gente só sair dois dias, por causa de tumulto.

Mas teve tumulto aqui ou em outro lugar?

Em Vargem Grande.

Como é que é isso? É tumulto com outras turmas?

Sempre começa o seguinte: seu bate-bola tá bonito, aí você vem falar que o meu tá feio, só que o meu tá mais bonito que o seu, aí é claro, eu não vou ficar quieto. Aí a gente fica com

raiva. Fica com raiva e começa a discussão, entendeu? Com a gente, ainda mais que foi primeiro ano, entendeu... O Hebert, desse tamanhão, um “gorila”, ele já é meio estourado, né... Os moleques já são meio alterados.

Com vocês sai criança, também?

Não. Ah! Esse ano vai sair o meu filho.

Ninguém imagina que tem bate-bola aqui no Recreio, né?

É, ninguém imagina! Pô, o pessoal fala: “vocês são malucos, em vez de ir pra praia ficar pegando onda... nesse sol todo...”

Dia de domingo a gente já sai daqui de manhã, o tempo esquentando e a gente vai pra lá, ficar andando atrás de bate-bola.

Isso quando não tem que ir pra Madureira, depois ir pra lá.

Comprar material vai pra lá, pra cá, carrega peso...

A fantasia de vocês, no total, quanto saiu, pra 2007?

É que ainda falta levantar, tá terminando... deve estar uns 500, 600 Reais. É que ainda falta comprar fogos...

Ah, por que não é só a roupa, né?

É, tem fogos, tem churrasco também... Ah, dá uns mil e 200 Reais.

Com transporte, como é que vocês fazem?

É kombi... a gente aluga kombi. Esse ano já vai ser mais difícil, porque o colete não pode ficar um em cima do outro, aí já vamos ter que ir, alguém de carro.

Então, o primeiro ano foi “punk”, e o segundo ano?

Foi o coringa. O terceiro, gladiador, quarto ano, é o deus do trovão.

As fotografias de todos estes, vocês têm lá no flogão?

Não, tem coisas que tem e umas que não.

Como é que faz pra alguém entrar na turma, qualquer um pode entrar? Como vocês fazem pra selecionar?

É qualquer pessoa. Tem gente que começa, depois pára. Ano que vem vai ter um montão pra entrar. Todo ano tem gente que fala: “esse ano vou sair, sei lá o quê”. Tem gente que fica batendo aí que nem maluco, que quer sair, aí eu falo, calma aí, cara, vamos marcar a reunião: tal dia é tanto. Peço logo o dinheiro pra ir adiantando. Aí quem for sair mesmo vai trazer.

Quem faz o bolero, a bota, a luva, é tudo com a mesma pessoa?

É. Não, bolero é um rapaz que faz só bolero. E é só a nossa turma também.

Entrevista com Renato Sepúlveda, líder da Turma Arco-Íris de Campo Grande, em setembro de 2006, por telefone.

Renato, queria saber sobre os bate-bolas... Na Zona Oeste, a Arco-Íris tem um estilo bem eclético e uma visualidade meio inusitada, não?

Aline, beleza? As idéias nas produções das fantasias são fantásticas e geniais. Os bate-bolas são verdadeiros carnavalescos omissos na periferia carioca. Pena que a cultura não é muito aceita pelo preconceito... pois a fantasia é tão complexa...

Complexa por quê?

Olha, já existem alguns nomes definidos: existe o bate-bola, o clóvis, o pierrô, são do mesmo gênero sendo cada um com características diferentes uns dos outros... São estilos, digamos assim... e como todo estilo sofre mudanças, moderniza, evolui...

Por que os estilos mudam?

A necessidade de fazer algo diferente, entra então a criatividade, junto a ela mentes brilhantes que trabalham em cada turma e um grupo de responsáveis trabalhando em nome de todas as turmas, costureiras, artistas na área de pintura... então, como você pode ver, a fantasia é a cara do Brasil: uma aglutinação de conceitos culturais, artísticos e estilos. Se o seu interesse é moda, você vai se dar muito bem! Você pode assistir o filme pra ter uma idéia...

É Renato, eu assisti...

Eu não vi ainda! Estou curioso...

Mas você tinha falado de preconceito... que preconceito?

Aline, eu saio numa turma que tem 17 anos em Campo Grande. O preconceito será difícil de ser superado pelo fato da violência estar enraizada no passado dessa fantasia, no caso, do bate-bola, que algumas turmas que tem o costume de sair pra impor o pânico e o medo, infelizmente ainda estão presentes... mas isto está sendo superado, graças a Deus...

Entrevista com Jeovani da Vila Eugênia, em 20/02/2007, por telefone.

Jeovani, na verdade eu gostaria de pegar com você o telefone do Cássio, que eu perdi...

Eu não tenho o número do Cássio. Só falo com ele pessoalmente. Mas de repente eu posso te ajudar.

Eu queria saber dessa história do Cássio ser o pai da sombrinha, que todo mundo fala...

Ih, isso aí não é bem assim, não.... eu vou te explicar melhor... Nem o próprio Cássio fala isso aí, entendeu? Isso é coisa de gente que acha que sabe de bate-bola, mas que não sabe a história direito... Acontece que o Cássio melhorou a sombrinha. Ele pegou uma coisa que já existia e melhorou.

Existia uma turma chamada de Washington Vila que saiu com uma fantasia preta e branca, com o tema do Popeye, e usava uma sombrinha igual o chapéu da Kibon, com um gomo de cada cor. Era assim, só que um gomo branco e um gomo preto, entendeu? Só que era igual a um guarda-chuva mesmo, com aquele cão curto, aí o Cássio chegou e modernizou a sombrinha.

Depois de ver aquela sombrinha meio tosca, entendeu, ele colocou a sombrinha de renda, como o cabo comprido e forrado, sabe, tipo dama antiga? Esse ficou sendo o bate-bola “dama antiga”, que usava a sombrinha de renda e o leque, de renda, também. O Cássio conhecia um lugar pra fazer essa sombrinha e o leque igual, lá na rua da Conceição, lá no Centro, sabe? Aí foi assim, mas não foi invenção não.

Uma coisa que eu posso dizer que foi a gente, que na época a gente fazia tudo junto, eu e o Cássio, foi o bicho. Ninguém tinha o bicho, sacou? No ano de 1992, a nossa turma veio de duende. A fantasia estava um show. Aí pra complementar a gente conhecia um artista plástico de Itaipu, lá de Niterói, e ele fez um duende de espuma pra gente, que a gente usou com a fantasia. Daí pra cá começou a chover turma com bicho. Mas antes da gente não tinha. Foi assim que começou.

O lance da sombrinha eu não sei direito, mas foi lá por volta, sei lá, dos anos oitenta... O bicho, não. Eu sei que foi no ano do duende, que foi 92, mas a sombrinha e o leque foi bem antes...

Entrevista com Everton, da Turma Everton do Bate-Bola, por telefone, em novembro de 2007.

Oi Everton, você é apontado como uma referência por um monte de gente do meio dos bate-bolas, né? Por quê?

Oi Aline. Eu saio de bate-bola há mais de 30 anos. Quando eu comecei a sair não era nada assim, como é hoje...

Mas então nem era turma de bate-bola?

Turma assim, igual as de hoje, a primeira que eu saí foi a Turma da Hollywood, em 1982, que as listras eram azul, vermelho e branco e tinha o símbolo do cigarro nas costas. Era lá de Pilares. Aquilo era turma, hoje em dia é gangue.

Por que, Everton?

Porque esse pessoal que faz bate-bola hoje é marginal, não é bate-bola... isso me preocupa porque você tem perguntado coisa pras pessoas erradas, que eu vi no orkut... uma meninada que não vai ter nada de bom pra falar...

Ah, é, Everton? Então me explica o que eu devo saber...

Eu também estou estudando, fazendo pesquisa...

De quê?

História.

Onde?

Infelizmente, na Simonsen.

Eu conheço... não é "infelizmente"... é um bom lugar...

É, mas não vem ao caso... Acontece... que o carnaval hoje tá estragado. Bate-bola antigamente era uma coisa só, aquela máscara barbuda, cada um fazia sua fantasia. No máximo, só as capas eram iguais. Hoje em dia virou coisa de playboy, entende? O bate-bola de verdade é fantasia de pobre, é espontânea, não tem que ficar gastando dinheiro pra aparecer nem pra arrumar confusão. Gastar dinheiro com pano é coisa da Zona Oeste. O bate-bola aqui de baixo é um negócio mais simples, entendeu? Mais tradicional...

Sim, tá entendendo, mas como pesquisadora, você entende também, né? Tenho que ouvir tudo o que se fala sobre o assunto...

Tá, tudo bem, mas esses meninos do Cobra, e esse pessoal de Marechal ganha dinheiro em cima do bate-bola. Isso não é amor à fantasia. Eu tenho tudo de bate-bola e não vendo, porque eu não acho isso certo. A Regina vende fita do Seu Magalhães, ganha dinheiro em cima disso,

entende? Não é certo. É exploração. Isso vai fazendo a fantasia mudar, eles querem é ir vendendo, vendendo...

Qual é a fantasia certa, Everton?

Até hoje é mais espontânea. Tem muita gente que sabe o que faz, tem os veteranos dos bate-bolas. Você vai ter só boa informação se falar com o Cássio, com o Mauro, do Manto, com o Paulo Henrique...

Pois é, mas o Paulo Henrique deu um escorregada no estilo clássico, não?

Está vendo como as pessoas te envenenam? O Paulo Henrique mudou de estilo porque faltou dinheiro, mas ele sabe o que faz... pra turma não deixar de sair, ele botou estilo Marechal, mas foi só porque o dinheiro não deu pra fazer outra coisa esse ano... E o gliter é mais econômico.

Ah, ta... Não foi uma crítica, entenda, só estou aproveitando a conversa contigo pra você me explicar essas coisas... de tradição, de novidade...

Quer ver um pessoal que brinca? Vai lá em Cosmos. Eu queria ir lá pra brincar com eles pelo menos um dia...

Ta falando da Multi?

É, da Multicor, conhece?

Já ouvi falar. Conte mais...

A Multi é a turma do meu primo Rafael. Eles são bem espontâneos, entende? Cada um sai do jeito que quer, cada um faz sua fantasia. Nem nome eles tinham!

E de onde veio o nome então?

O pessoal foi comprar o tecido na Tico, e lá só compra turma cadastrada. Na hora eles tiveram que inventar um nome pra se cadastrar. Aí o Multicor foi o primeiro que veio na mente, por causa do jeito coloridão das fantasias...

Entrevista com Luiz da Tico Tecidos, em dezembro de 2007, por telefone.

Olá, eu queria falar com o gerente sobre turmas de bate-bolas.

Pois não, sou eu, Luiz.

Luiz, é verdade que vocês têm uma espécie de catálogo de turmas de bate-bolas?

É, é sim.

Por que isso, pra que serve?

Na verdade, nós temos muitos catálogos. Cada vendedor tem um. É um tipo de cartela de clientes. Todo ano as turmas vêm aqui, escolhem as cores e os tecidos, a gente calcula a metragem e separa, quando tem. Quando não em no estoque, a gente encomenda, pra poder atender todo mundo.

E aí as turmas levam de uma vez?

Não, não. É raro isso acontecer. A gente separa e aí cada pessoa vem comprar a sua metragem. Pra isso que cada vendedor cadastra seus clientes, entendeu? Aí, quem vai vindo, vai abatendo do que estava reservado...

A Tico é muito citada pelos bate-bolas... quanto que as vendas de bate-bolas representam pra loja?

Tudo! A maior venda da Tico Tecidos é pras turmas de bate-bolas. Eles dão preferência porque o preço é bom, o material é bom e a gente já sabe como trabalhar com eles. Normalmente as quantidades são muito grandes. Tem que saber trabalhar pra atender bem todo mundo.

Todo ano é assim, então?

É. Os vendedores já entram em contato com os clientes mais certos, marcam um dia pra atender cada grupo, pra não ter confusão, pra ter exclusividade... Quem compra costuma voltar todo ano. É assim que a gente consegue ter essa preferência toda.

Entrevista com Renato e Rogério, cabeças da Turma Dick Vigarista, em janeiro de 2008, em Realengo, na casa de Rogério.

Renato e Rogério, os dois são líderes?

É, nós dois.

Quantos anos a Dick tem?

Oito anos.

E sempre veio no mesmo estilo?

Aqui em Realengo sai todo mundo mais ou menos no mesmo estilo.

É, a gente é um pouco diferente, tem gente que fala mal, mas a gente não se abala com isso...

Tem gente que fala mal por quê?

Principalmente por causa da casaca.

É que a nossa casaca não é a tradicional, que o pessoal chama de bolero bordado. O bolero da gente é de aplique.

Aplique? Que é isso?

Vou pegar lá, pra você ver.

É, é melhor que explicar.

Olha, no aplique o desenho é formado assim, por partes, deu pra ver como que faz?

Nossa, fantástico, isso! Quem faz?

É o Wagner, que faz da Freddy x Jason também. Eles também não são bem vistos porque também metem aplique...

Mas isso aqui é feito com recorte eletrônico, né não?

Recorte eletrônico? Nada! Isso é tudo na mão!

O cara desenha e corta isso à mão?

É tudo na mão, artesanal, entendeu? É isso o que a gente acha que deve ser entendido como bate-bola daqui. Ta certo que a gente não mete bordado, mas esse trabalho também é todo feito na mão... é muito tempo pra fazer um desses...

Quanto tempo?

Uns três a quatro meses...

Mas quando vocês falam que a fantasia é feita à mão... e a máquina que usa?

Não usa quase máquina no bate-bola da gente.

Só a máquina de costura, que é mais pra juntar as listras uma na outra, entendeu?

E o resto?

A gente faz assim: compra uma camiseta preta hering e monta a parte listrada aqui, tudo na agulha, com linha de seda dobrada, pra ficar mais resistente. Monta a fantasia no corpo, entendeu?

Ah! Caramba! E quem costura na máquina?

Eu costuro (Rogério). Isso é o de menos. Aqui em casa tem uma reta, é só meter as listras ali e mandar ver.

Ah, ta... e o resto, máscaras, botas, montagem do bolero?

Pois é, o bolero te essas duas partes aqui, ó. A gente fecha na agulha. Não tem mistério, ta vendo?

A máscara a gente compra pronta e a bota a gente que faz também...

Mas pra fazer muitas roupas dessas na mão deve ser um problema, não?

Não, pô. Por isso que não dá pra fazer muita. Aqui em Realengo tu não vai ver turma grande. Primeiro que cada roupa dessa é toda artesanal. Segundo que os macacões são grandes. Nem dá pra andar um do lado do outro se tiver muita gente. O negócio aqui e turma pequena...

Quantas pessoas a Dick tem?

Esse ano são sete.

É, e já é muito...

E aí, vocês então só ficam por aqui?

É, a gente dá um role por aqui, no vai no coreto da Capitão Teixeira...

Não vão por outros bairros?

É difícil e fica caro. A gente prefere gastar pra fantasia ficar mais maneira.

Quanto sai uma fantasia dessa de vocês?

Uns 800 Reais. Só o bolero sai 350, fora o pano, os outros materiais...

Como vocês fazem pra juntar o dinheiro pra fantasia? Faz tudo de uma vez? Tem carnê?

Não!

Não, esse negócio de carnê é lá pra Marechal. A gente aqui vai é fazendo aos poucos mesmo.

A diferença entre bate-bola de Realengo e bate-bola de Marechal é bem marcante, não?

Pô, e como é...

O negócio de Marechal é violência, o da gente é mostrar o talento, o trabalho do artesanato, não tem nada, quase nada industrial. A gente quer mostrar essa cultura da gente fazer fantasia.

E as turmas daqui, então, são amigas?

Tem uma maioria que são sim. De vez em quando umas turmas de Bangu que já não existem quase, querem fazer gracinha, mas é mais a base da zoação, sem pancadaria, entendeu?

Me diz uma coisa, como vocês escolhem o tema?

Olha só, o nosso mascote é o Dick Vigarista, do desenho. Todo ano a gente escolhe uma cena nova, mas não coloca só o Dick Vigarista. Vem todo mundo do desenho. O Dick vem em evidência. Aí, cada ano tem um tema em cima da turma. Esse ano é o Egito. Aí a gente pegou uns livros de história pra ver essas coisas do Egito. Eu levei lá pro Wagner, ele fez o desenho pra gente aprovar. Depois de aprovado, ele começa a fazer o bolero, que é o principal...

O resto, as cores do pano, a seqüência de cores, a gente vai vendo, o resto sai...

Entrevista com Rita, proprietária do bazar Edulfo, em 07/01/2008, no bazar Edulfo, em Campo Grande, aproximadamente às 10h.

Oi, eu queria ver mais bate-bolas.

Volta lá pra janeiro, assim, pra meado de janeiro...

Esses já estão vendidos?

Não. Esses não. Mas a gente tá com pouco. Se é pra fazer pesquisa, é melhor voltar mais pra frente...

Esses bate-bolas são do Edulfo?

Não. É tudo dos donos. Eles botam aqui pra ver se vende. A gente pede um preço, o resto fica pro dono.

E se vier muita gente procurando, tipo, pra uma turma inteira?

Aqui a gente faz assim. Eu pego o telefone da pessoa, vejo quantos são que a pessoa quer, no caso, e falo com a pessoa da turma pra ver se tem, e pra negociar um preço. Aí eu entro em contato e faço negócio.

E foto, tem?

Tem as de jornal, assim.

Mas foto pra mostrar, das fantasias, tipo um catálogo... eu ouvi falar que vocês tinham...

Ah... não... geralmente a pessoa vem aqui e pede, aí eu vejo o que dá pra arrumar, sabe? Só que mais perto do carnaval o pessoal vem trazendo e deixa aqui, porque precisa vender rápido. Aí a loja fica mais cheia. Mas fora isso...

Não tem foto nem pra vender?

O que você queria? Eu posso arrumar com o pessoal das turmas. Eles têm muita coisa que eu posso te arrumar.

Eu queria fotos antigas, porque as recentes eu tenho também.

Ah... acho que eu consigo de 2000, por aí... 2002...

Entrevista com Hélio, proprietário do Bazar Peter Pan de Realengo, no bazar Peter Pan, em 10 de janeiro de 2008, às 11h.

Seu Hélio, há quanto tempo o Peter Pan revende fantasias de bate-bolas?

Ah, tem muito tempo... eu sou o mais antigo do ramo na região. E ninguém tem mais fantasia do que eu. Esses bate-bolas todos aí que você está vendo são meus. Tem aqui, tem lá na outra loja, aí na rua tudo. É tudo meu, não é consignação não.

Mas o senhor tem fantasias muito antigas aí?

Não, muito antigas não, porque eu vendo bem, vendo rápido. Mas eu comecei mais ou menos em 80, 82. Tem foto aí pelo meio dessa época. Mas com o carnaval, agora, tá difícil de achar as caixas com as fotos, Eu tirei da outra loja semana passada, pra arrumar os bate-bolas. Depois do carnaval eu separo, vai ter mais tempo, aí eu posso te mostrar. Mas tem foto aí do ano passado, de 2006...

Quem compra as fantasias?

Tem turma que compra fantasia usada. Compra pra turma inteira. Eu vejo as que tem mais, se tão boas, porque as fantasias às vezes vêm bem acabadas, e eu tenho que dar um jeito ainda pra vender. Mas eu já vendi até pra turista. Tem gente que vem procurar, o ano inteiro. Já vendi pra Globo, pra uma pessoa que disse que trabalhava na Globo. Teve um rapaz que disse que ia levar pro Halloween.

Era daqui ou de fora?

Não. Parecia daqui, mas ele ia viajar pra fora...

Quanto custa uma fantasia?

Depende... Tem fantasia de 100 Reais até uns 400 Reais. Depende do trabalho, entendeu, depende do estado da fantasia, de ser turma que o pessoal procura mais...

Como é que o senhor compra isso?

Os rapazes vem aqui oferecer. Eu pago com cheque pré, ou dou troca na mercadoria. Muita gente quer mercadoria pra fantasia nova.

Aí o senhor vai guardando...

É, eu devo ter pra mais de uns quinhentos bate-bolas. Antes eu pegava mais porque eu também distribuía. Lá em Campo Grande o bate-bola era meu.

No Edulfo?

É, o Eduardo pegava aqui e depois pagava só o que vendia. Eu botava muito bate-bola daqui em Campo Grande. Mas aí ele começou a pegar sozinho. Só que ele não tem nada. Lá com ele

é só na encomenda, entendeu? Aí pode ser que o bate-bola venha ruim, estragado, aí não tem nem como reclamar.

É um negócio lucrativo?

Minha filha, no carnaval, aí: eu fecho a eletrônica e boto só carnaval. Só artigo carnavalesco. E não tem erro. O que não vender é meu mesmo. Eu vendo depois. Eu conserto, mudo, e boto pra vender. Tem muita procura.

E o senhor só tem desse modelo, daqui de Realengo?

Ah, só. Aqui não dá outro bate-bola não. O de Marechal só lá em Marechal mesmo, não se mistura, não...

Entrevista com Regina, proprietária do bazar Princesa da Tia Regina, de Marechal Hermes, participante do documentário Carnaval, bexiga, funk e sombrinha. Dia 13 de janeiro de 2008 no próprio bazar.

Olá querida!

Os bate-bolas são isso aí, essas maravilhas aí, ó, pode ver! Tem uns trezentos aí pendurados.

É tudo seu?

É tudo meu. Nem to comprando mais agora, pra loja esvaziar um pouco.

Por quanto a senhora compra uma fantasia, em média?

Ah, tem gente que pede mais ou menos 50, 80, mas a maioria pede mais. Eu vejo a roupa, se está novinha, vejo o que dá pra fazer... Aí, ó, tudo máscara do Carlos. Esse menino é um artista. Olha que coisas lindas!

É, são lindas. Como foi participar do filme, dona Regina?

Ah, foi bom, né? Mostrar os meninos... eu reuni todo mundo, foi difícil! Eu falei com o Faustini que ia fazer um churrasco pra juntar todo mundo, mas não é fácil juntar eles, assim...

E valeu a pena o esforço?

Olha, esses meninos são verdadeiros artistas. Eu acho todos lindos. Acho que cada um tem seu valor. Não tem essa coisa de que gosta de um, não gosta do outro... todo mundo trabalha e é talentoso. Eu valorizo todos eles. Não vejo diferença. É que cada um tem seu jeito. Um inventa uma coisa aqui, outro já capricha mais ali, mas eles têm que entender que é tudo bate-bola, cada um vê o bate-bola de um jeito. Pra você ver, estive um rapaz aqui procurando um tal de “roda baiana”. Eu não sei o que é roda baiana, pra mim é tudo bate-bola. Mas ele explicou que não queria bate-bola que calça porque achava cafona. Eu mostrei os bate-bolas pra ele, tudo lindo, mostrei os que ele queria ver. Mas eu não separo assim. Cada um tem seu valor...

Mas aqui não tem bate-bola tipo os de Realengo...

Pois é, é o que eu disse, eu acho que todos são bate-bolas, mas o que usa aqui é diferente, cada um vê o bate-bola de um jeito. Eu respeito. Eu respeito a todos, mas aqui o bate-bola é visto diferente.

A senhora compra e expõe? E o preço de revenda, como é feito?

Ah, tem roupa que está mais jeitosinha, tem umas que vem muito estragadas, aí depende do jeito da roupa. Se tiver muito estragado nem vale a pena pegar, não...

E a turma do Cobra? Seu filho é um integrante dela?

Ah, o Cobra também é lindo! Você sabe, tem um rapaz que trabalha na Leader Magazine. Um dia ele trouxe um encarte com a foto dos meninos. Lá na Leader eles iam fazer aquele encarte, sabe, das promoções, dos preços? Ele é da turma, e trabalha lá. Aí o Cobra saiu! Eu ganhei uma pilha. Veio todo mundo do bate-bola pra pegar comigo, o encarte!

A senhora tem ainda, pra mim?

Ah, eu tenho, mas tenho que procurar... mas eu te dou, não é pra vender não. É pra botar na pesquisa!

Entrevista com Leandro, líder do Grupo Enigma, em Marechal Hermes, em 13/01/2008, às 14h, aproximadamente.

Leandro, me explica tudo o que você puder explicar da fantasia...

Olha, a fantasia é essa aí que você ta vendo. Essa aí é o piloto. Eu fiz pra testar a estampa, tanto que você ta vendo que tem uns problemas aqui na estampa, mas que a gente já resolveu.

Como é que se faz essa estampa?

A primeira coisa é escolher o desenho. A gente escolheu e o Jeovani fez a arte-final. Aí eu mando fazer o filme de cada tela. Cada cor que você ta vendo aqui é uma tela, olha. Elas todas de encaixam, ta vendo? Isso aqui, essa marca, é o registro. Todas as telas pegam aqui em cima, pra o desenho ficar certo. A mesma coisa dessa estampa acontece nas casacas, nas sombrinhas... é tudo o mesmo processo.

E isso é caro, não?

É, é bem caro, sim. Eu mando fazer os filmes porque quero que tudo seja certinho, entendeu? Só que só cada filme desse é trinta reais, só os filmes, hein! Ainda tem que mandar gravar cada tela, de cada cor... comprar as tintas... Estampar, não. Eu mesmo estampo. Eu e o Alan, que é o dono da casa.

E dá trabalho?

Dá trabalho! Depende do tempo, depende de estar sol pra secar, depende dos horários da gente, porque todo mundo trabalha... nenhum de nós faz só isso aqui. Cada um tem sua profissão, então, por isso, a gente gasta todo o tempo livre, perde descanso, perde família, perde namorada, perde tudo...

Qual é a sua profissão?

Eu sou engenheiro de produção. E além disso, também tenho uma empresa que faz isso aqui, ó (mostrando fotos no celular): espetáculo pirotécnico. O da praia de Ramos, no Reveillon, fui eu que fiz. É outra coisa que me faz até perder dinheiro, mas que eu gosto de fazer.

Você perde dinheiro fazendo bate-bola?

Ah, é certo perder uns 3, 4 mil. Pra ver a brincadeira bonita, na hora sempre acontece de ter que botar mais dinheiro, porque só o que a gente arrecada não dá.

Como é a arrecadação?

Eu faço uma estimativa. O bate-bola da gente tem que ficar entre 600 e 650 Reais. Eu divulgo o valor, os rapazes vão pagando do jeito que podem. Quem não quiser mais sair, ou quem parar de pagar por algum motivo, eu devolvo o dinheiro. É isso que às vezes dá prejuízo, entendeu? Em outras turmas, se não terminar de pagar, já era! Perde o que deu, entendeu? Eu

não, eu trabalho com dinheiro em caixa. Quem desistir pega o dinheiro de volta. A fantasia que fica, eu tento passar pra frente. Normalmente é fácil passar.

Você tem muita experiência com isso, né?

É, a Bolo me deu muita experiência. A gente faz tudo da fantasia, Faz pra nós e faz também pras turmas dos outros. Aí vai pegando a prática, vai aprendendo com os erros...

E por que a Bolo Doido agora é Grupo Enigma?

É e não é... é mais ou menos. Acontece que a Bolo Doido, assim como o Grupo Enigma vai ser, é marca registrada.

Registrada mesmo?

É! A Bolo é empresa, se eu não me engano, de confecção. Foi o Jaime que registrou, que era o cabeça junto comigo. Acontece que a Bolo veio me dando muita dor de cabeça, muito desentendimento, entendeu? Não que a gente tenha brigado, porque a gente não brigou... a gente achou melhor separar pra não ficar pior, entendeu? Mas aí o Jaime fez questão do nome da turma. Falou que se eu quisesse levar adiante teria que ser com outro nome. Aí surgiu o Enigma. O grupo é praticamente o mesmo da Bolo, porque o Jaime não botou a turma esse ano, aí veio todo mundo comigo, ainda entraram mais uns.

Quantos componentes vocês vão ter?

Trinta.

Trinta com as mesmas fantasias?

É, quase as mesmas. Eu sempre coloco umas pequenas variações pra não dar a idéia de monotonia, entendeu? Pra dar uma idéia de movimento... Por exemplo, você pode ver aqui nessas estampas, que são das sombrinhas, que todas elas têm um contorno, ta vendo? Esse contorno pode vir em três variações: verde, laranja e rosa. Na casaca, que eu vou te mostrar lá no Alan é assim também.

E como que é feito esse contorno?

Isso é tela também. A gente manda fazer a tela e estampa.

Então toda a técnica é essa?

Mais ou menos, porque tem coisa que mesmo sendo mais rápido e mais barato fazer com a tela, a gente prefere fazer na mão.

Por quê?

Porque senão a fantasia fica sem emoção, entendeu? Tem gente que põe fantasia na rua com 300, 400 Reais... É tudo na tela, mas você vê que não tem nada feito com paixão, é tudo mecânico.

Bom, então um engenheiro de produção, “cartesiano”, metódico, está falando que deve haver paixão na fantasia... é isso o que te move? Ou o quê? Porque você até agora só falou em trabalho, prejuízo, cansaço... por que fazer bate-bola, então?

É isso... É brincar de bate-bola é uma paixão... A gente quer fazer o negócio pra ficar bonito, pra sentir orgulho da fantasia. Eu sempre quis sair, desde molequinho e não podia. Agora eu junto gente, boto dinheiro até do meu bolso pro grupo sair bonito. Só esse ano já botei uns três ou quatro mil. A gente tenta se superar, colocar novidade no bate-bola é por amor mesmo, por amor à fantasia.

Mas também é uma questão de poder, não?

De poder, sem dúvida, de poder.

Como é que você vê essa questão de poder entre as turmas? O que faz de uma turma a poderosa?

Bom, aqui em Marechal, eu acho que é a beleza da fantasia, a riqueza...

E, nestes termos, qual é, pra você, a turma mais poderosa daqui?

Acho que a Bolo Doido sempre vai ser a Bolo Doido... Mas a Turma da Praça, do Padeiro, também é poderosa. Pra sair na Praça, não é qualquer um que sai. Esse ano a fantasia deles ta 1.500. Vai vir linda. Eu já faço uma coisa que é bem feita, mas que fique num preço intermediário.

Leandro, uma coisa engraçada na Bolo, e agora na Enigma, é a quantidade de adolescentes, né, que não é muito comum em outras turmas...

É, sai uma garotada que sonha com a Bolo, e que vê na turma uma turma de diversão, de tirar onda. Turma de sombrinha é mais na base da ostentação do que na porrada. Isso faz com que os pais fiquem menos preocupados também.

Mas tem violência na tua turma também?

Olha só, isso é uma realidade que não dá pra ocultar... este ano mesmo tem um camarada amigo nosso, cabeça de outra turma, que vai botar a turma na rua só pra arrumar confusão com um pessoal. Já falamos com ele, eu, o Alan, mais um monte de gente. É muito trabalho, é muito dinheiro... mas ele vem determinado, já avisou que não tem jeito que vai pegar quem quer pegar na porrada. Da mesma forma pode acontecer dentro da turma. Não vou dizer pra você que não acontece, de neguinho botar a fantasia com a intenção de arrumar problema. Eu acho uma perda de tempo, mas que acontece, acontece.

Bom, fala mais da fantasia... e os complementos? Você estampa, e quem confecciona?

A fantasia toda sou eu que faço.

De todo mundo?

Da turma inteira. Eu costuro cada macacão e fecho as casacas também. Os kits não. Um kit, não sei se você sabe... são as luvas, o meião e o capuz da máscara, que a gente manda fazer fora porque usa outro tipo de máquina. O macacão e a casaca eu fecho nessa máquina aqui, que é semi-industrial. Mas a parte de lycra, do kit, eu mando fazer todo ano na mesma costureira. Já a sombrinha, eu estampo e mando pro Enéas. Ele faz a sombrinha de 100% das turmas de sombrinha. Você já deve ter ouvido falar nele. Eu mando o pano assim, com esse recorte, mas ele não gosta. Eu já expliquei pra ele que não tem como mandar sem o recorte e o acabamento ficar bom... a armação das sombrinha não é plana! Mas ele diz que dá um jeito, só que eu não confio... prefiro mandar do jeito que eu entendo... A parte da frente da casaca é com esse pano aqui, ó.

Mas esse já vem estampado de fábrica?

Esse aqui por acaso veio. Mas eu já estampeei ou então já encomendei estampa corrida direto da Jocitex.

Por quê?

Não me pergunte como, que eu não sei, mas um funcionário da loja de tecido pegou direto da fábrica pra gente, sem passar pela loja, entendeu? Só que a loja descobriu, e proibiu a Jocitex de fazer isso, que era prejuízo pro comércio aqui... teve até ameaça de boicote das lojas. Aí a gente teve que continuar ou comprando direto da loja, ou comprando liso e a gente mesmo estampando. Por dentro da casaca ainda leva a espuma, pra casaca não ficar pesada, pra não murchar.

Certo. E o bicho?

É um amigo que está fazendo nosso boneco desse ano. Vai ser um reizinho de espuma.

Como você escolheu o tema de 2008?

Olha, o almanaque Disney é uma espécie de bíblia pros cabeças de turma. Todo mundo coleciona. Por isso que é até perigoso copiar um desenho ou outro do almanaque. Tem gente que fala que eu só boto Alice no país das maravilhas. Não é verdade: você pode ver aqui na estampa os naipes das cartas. Na verdade o tema é o exército de cartas da Rainha de Copas, e não o Mágico, entendeu? Aí eu pego uma cena e misturo coisas da história com outras que eu crio, pra não coincidir de ter ninguém igual a gente.

Vocês têm hino? O que compõe a brincadeira de vocês?

Não, a gente não tem dinheiro pra isso. O dinheiro vai só pra roupa, alguma coisa pros fogos. A gente bota queima de fogos também. E a saída eu não sei ainda de onde vai ser, se será daqui ou de um salão, lá perto da linha do trem. A gente marca a hora da saída no domingo, e na terça vai pra Cinelândia, pro Concurso.

Entrevista com Break (Anderson), componente recém-admitido no Grupo Enigma, em Marechal Hermes, em 13/01/2008, às 14h, aproximadamente.

Break, você vem de Santa Cruz pra uma turma de Marechal?! Com tantas turmas mais próximas! Por quê?

Ah, cara, sair de bate-bola é uma coisa, assim, de identificação. Eu sempre saí de bate-bola. Já saí em Santa Cruz, em Cosmos, e Realengo... Mas nenhuma fechava com o meu estilo, sabe como é?

Sempre fui fã da Bolo.

Acompanho tudo que a Bolo faz pela internet, tenho as fotos de todos os anos, e sei que essa é a turma que tem a minha cara.

Conheci os guris pela internet, acabei fazendo amizade e, esse ano, sou Enigma.

ANEXO C – Levantamento das turmas de bate-bolas mencionadas em comunidades do Orkut e em entrevistas com os fantasiados

COMUNIDADES DO ORKUT DE TURMAS DE BATE-BOLAS E TURMAS CADASTRADAS PELA REDE DE CONHECIMENTOS DOS ENTREVISTADOS	
DESCRIÇÃO	ENDEREÇO ELETRÔNICO (no caso de ser comunidade virtual)
A Tropa	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=4201314
Agunia 2008 sinistro como nois	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34828687
Amigos da turma do Caneco	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10876082
Anjos da Loucura - A Original	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=3857787
Arrepio	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5979390
Atentados	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=33501101
Bicho Rei	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=25318966
Bonde dos que se foda	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10144525
Camélias uma família	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=11157007
Chapeleiro Maluco	*
CM (Complexo de Madureira)	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10661749
Coyote de Paciência	*
Dick Vigarista de Realengo	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=11041630
Everton do bate-bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=11707017
Freddy e Jason	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=15600088
Garfield de Realengo 20 anos	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=37925689
Grupo Enigma	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=40753952
Havita do A.P.	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=8313688
Inspiração o melhor bate-bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=30030430
Kaboom	*
Kuka de Realengo	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=26465483
Magia Turma de bate-bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5859062
Manto de Cascadura	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=12883163
Nestor CG - bate-bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10132402
Nova Geração de Campo Grande	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=19581079
Os crias	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10502594
Os Galáticos	*
Os Gênios	*
Os Melhores	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=26642806
Os Piratas	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=32975932
Puro Stilo 2008	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=31335163
Quem quer sair no Mais Pressão	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=28593514
Rebelião	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=21959566
Rei Leone	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=24450502
Rock Brita	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=20668094
Sedução... Até o fim!!!	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=12944642
Simplesmente Bolo Doido	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6648606
Turma Amizade de Marechal	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6307425
Turma Animaniacs	*
Turma Arco-Íris	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=7388087
Turma Arrepio Anchieta	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10961878

Turma Atividade	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5979390
Turma Audácia JPA	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=4610835
Turma Chega Mais CG	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=38539183
Turma Chico Bento	*
Turma da Criatividade	*
Turma da Agunia	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=12043276
Turma da Alegria	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10961878
Turma da Arte	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9896357
Turma da Avenida	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=26505680
Turma da Demorô	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6704921
Turma da Foice	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=12120932
Turma da Folia	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6544741
Turma da Imaginação	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10743137
Turma da Morte (Realengo)	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=19821940
Turma da Praça	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6544741
Turma da Rebeldes de Cavalcante	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9222178
Turma de bate-bola GMH 2008	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=41451640
Turma de clóvis { Rei Leone }	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=29324687
Turma do Brilho	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5343687
Turma do Caos	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10985144
Turma do Cássio	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=29692621
Turma do Chapolin	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=25234223
Turma do Charada	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18285225
Turma do Cobra	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9486082
Turma do Eufrazino	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9443628
Turma do índio	http://www.orkut.com/CommPending.aspx?cmm=6376381
Turma do Índio e do Hiago	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10143558
Turma do Marvin	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6103362
Turma do Milênio	*
Turma do Vovô do Clóvis	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=32464525
Turma Duas Faces	*
Turma Emoção de Nilópolis	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=36065496
Turma Explosão	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=13059190
Turma Fascinação	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=2171060
Turma Folia	*
Turma Gênios do Barulho	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=23625790
Turma Magia	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=11672669
Turma Marcelo e Armando	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=15696623
Turma Multicor	*
Turma Revelação de Bento Ribeiro	*
Turma Sedução	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10899500
Turma Sempre Jovem	*
Turma Sutil	*
Turma Tempestade de JPA	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9885684
Turma Urtigão	*
Turma Vai Vendo	*
Turma Vamp	*
Turma Velha Guarda	*
Turma Vietnã de Mesquita	*

Turma Tirando Onda	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=10286109
Turma Vila Eugênia	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=5122351
Turma Visual de Rocha Miranda	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=14574220
Turma Zangado	*
Turma Zorra Total	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=33673041
Zueira... O bate-bola + bonito	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=15679705

OUTRAS COMUNIDADES DE BATE-BOLA	
Adoro divulgar bate - bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=26066469
Bate-bola	*
Bate Bola e Bandeira	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=28750513
Bate-bola é cultura popular	*
Bati bola mais bonito de jpa	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=28343507
Carnaval só com batebola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=25870517
Carnaval, bexiga, funk e sombrinha	*
Chega de mutreta na Riotur	*
Coreto da Capitão Teixeira	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18366575
Eu amo bate-bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=11867158
Eu curto bate-bola	*
Eu faço casaca de bate-bola	*
Eu saio de bate-bola	*
Eu saio de bate-bola, e daí?	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=17544507
Eu saio em turma de bate-bola	*
Eu sou louco por bate-bola	*
Meu bate-bola é muito foda	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9860626
Meu bate-bola é o mais bonito	*
Nois sai de bate bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=23911665
Seu Magalhães era o cara	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=16848945
Todo ano eu saio de bate-bola	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=26940077
Turmas de bate-bola RJ	http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=9758114
Turmas de clóvis - bate-bolas	*
Viciados em bate-bola	*